

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ERIKA MORAIS CERQUEIRA

O PASSADO QUE NÃO DEVE PASSAR:
HISTÓRIA E AUTOBIOGRAFIA EM GUSTAVO BARROSO

Mariana
2011

ERIKA MORAIS CERQUEIRA

O PASSADO QUE NÃO DEVE PASSAR:
HISTÓRIA E AUTOBIOGRAFIA EM GUSTAVO BARROSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens

Linha de pesquisa: Ideias, Linguagens e Historiografia

Orientador: Prof. Dra. Helena Miranda Mollo

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011

C416p

Cerqueira, Erika Moraes.

O passado que não deve passar [manuscrito] : história e autobiografia em Gustavo Barroso / Erika Moraes Cerqueira - 2011.
125f.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Miranda Mollo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Historiografia - Brasil - Teses. 2. Sociabilidade - Teses. 3. Barroso, Gustavo, 1888-1959 - Teses. 4. Intelectuais - Brasil - Teses. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.

CDU: 930(81):165.63

Catálogo: sisbin@sisbin.ufop.br



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

Erika Morais Cerqueira

**O passado que não deve passar:
história e autobiografia em Gustavo Barroso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Dra. Helena Miranda Mollo
Departamento de História, UFOP

Prof. Dra. Rebeca Gontijo Teixeira
Departamento de História, UFRRJ

Prof. Dr. Mateus H. de Faria Pereira
Departamento de História, UFOP

À memória de meus pais, Mucio e Maria das Graças e, ao meu amado Samuel – os grandes incentivadores de todos os meus projetos de vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, agradeço a boa acolhida ao meu projeto, o que serviu de incentivo para a realização desta dissertação. Ao REUNI, pela concessão da bolsa que possibilitou a dedicação exclusiva ao curso e à pesquisa.

Não poderei deixar de fazer uma menção especial a Helena Mollo, minha orientadora, cujas contribuições excedem os limites desse trabalho. Além de sua erudição e olhar perspicaz, que muito contribuíram para minha formação, sou grata pelo apoio e compreensão constantes, baseados, sobretudo, na confiança que depositou em mim.

Devo um especial agradecimento aos professores Rebeca Gontijo, Fernando Nicolazzi e Mateus Pereira, pelos comentários oportunos e sugestões no exame de qualificação, todos relevantes ao posterior desenvolvimento do estudo. Aos membros da banca de defesa da dissertação sou grata pela leitura e avaliação crítica deste trabalho.

A realização do presente estudo seria impossível, caso eu não pudesse ter contado com a contribuição de algumas pessoas. Umas deram-me o apoio e o incentivo fundamentais para que eu persistisse mesmo diante das dificuldades e dos contratemplos. À Maria do Carmo Saraiva pela leitura atenta deste trabalho e pelos conselhos sempre oportunos, e, à Keila Auxiliadora Carvalho que, desde a preparação para a seleção, demonstrou grande generosidade. Ao professor Tiago Melo Gomes, eu não tenho como expressar a gratidão por seu auxílio, crucial para concretização desse ideal. Ao professor e amigo Mário Nogueira por me encorajar a trilhar os caminhos da pesquisa. Agradeço especialmente à família Alvim: Magna, Célio, Arthur e Fábio pela acolhida calorosa e pelos momentos de descontração, que foram imprescindíveis para a renovação das energias positivas. Um abraço a minha turma de mestrado, as amigas com que me agraciaram permanecerão para além das salas de aula e das separações geográficas. Aos amigos Daniel, Luciana, Maria Edith, Débora, Mariana e Valdemir por terem tornado a adaptação mais fácil e divertida e, especialmente, por tornarem essa fase menos árdua. Ao amigo Cláudio pelas inúmeras contribuições ao longo dessa caminhada.

Serei eternamente grata a minha família pelo companheirismo e compreensão demonstrados ao longo desse percurso, tão sinuoso devido às intempéries da vida. A Sabrina, Marcelo, tia Júlia, tia Zé, tio Irineu, tio Zé, tia Nely, tia Carmelita, tio Gabriel, Rafick,

Alysson e Andréia, vocês foram pessoas que, decisivamente, me auxiliaram. Eu, com certeza, sucumbiria caso não pudesse contar com a ajuda dessas pessoas.

Aos meus amados pais dedico esta dissertação. Agradeço, infinitamente, pela confiança ilimitada que me dedicaram. Acredito que não seja necessário muito esforço para descrever a *marca* que a ausência de vocês exerce sobre mim. Peço desculpas pelas inúmeras ausências nesse período e, sobretudo, pelos momentos de desequilíbrio que me impossibilitaram de lhes prestar uma real ajuda.

Por fim, ao Samuel que, com sua cumplicidade amorosa, tornou a vida mais doce e o futuro mais belo, e a quem devo o sentido de tudo isso.

A Deus, pelo dom da vida.

“Hoje, o que mais me importa é o
que já passou e o que se está
passando. Não sonho mais: olho
para trás. A mocidade vive no
futuro, a maturidade no presente, a
velhice no passado”.
Gustavo Barroso

Resumo

Cerqueira, Erika Morais. *O Passado que não deve passar: história e autobiografia em Gustavo Barroso*. / Erika Morais Cerqueira – 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História.

A presente dissertação trata da representação do passado na obra historiográfica de Gustavo Barroso (1888-1959). A delimitação temporal corresponde, principalmente, à publicação de “O Culto da Saudade”, em 1912, no *Jornal do Commercio*, e, à divulgação de sua trilogia de memórias *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1941). A questão está em perceber a função primordial que o passado assume na produção desse intelectual cearense que residiu na cidade do Rio de Janeiro dos vinte e dois anos de idade até o ano de sua morte. Na expectativa de desvendar as nuances do pensamento barroseano, procuramos investigar a trajetória do escritor, relacionada ao contexto histórico vivido por ele, de maneira a explorar, também, a rede de sociabilidades estabelecida na Primeira República. O caráter polígrafo de Barroso nos levou a problematizar as matizes que orientaram sua produção, pois, partimos da hipótese que, malgrado as diversas ocupações do escritor, uma mesma concepção de história orientou sua produção historiográfica, museológica e folclorista. Ressaltamos que tal acepção privilegiava, sobretudo, a importância do passado militar para a história da nação, com uma acentuada *marca de saudade* em todas as atividades que empreendeu.

Palavras – chave: Gustavo Barroso, história intelectual, sociabilidade, historiografia brasileira, conceito de história.

Abstract

Cerqueira, Erika Morais. *O Passado que não deve passar: história e autobiografia em Gustavo Barroso*. / Erika Morais Cerqueira – 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em História.

This dissertation deals with the representation of the past in the historiographic work of Gustavo Dodt Barroso (1888-1959). The temporal delimitation corresponds mainly to the publication of the "Culto da Saudade", in 1912, in the *Jornal do Commercio*, and disclosure of his trilogy of memoirs *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) and the *Consulado da China* (1941). The question is essential to understand the role the past assumes in the production of this northeastern intellectual who lived in the city of Rio de Janeiro from the age of twenty-two to the year of his death. Hoping to uncover the nuances of the thought barroseano, we investigate his path, related to the historical context in which he lived, also, in order to explore the network of sociability established in the First Republic. Barroso's polygraph characteristic led us to question the subtle distinctions that guided his work, that is, assuming that, despite the writer various occupations, the same conception of history guided his historiographic, museological and folkloric productions. We highlight that such a sense had privileged, above all, the importance of his military past to the history of the nation with a significant *mark of nostalgia* in all activities he undertook.

Key words: Gustavo Barroso, intellectual history, sociability, Brazilian historiography; history concept.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TRAJETÓRIA E SOCIABILIDADES: MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO ...	23
1.1 Autobiografia – O retorno de um gênero?.....	25
1.2 Gustavo Barroso por ele mesmo	27
Coração de Menino	27
Liceu do Ceará	37
Consulado da China	39
1.3 A Vida na Capital das Letras	45
2. NOTÍCIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO TEMPO: A HISTÓRIA EM GUSTAVO BARROSO	53
2.1 Passado: “relicário arquitetural”	54
Os tempos do Museu	66
2.2 História: “métodos objetivos e lições do passado”	69
Saudade e reminiscência: há um método em Barroso?	72
3. A HISTÓRIA MILITAR COMO HISTÓRIA DO BRASIL	82
3.1 História Militar e Usos do Passado	91
Os protagonistas da história: a biografia barroseana.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
FONTES	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

INTRODUÇÃO

(...) quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação ¹.

Em 1958, por ocasião do septuagésimo aniversário de Gustavo Barroso, foi organizado um evento em homenagem ao escritor por diversos intelectuais e políticos, figuras iminentes à época, muitas vinculadas às instituições que o autor fora sócio. No dia 29 de dezembro, celebrou-se uma missa solene em Ação de Graças, na Igreja Nossa Senhora do Rosário, e compareceram os amigos, a família, membros do Corpo Diplomático, além das personalidades vinculadas à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em seguida, inaugurou-se, na livraria São José, uma vitrina com um retrato do escritor e uma composição com todas as suas obras encadernadas. Carlos Ribeiro pronunciou o discurso de inauguração, salientando as virtudes literárias de Barroso. O embaixador José Carlos de Macedo Soares destacou os trabalhos do autor de *Terra de Sol* na ABL, exaltou o patriotismo demonstrado em sua missão no Chile e enalteceu suas qualidades pessoais.

A principal cerimônia teve lugar no Museu Histórico Nacional, onde Barroso fora homenageado pelos funcionários do museu, especialmente pela amiga Nair de Moraes Carvalho, que documentou a cerimônia e a registrou nos Anais da instituição ². As bandas de música do Corpo de Bombeiros e dos Dragões da Independência executaram peças de seu repertório e Carvalho proferiu o discurso que antecipava a inauguração de um busto em honra àquele que fora seu diretor por décadas. O almirante Matoso Maia, ministro da Marinha, condecorou Barroso com a placa de Grande Oficial do Mérito Naval, maior grau da Ordem na época.

Posteriormente, empreendeu-se a formatura da turma do Curso de Museu, da qual Barroso era paraninfo, sucederam-se discursos em sua homenagem e, por fim, ele foi agraciado com uma medalha do Exército. As comemorações se estenderam até o dia 30 de dezembro, marcadas por dois momentos: o primeiro, a sessão solene na Reitoria da

¹ PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução Mario Quintana. 17 ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 48-51.

² CARVALHO, Nair de Moraes. As comemorações do setuagésimo aniversário do fundador do MHN. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 10, 1949, p. 263.

Universidade do Brasil e o segundo, a sessão magna da Casa do Ceará, no auditório do Ministério da Educação e da Cultura. O escritor fora laureado também no dia 05 de janeiro de 1959, na biblioteca do Exército, que comemorava seus 76 anos de existência. O embaixador da Espanha d. Tomás Suñer ofereceu, nos salões da Embaixada, uma recepção para a entrega solene ao escritor da Grã-Cruz da Ordem Civil com que o Governo espanhol o distinguiu. Ao longo do ano de 1959, o escritor foi agraciado com outros prêmios que assinalavam sua importância nas letras e na política. Os discursos proferidos nessas ocasiões destacavam, frequentemente, sua relevância como historiador, sobretudo, na área de história militar. Muitos atribuíram ao autor o mérito de promover um reavivamento do estudo desse tema no Brasil e não foram poucas as condecorações das Forças Armadas ao escritor, que sonhou, na infância, seguir a carreira militar.

A importância da Barroso para a museologia e para os estudos de história militar permaneceu como uma marca sua. Em 2003, estudiosos do pensamento barroseano, vinculados, em geral, ao Museu Histórico Nacional, organizaram um dossiê sobre sua obra. Publicado nos Anais do MHN, com o título *Olhares Sobre Gustavo Barroso*, o dossiê reuniu os principais pesquisadores de suas ideias, que discutiram, sob prismas diferentes, sua prática museológica, folclorista e, em alguma medida, historiográfica. A proposta foi assim definida pelos autores:

Produzir um dossiê voltado para a análise da trajetória política acadêmica e profissional de Gustavo Barroso é mais do que lembrar os setenta anos do início efetivo de sua segunda gestão como diretor do Museu Histórico Nacional. O propósito maior que envolve a reunião de artigos escritos por estudiosos do pensamento barroseano é refletir sobre as variadas iniciativas de um intelectual da República das Letras. É conhecer um pouco das inquietações e dos questionamentos de um erudito preocupado em compreender o seu tempo e em contribuir para a condução da nação à civilidade, a partir da valorização das tradições³.

Estruturado em cinco artigos, o material visa discutir aspectos de seu ideário e de suas iniciativas nas diversas instituições em que atuou e, dessa maneira, Lia Sílvia Peres Fernandes conduz uma investigação biográfica do autor de forma a relacionar sua trajetória pessoal aos principais acontecimentos ocorridos no final do século XIX e início do XX. O folclorista é analisado por Fernando Vale Castro, cuja investigação parte do estudo sobre o folclore para desvelar um elemento candente de seu pensamento, qual seja, a relação entre o folclore e a

³ MAGALHÃES, Aline Montenegro. Olhares sobre Gustavo Barroso: apresentação. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2003.

busca do conhecimento sobre a nação brasileira. Cleber José das Neves Reis, por sua vez, reflete sobre uma suposta “marca barroseana” na primeira exposição permanente do Museu Histórico Nacional, realizada no ano de 1924. O pensamento antissemítico de Gustavo Barroso é discutido por Marcos Chor Maio, pesquisador que, nos últimos anos, se dedicou à exploração sistemática da trajetória do escritor na Ação Integralista Brasileira, notadamente, de sua obra antissemítica publicada entre os anos de 1930 e 1940. Ana Cristina Audebert Ramos estuda a iniciativa preservacionista do museólogo, que, entre os anos de 1934 e 1937, dirigiu a Inspeção de Monumentos Nacionais, com uma proposta, acentuadamente, preservacionista do patrimônio nacional.

Outra iniciativa que denota a relevância do intelectual e de sua obra, ultrapassando o marco temporal do século XX, foi a inauguração de um pátio, no Museu Histórico Nacional, em sua homenagem. No pátio Gustavo Barroso foi instalado, no ano de 2006, um busto do fundador do Museu, produzido pelo funcionário Manuel Ferreira Gomes, que o presenteou com a obra na ocasião das comemorações de seus 70 anos, em 1958. Senão de forma contundente, como um grande historiador ou romancista, é certo que, ao menos como museólogo, especialmente, nas memórias relativas ao MHN, seu nome figura de maneira indelével.

A vigência, ainda que frágil, de determinados aspectos de seu pensamento, nos conduz a questionar determinadas informações, divulgadas nos últimos anos por alguns estudiosos. Muitos atribuíram a sua trajetória no integralismo, principalmente as ideias antisemitas veiculadas em sua obra, à obscuridade vivenciada pelo autor, ainda em vida. Tais pesquisadores postularam, inclusive, o apagamento de sua memória nas últimas décadas, informação que relativizamos em nosso estudo, pois, propomos, ao contrário, que Barroso continuou a ser lido e discutido. Ora como um autor que deveria “ser lançado ao inferno”, ora como um estudioso que obteve méritos, o fato é que, malgrado as diversas opiniões ao seu respeito, ele permanece como tema de estudos, teses e dissertações.

Entre esses trabalhos podemos citar a tese de doutorado, desenvolvida por Aline Montenegro Magalhães, em 2009, com o título: *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*⁴. Segundo a autora, o propósito de sua pesquisa é “trabalhar com as possibilidades e potencialidades da escrita de si para a escrita da história sobre um intelectual da República das Letras que ficou durante muito tempo

⁴ MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. (Tese de doutorado).

esquecido”⁵. No final de sua investigação, Magalhães reafirma a tese de que o escritor vivenciava um esquecimento:

O esforço de Gustavo Barroso para se imortalizar através da memória não o impediu de beber nas águas do rio *Lethe*, que promove o esquecimento. Suas ações foram eclipsadas pela memória daqueles que escreveram a história, os vencedores, sendo assim silenciada como a história dos vencidos⁶.

Ressaltamos a importância de uma investigação acerca de sua produção historiográfica e dos preceitos que orientaram essa prática, especialmente do militarismo como elemento formador da nacionalidade. Tais aspectos têm sido analisados em algumas pesquisas; embora certo número de trabalhos toque apenas tangencialmente esses temas, destacamos alguns que constituem referências para os estudiosos do pensamento barroseano.

A esse respeito, destacamos o trabalho de Regina Abreu, cujo título é *A Fabricação do Imortal*⁷, e tem como foco de análise as estratégias de consagração utilizadas por homens ilustres no Brasil, no início do século XX. A autora propõe, a partir da investigação do ato de doação de coleções particulares para uma instituição pública, no caso, o Museu Histórico Nacional, durante a direção de Barroso, a discussão sobre aspectos de sua prática museológica. O estudo destas estratégias permite traçar o perfil da política de aquisição usada pelo museu, como se pode ver no estudo específico da doação da coleção Miguel Calmon pela viúva Alice da Porciúncula Calmon du Pin e Almeida. Abreu destaca que o gesto de Alice não é despretensioso, mas relaciona-se a uma prática de troca de presentes que tem por objetivo imortalizar seu marido na memória social, por meio da exposição, nas salas do museu, de seu lado público e privado. A autora acentua que este tipo de doação foi recorrente no período.

Ainda na esteira do debate acerca da prática preservacionista adotada por Barroso, assinalamos a dissertação de mestrado defendida por Aline Montenegro Magalhães em 2004⁸, cujo objetivo é investigar a Inspeção de Monumentos Nacionais (IMN), criada em 1934, como um departamento do Museu Histórico Nacional (MHN). Com o título *Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspeção de Monumentos Nacionais*, o trabalho aborda o período de criação da Inspeção até 1937, ano em que esta é substituída pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). A autora afirma que a criação desse

⁵ Ibidem, p. 13.

⁶ Ibidem, p. 242.

⁷ ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

⁸ MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspeção de Monumentos Nacionais (1934 – 1937)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2004. Dissertação de mestrado.

departamento foi fruto de uma política de definição da nação empreendida pelo governo de Getúlio Vargas, e suas principais atividades estão relacionadas à restauração e à preservação de monumentos da cidade de Ouro Preto (MG), especificamente pontes, templos e chafarizes. Magalhães compreende as atividades da Inspetoria como produto de uma prática colecionista produzida nas salas do MHN durante a direção de Gustavo Barroso. Tal prática estaria associada à tentativa de salvar os vestígios do passado como forma de legitimar a escrita da história produzida no museu.

O trabalho de Magalhães nos instiga a explorar a função do passado na obra barroseana, onde, a prática de salvar os fragmentos de outras épocas pode ser considerada parte de um projeto político e historiográfico mais amplo, apresentado pelo autor sob o título “O Culto da Saudade”. Tal projeto postulava a importância de experimentar o passado, tanto a partir desses vestígios materiais - que restavam de épocas remotas - quanto por meio dos relatos edificantes de nossa história. Os fragmentos do passado eram compreendidos como relíquias capazes de transportar os homens no tempo e promover um *efeito de verdade*.

Ana Cristina Audebert Oliveira propõe que Gustavo Barroso desenvolveu um pensamento sistemático na área de museus como fruto de uma prática que pode ser percebida através da criação do Museu Histórico Nacional (1922), do Curso de Museus (1932) e da Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934). Em sua dissertação de mestrado *O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*⁹ a autora analisa as iniciativas barroseanas na área museológica como um todo coerente e expressivo para identificar as coordenadas de um projeto intelectual próprio e para compressão de como as noções de tradição, de museu e de patrimônio contribuíram para materializar um projeto de construção da memória nacional.

O trabalho de Mírian Sepúlveda dos Santos¹⁰ permite compreender os objetivos de Gustavo Barroso ao propor a criação de um museu histórico e possibilita uma análise sobre a concepção de história presente nas salas do museu. *A escrita do passado em museus históricos* suscita questionamentos: as narrativas militares e a proposta de criação de um museu militar não fariam parte de um mesmo projeto? Estas iniciativas não se relacionariam a uma mesma concepção de história? Santos explica que na visão de Barroso, a autenticidade dos objetos do passado - entendidos como relíquias - seria capaz de “ensinar o povo a amar o passado”. A autora destaca que os discursos de Barroso apontavam para uma história da nação

⁹ OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert. *O Conservadorismo a serviço da memória: Tradição, Museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/ PUCRIO, 2003. Dissertação de mestrado.

¹⁰ SANTOS, Mírian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

repleta de heróis e para uma forte preocupação em salvá-los do esquecimento. Barroso se mostraria interessado em acontecimentos pontuais, especialmente naqueles em que pudessem acentuar o caráter nacional sob o prisma dos feitos militares. Para Santos, a proposta do museu era resgatar a imagem da nação com base em glórias passadas, evidenciando uma história de tom épico.

Dessa forma, é crucial verificar como estas características apontadas por Santos ocorrem na obra historiográfica barroseana, visto que a narrativa privilegiava os mesmos acontecimentos e as mesmas personagens como constituintes da história nacional. O Império foi exaltado como o período por excelência da história e os feitos bélicos foram motivos de sucessivas publicações, tanto sob a forma de livros, quanto de artigos. Esses apresentavam cuidadosamente cada um dos combates em que o Brasil se envolveu – especificamente aqueles que ocorreram durante o período Imperial - e conferia espaço preferencial para a narrativa sobre a Guerra do Paraguai, vista como o marco fundador da nação. As figuras militares foram apresentadas à semelhança de deuses, o que conferiu um caráter quase sobrenatural à narrativa. Homens como General Osório, Caxias e Tamandaré nasceram predestinados a realizar feitos gloriosos, considerados expoentes de um período de glórias. A importância que essas personagens possuíam na época pode ser verificada pelo número expressivo de biografias publicadas, onde o heroísmo era marca forte.

Pode-se afirmar que uma mesma concepção de história orientava os trabalhos de Barroso, tanto no MHN, quanto na escrita histórica. A história, para o escritor, era a glorificação do passado. Salvo de um “pouco caso criminoso”, o passado faria parte de uma proposta pedagógica onde se ensinaria aos homens do presente o reto caminho, a partir do relato sobre os ancestrais.

*Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*¹¹, tese de doutorado defendida por Mário de Souza Chagas é outro trabalho que aborda Barroso como diretor do Museu Histórico Nacional. Trata-se de um estudo comparativo no qual Chagas parte da premissa de que patrimônio e museus são narrativas e práticas sociais. Nessa perspectiva, analisa as propostas museológicas de Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. O autor explica que o projeto barroseano valorizou a história e a nação no Museu Histórico Nacional; o de Freyre, a tradição e a região, no Museu do Homem no Nordeste; e o de Ribeiro, a etnia e a cultura, no Museu do Índio, como formas simbólicas de representação museal da nação.

¹¹ CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

Barroso propôs diversos projetos voltados para a história e a nação que não se relacionavam apenas com suas práticas museológicas, mas também aos seus projetos políticos, especialmente durante a militância no Integralismo. A atuação no movimento integralista tem sido, até o momento, o aspecto mais estudado de sua trajetória. Dentre os diversos trabalhos relacionados a essa temática¹², destaca-se o de Marcos Chor Maio, que sopesa o antissemitismo barroseano em minúcias. Chor Maio¹³ propõe – inspirado em Hannah Arendt - que o antissemitismo barroseano é de natureza moderna, de corte totalitário. O autor localiza Barroso na ambiência antissemita que floresceu no Brasil em 1930, e analisa o conteúdo de sua produção militante. O historiador explica que Barroso concebeu um projeto nacional - a partir do seu engajamento no integralismo - que para a sua plena realização necessitava eliminar o problema judaico. Segundo este autor, para uma intelectualidade preocupada em pensar um futuro autóctone, que fornecesse uma nova direção política e moral para o Brasil, o judeu não era uma boa referência.

Roney Cytrynowicz,¹⁴ outro autor que também tem se dedicado a estudar o integralismo e o antissemitismo barroseano, propõe que a militância de Barroso pode ser aproximada do nazismo alemão. Segundo Cytrynowicz, enquanto outros membros da Ação Integralista possuíam um ideário mais próximo de outros movimentos nacionalistas de extrema-direita, Gustavo Barroso demonstrava claramente uma afeição pelo nazismo e sua doutrina, o que pode ser percebido tanto nas publicações, quanto nos discursos. Maria Luiza Tucci Carneiro¹⁵ verifica que os conceitos e valores antissemitas defendidos por Barroso foram alimentados através de seus frequentes contatos com a Alemanha e conhecimento das publicações nazistas. A autora afirma que as sucessivas reedições das publicações barroseanas são indícios da existência de um público consumidor e apreciador de suas ideias, tanto no Brasil, quanto no exterior¹⁶.

Em estudos sobre a situação dos imigrantes judeus residentes no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial, Cytrynowicz avalia a influência efetiva que o ideário nazista teve

¹² É possível perceber análises históricas sobre a carreira política e o pensamento antissemita de Barroso nas obras de historiadores como Gilberto Vasconcellos, Hélio Trindade e José Chasin.

¹³ MAIO, Marcos Chor. *Nem Rothschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992; "O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso Gustavo Barroso". *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

¹⁴ CYTRYNOWICZ, Roney. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: PPGHIS/USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História Social).

¹⁵ CARNEIRO, M. Luiza Tucci. Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930 – 1945). *Revista da Universidade de São Paulo*, 1990.

¹⁶ Segundo Tucci Carneiro, *Roosevelt é Judeu*, de autoria de Gustavo Barroso, foi traduzido para o castelhano por Mario Buzatto e publicado na Argentina, em 1938, nos *Cuadernos Antijudios*, em apoio a uma forte campanha antissemita.

no país. Em “Além do Estado e da Ideologia: Imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial”¹⁷, o autor propõe um exame distinto sobre os anos de 1937 a 1945, interpretados usualmente como período de perseguição aos judeus residentes no país. Cytrynowicz considera que esses anos foram, na verdade, decisivos para a implantação de uma comunidade etnicamente ativa e para a sedimentação de uma identidade judaico-brasileira.

Fernando Vale Castro¹⁸ se dedicou a estudar o folclore no pensamento barroseano. O autor explica que no início do século XX, no afã de constituir uma identidade nacional, o Brasil se volta para a cultura popular. Castro considera que Gustavo Barroso compartilhava destas ideias em voga no período, o que pode ser percebido, segundo ele, na apreciação de sua obra que versa sobre o folclore. Explica que o sincretismo era o enfoque do pensamento, apreendido através do viés da língua, das manifestações artísticas e religiosas. O autor salienta que Barroso realizou um estudo sobre as metodologias para analisar o folclore, tendo ele próprio proposto uma Escola, denominada Eclética, que agregava argumentos das escolas anteriores. Castro propõe também a importância de estudar a produção barroseana como uma contribuição para se entender - e se contrapor - a visão de outros folcloristas brasileiros.

A tese de Alfonsina Moreira, defendida em 2006¹⁹, está inserida entre os trabalhos que analisam a construção de memórias em Gustavo Barroso. A autora considera essa produção um mote primordial nas práticas barroseanas. Afiança que o autor conjugou a “pesquisa etnográfica” à escrita memorialística. Ressalta que foi entre o apego pela cultura popular e o culto às letras que aprimorou a “vocação nacional”. A delimita o temporal do trabalho corresponde à publica o de *Terra de Sol* (1912) - livro de estréia de Barroso na literatura - e a publica o da trilogia de memórias *Cora o de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e o *Consulado da China* (1941). Moreira ponderou também a experiência de Barroso no MHN considerando este como um lugar reservado   memória do autor.

Segundo a perspectiva analítica de Moreira, a infância vivida no Ceará e a saudade da terra natal podem ser consideradas como motivadoras dos estudos barroseanos sobre o sertão

¹⁷ CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da Ideologia: Imigra o judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n  44, 2002. Apoiado em farta documenta o o autor empreende sua análise destacando que, nas escolas onde o hebraico era ensinado antes da Segunda Grande Guerra, ele sequer deixou ser utilizado por professores e alunos, os estabelecimentos de ensino se limitaram a alterar algumas informa es no regimento escolar e mantiveram a língua.

¹⁸ CASTRO, Luiz Fernando de Valle. *As colunas do templo: História e folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFF, 2001. Disserta o de mestrado; *As colunas do templo: o folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

¹⁹ MOREIRA, Alfonsina Maria Augusto. *No norte da saudade. Esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. São Paulo: PUCSP, Tese (Doutorado de História), 2006.

e o folclore. A autora afirma que havia uma aproximação entre o discurso integralista e o barroseano pensamento acerca do popular nacional desenvolvido em seus livros de “estudos do folclore” e “sociologia sertaneja”²⁰. O que pode ser compreendido ao se considerar que a exacerbação do conteúdo nacionalista era uma característica central do Integralismo. Moreira explica que o folclore foi pensando pelo autor como o lugar de sobrevivência da alma do povo:

(...) À idéia de folclore estariam relacionadas outras idéias, como alma, essência, permanência de um fundo comum entre vários povos de lugares e tempos diferentes, mas também, a idéia de adaptação e transformação, o que determinou sua face local²¹.

Segundo a autora, Barroso procurou alardear a saudade de sua terra natal por meio da atividade escrita e, por conseguinte, pensava recriar e preservar a memória da infância compondo narrativas sobre sua região de origem. Escrever sobre o sertão era uma maneira de se manter vinculado à região, proposta que assinala a preocupação de Barroso em ser identificado como um intelectual que não se esqueceu do Ceará e de suas origens.

Aline Montenegro Magalhães, em sua tese defendida em 2009²², aborda a forma como Gustavo Barroso, ao longo de sua vida, construiu uma identidade para si, de modo a se ver e ser visto a partir de um perfil cuidadosamente elaborado. Segundo Magalhães, o objetivo desta escrita esteve associado ao:

(...) pavor de perder o controle sobre si, levando à construção de uma identidade; a proximidade da morte aliada à vontade de dar um sentido à própria trajetória e à idéia de possuir uma história interessante para o conhecimento público e lição de moral²³.

A produção autobiográfica consistiu em escritos para revistas ilustradas, como a Revista Fon-Fon, em uma grande coleção de recortes de jornais relativos à sua atuação pública e em três volumes de memórias, onde é narrada a infância vivida no Ceará. Magalhães analisa a imagem que Barroso buscou construir e deixar para a posteridade e investiga como

²⁰ A obra produzida entre os anos de 1912 e 1932 foi classificada na época como “estudos do Folclore” e “sociologia sertaneja”, o livro *Ao som da Viola* recebeu, inclusive, elogios, sendo considerado por Câmara Cascudo como a primeira antologia do Folclore publicada no Brasil. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, RJ: Edições de Ouro, 1954; *apud* MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No norte da saudade. Esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. São Paulo: PUCSP, Tese (Doutorado de História), 2006.

²¹ *Ibidem*, p. 169.

²² MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRRJ, 2009. (Tese de doutorado).

²³ *Ibidem*, p. 11.

aspectos de uma trajetória individual podem ser compreendidos com base nessas narrativas autorreferenciais. A tentativa de forjar uma imagem de si que fosse referência para a posteridade levou Barroso a privilegiar determinados aspectos de seu passado e ocultar outros. A infância foi apresentada como o momento áureo de sua vida, associada à pureza, em detrimento à maturidade, percebida com rancor.

A esse respeito, destaca-se o fato de que alguns elementos de sua vida adulta foram omitidos em sua escrita memorialística, especialmente a trajetória integralista, que praticamente não é citada. A impressão é de que o autor pretendia “excluir” essa experiência de sua trajetória. Barroso parece ter acreditado que sua militância num partido de tendência fascista e sua aproximação com o ideário nazista não seriam bem vistas na conjuntura pós-Segunda Guerra. Vê-se em sua escrita autobiográfica a defesa do patrimônio e do folclore nacional como um certo contraponto à sua atuação política. Não se pode afirmar se Barroso teve sucesso nesta articulação, mas o que se sabe é que o integralismo tem sido até o momento o aspecto mais discutido de sua trajetória; o antissemitismo - presente nas publicações de 1933 a 1938 - foi o elemento mais estudado nas últimas décadas. A atuação na área de museus e suas iniciativas em defesa do patrimônio têm despertado interesse recente, e, no tocante aos estudos sobre o folclore efetuados por Barroso, o material produzido ainda é pouco expressivo.

O caráter polígrafo do autor de “Culto da Saudade” marca sua trajetória, e procuramos analisar qual a concepção de história orientou seus trabalhos. A identidade matizada de sua obra é olhada, nessa dissertação a partir do “norte” que a história, que a trajetória da nação, do tempo, possui.

O passado, na obra barroseana, exerce uma força capital sobre a experiência de tempo, e, claro, sobre a escrita da história; a saudade marca a ideia de passado, transbordando para o presente a melancolia e a nostalgia. Seria demasiado afirmar que o presente não existe em Barroso, mas sua identidade se encontra sob o signo do passado. Assim, o militarismo, o patrimônio e o folclore se misturam, elaborando uma origem quase mítica para a nação brasileira.

Na expectativa de perceber as nuances do pensamento barroseano, procuramos investigar a trajetória do escritor, relacionada ao contexto histórico vivido por ele, de maneira a explorar, também, a rede de sociabilidades estabelecida na Primeira República. Consideramos essencial mapear, nessa dissertação, os lugares de produção letrada, para identificar como Barroso pode ser identificado dentro da cultura histórica de seu tempo.

Quanto aos lugares de produção intelectual, citamos o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Academia Brasileira de Letras, instituições em que Barroso foi associado. Procuramos localizar Barroso em uma determinada ambiência letrada para, enfim, podermos esclarecer os as particularidades de sua escrita em um momento em que a história, na virada do século XIX para o XX assume contornos que se distanciam de um estilo ao qual Barroso se identifica.

A trajetória intelectual de Barroso será investigada no primeiro capítulo do presente estudo. Mapeamos a trajetória do então estudante de Direito a migrar para a cidade do Rio de Janeiro e a produção que o conduziu para a capital. Para tanto, utilizaremos como fonte a trilogia de memórias escrita por Barroso. O fabricar a si mesmo é um dos momentos mais interessantes da escrita barroseana, e ali se esboça a condição que o passado e a história como “seu corpo” possui ao longo de sua trajetória intelectual.

Entre os anos de 1939 e 1941, Gustavo Barroso produziu a parte memorialista de sua obra. A trilogia autobiográfica, formada por *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *Consulado da China*, privilegiou a infância do autor e, nessa escrita, as reminiscências da família, estabelecida no sertão do Ceará, foram exaltadas como oriundas de um tempo idílico vivido pelo autor. Ao fazer uso de um viés saudosista, o escritor imprime um tom nostálgico às suas lembranças e propõe, novamente, a preponderância do passado sobre o presente e o futuro. Narra seus primeiros passos nas letras e na política, quando ainda morava em Fortaleza, e sugere uma inclinação, desde a juventude, para essas áreas. A trilogia é finalizada com o relato de sua viagem para o Rio de Janeiro e, praticamente, nenhuma referência é feita sobre a chegada e o estabelecimento na, então, Capital Federal.

Os fatos relativos à sua inserção nos círculos letrados, às sociabilidades e às hostilidades, ocorridas nesse período, foram delineados a partir do recurso a outras fontes. Procuramos recuperar o primeiro discurso proferido pelo intelectual na ocasião de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, momento marcante de sua trajetória e revelador da reputação que ele acreditava possuir. Em contrapartida, o discurso de recepção, proferido por Alberto Faria, demonstra a ambiguidade de opiniões acerca de seu legado, e tal percepção que é corroborada pelas notas na imprensa, algumas irônicas e hostis à sua obra, outras laudatórias ao seu respeito. O percurso político de Barroso também é assinalado, com enfoque sobre as ações relacionadas à preservação do patrimônio e à manutenção da tradição. A militância integralista foi compreendida como uma alternativa para a concretização de projetos anteriormente esboçados, inclusive, no que se refere à sua proposta militarista.

No afã de compreender as ideias que orientaram seus projetos, livros e atuações nas instituições em que foi associado, foi pensado o segundo capítulo que investiga, especialmente, o conceito de história em sua obra. O caráter nostálgico de sua produção é inquirido a partir do exame do artigo publicado no *Jornal do Comércio*, em 1912, intitulado “O Culto da Saudade”²⁴. A fim de viabilizar a análise, inserimos a leitura de dois artigos publicados por Barroso nos *Anais do Museu Histórico Nacional* que, igualmente, discutem questões relativas aos usos do passado. “Em defesa do nosso passado”²⁵ e “A cidade Sagrada”²⁶ refletem sobre a importância da preservação do patrimônio material e imaterial do país, privilegiam, sobremaneira, a cidade de Ouro Preto, concebida como o *locus* de refúgio do passado, “cidade sagrada pela história, pela arte e pela tradição”.

As indagações acerca dos aspectos teóricos que orientaram a produção barroseana foram delineadas por duas vias: em um primeiro momento, analisamos o sentimento de incômodo que o autor demonstrou diante da modernidade. A hipótese para tamanho mal-estar diante de seu próprio tempo é de que a percepção da mudança, da realidade tornando-se diferente e, em velocidade cada vez maior, obrigou o autor a olhar para trás na busca por referências. As inovações que ocorreram no início do século XX, notadamente no campo da técnica, como as invenções nas áreas de comunicação e transporte, pareciam encurtar o tempo e, não foram poucos os intelectuais que demonstraram sensações semelhantes à de Barroso. O historiador buscou alterar essa percepção do tempo ao promover um retorno ao passado por meio da valorização da tradição e dos vestígios materiais de épocas findas. Delineou projetos políticos e historiográficos com um enfoque saudosista, a criação dos “Dragões da Independência” e a política de aquisição de objetos no Museu Histórico Nacional podem ser consideradas exemplos dessa postura.

Pretendemos investigar, sobretudo, como a experiência do tempo foi expressa em sua obra historiográfica e, por conseguinte, compreender o aspecto pedagógico que a história possuía para Barroso. O segundo momento desse capítulo, por sua vez, pretende discutir as nuances que compõem tal concepção, sobretudo no que se refere a uma suposta inspiração em uma visão da história como *magistra vitae* relacionada aos elementos da moderna crítica histórica. Por fim, esperamos verificar como a cultura histórica é manejada por Barroso através das vidas que servem de exemplos, em tempo cristalizado e um futuro cercado. Essas

²⁴ BARROSO, Gustavo. O Culto da Saudade. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997, p. 32.

²⁵ BARROSO, Gustavo. A defesa do nosso passado. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

²⁶ BARROSO, Gustavo. A cidade sagrada. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

características, presentes na obra de Barroso não impedem, certamente, a dinâmica do progresso e da aceleração do conceito moderno de história, principalmente sua marca de ciência que se desenvolve mais acentuadamente a partir da segunda metade do oitocentos. As discussões empreendidas por Reinhart Koselleck, em *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*²⁷, associadas às análises desenvolvidas por Hans Ulrich Gumbrecht, em *Modernização dos Sentidos*²⁸, foram cruciais para a investigação acerca dos postulados teóricos presente na obra barroseana.

A exploração dos aportes teóricos que orientaram a escrita barroseana, especialmente, a reflexão acerca do sentido e da função do passado em seu pensamento conduz a investigação de sua proposta historiográfica. É premente destacar que o autor compreendia a história militar como história do Brasil e, ao longo de sua trajetória intelectual, buscou instituir esse postulado, principalmente, por meio de sua produção historiográfica. Publicou um número expressivo de artigos e livros destinados à discussão dessa temática, em que se observa, não apenas a preocupação de narrar os empreendimentos bélicos de nossa história, como também o intento de apresentar os “filhos ilustres” da nação. Esses últimos são identificados como responsáveis pela construção da nação e, por essa razão, figuram como pessoas-símbolo da nacionalidade, indivíduos dotados de grandes virtudes, que devem ser imitadas pelos cidadãos. Cumpre mencionar que esses personagens-chave de nossa história são, exclusivamente militares, o que corrobora a ideia de divulgar o caráter belicista de nosso passado.

A discussão que se segue objetiva analisar a importância do militarismo na historiografia de Barroso, visto que o passado que ele busca reabilitar é, especificamente, o passado da guerra. Outro ponto a ser investigado é a relação estabelecida pelo autor entre militarismo, nacionalismo e catolicismo, temas que denotam, em última instância, uma posição política por parte do intelectual. A ode ao Exército e as suas instituições, premissa do pensamento barroseano, impressa em suas publicações, é perceptível, principalmente, em *História Militar do Brasil*²⁹, livro que servirá de base para a leitura a ser empreendida.

O passado é o que mobiliza sua forma de pensar o tempo, sua trajetória e envolve, inclusive, a produção de uma “biografia da nação”, proposta que se efetiva, de certa forma, na escrita da história militar do Brasil. Dessa forma, propomos a investigação do passado, do

²⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. De W. P. Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: Contratempo, 2006.

²⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. Cascatas de Modernidade. In: *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

²⁹ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

peso ou função que o passado possui em sua perspectiva de análise, como pano de fundo das discussões que são delineadas ao longo de nosso estudo.

1. TRAJETÓRIA E SOCIABILIDADES: MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO

Como a distância azula as cerranias e as uniformiza, fazendo desaparecer anfractos e despenhadeiros, é possível que a saudade também azuleja homens e cousas na distância do tempo. *Mas a saudade é a maior testemunha da verdade.*

Gustavo Barroso.

Estudioso do patrimônio, diretor do Museu Histórico Nacional por décadas a fio, um dos principais expoentes da Ação Integralista Brasileira: Gustavo Barroso, nascido no Ceará em 1888 e falecido no Rio de Janeiro em 1959, pareceu ter passado em vida aquilo que combatia: o *deslembramento*³⁰. A memória é um eixo central do pensamento desse intelectual³¹ que se debruçou sobre si mesmo em uma trilogia composta pelas obras *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940) e *Consulado da China* (1941). Atribui-se às ideias antissemitas certo ostracismo intelectual vivido por Barroso. Aponta-se, aqui, a escrita de suas memórias certa saída ou alternativa às suas opções integralistas: uma espécie de dobra ou mesmo um nó na rede narrativa desse autor.

Diferente dos diários íntimos, pertencentes ao âmbito privado, sem o intento de publicação, as memórias barroseanas são compostas com o desígnio de atingir o espaço público. Tal anseio está articulado à ideia de divulgar uma imagem capaz de promover o apagamento de uma versão nefasta a seu respeito e, em contrapartida, estabelecer uma nova interpretação sobre si. Somado a essa questão, temos a característica da escrita autobiográfica,

³⁰ Optamos por adotar o termo *deslembramento* por acreditamos que ele exprime melhor o sentido do que Barroso combatia e que, todavia, acabou por vivenciar. Embora seu significado esteja, de certa forma, relacionado ao do termo esquecimento, eles não são sinônimos, pois o *deslembramento* envolve uma atitude, em outras palavras, não se trata do ato de esquecer algo, mas sim de uma opção por não lembrar, seria, em última instância, o ato de omitir pelo esquecimento. Observa-se que Barroso, em suas memórias, acerta contas com a posteridade, mas, sobretudo, com seus contemporâneos. Nesse sentido, o *deslembramento*, compreendido como ato proposital de não lembrar empreendido pelos pósteros, deveria ser contraposto ao ato de vilipendiar a imagem em vida, no presente do escritor.

³¹ Quando se trabalha com a obra historiográfica de um autor, esbarra-se imediatamente na imprecisão do termo *intelectual*, questão detectada pelos diversos autores que se preocuparam com o assunto. François Sirinelli, autor que se dedicou ao estudo dos intelectuais e da rede de sociabilidades estabelecida entre esses indivíduos, destaca o caráter polissêmico da noção de intelectual e o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais, e ressalta a imprecisão daí decorrente para se estabelecer critérios de definição da palavra. O autor sugere duas acepções do intelectual: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ da cultura”. Cf: SIRINELLI, Jean François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 242.

também compreendida como uma maneira de publicar a própria vida e, dessa forma, perenizar o nome ³².

A noção de que a narrativa memorialista permite ao autor construir sua identidade vem sendo discutida³³ como uma modalidade de “produção do eu”. A escrita barroseana seria, nesse sentido, uma alternativa encontrada pelo memorialista para organizar a própria vida, onde observamos uma narrativa com ritmos diversos que, em última instância, acaba por desvelar a especificidade de sua experiência do tempo. Ângela de Castro Gomes, organizadora de *Escrita de si, Escrita da História* ³⁴, defende que as práticas autobiográficas atendem à demanda de certa estabilidade e permanência através do tempo, por conseguinte, permitem a organização da vida e o autoconhecimento:

É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa. Uma idéia que se alimentou do entendimento de que a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções, entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros ³⁵.

Para além do desejo de ordenar a própria vida, a escrita autobiográfica barroseana se relacionou a objetivos mais específicos, que envolviam sua imagem pública. O desejo de perpetuar uma imagem distinta do que se propagava à época encontrou na escrita memorialista uma via para tornar pública e oficial uma determinada versão sobre si e, especialmente, ser reconhecido por uma identidade digna de nota. Contudo, o senão que ronda essa prática é o da neutralidade. Giselle Martins Venâncio, em sua tese de doutorado, investigou o arquivo privado de Oliveira Vianna e afirma :

O risco que se pode correr ao se trabalhar com arquivos privados pessoais é o de se acreditar que eles traduzem uma visão mais verdadeira do indivíduo à

³² Philippe Artières destaca o papel central do destinatário nas práticas de produção de si, pois, segundo o autor, sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não, o que assinala a função pública dessa prática. Cf: ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*, 1998, p. 32.

³³ Cumpre destacar as diferenças entre autobiografia e escritas de si. Embora a autobiografia seja uma modalidade de escrita de si, assim como as memórias, trata-se de um estilo literário, voltado para o público, onde há um pacto entre narrador, autor e protagonista. A escrita de si, por sua vez, pode ser considerada uma noção mais abrangente, que envolve outras formas de construção autorreferencial, possivelmente não expressas em um texto convencional, como o arquivamento e o colecionamento de si, todavia, sem o interesse de alcançar a esfera pública. No presente estudo utilizaremos as duas definições, pois, compreendemos que Barroso, ao publicar sua trilogia memorialista e, ao organizar um arquivo pessoal, empreendeu, simultaneamente, as duas modalidades de *representação de si*.

³⁴ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

³⁵ *Ibidem*, p. 16.

medida que foi organizado pelo próprio titular. Cria-se a falsa noção que identifica os conjuntos documentais de origem pessoal a uma manifestação concreta e objetiva da memória individual de seus titulares³⁶.

A autora destaca as dificuldades inerentes ao recurso às fontes autobiográficas, muito embora acentue também as possibilidades que tais registros oferecem à pesquisa histórica. Segundo G. Venâncio, o arquivo pessoal é uma espécie de memória a ser decifrada, onde podem ser compreendidos aspectos desconhecidos e, sobretudo, as relações pessoais de seu organizador.

1.1 Autobiografia – O retorno de um gênero?

No último vintênio do século XX assistimos a um reflorescimento da biografia e de um seu desdobramento, a autobiografia. Esse retorno, não teve uma acolhida sempre calorosa, e foi alvo de severas críticas por parte de alguns autores que compreenderam o retorno a essas temáticas como um abandono da “história-problema” em direção a uma história cronológica. Pierre Bourdieu, em *A ilusão biográfica*³⁷, questionou a própria possibilidade da biografia, pois, ao destacar o aspecto fragmentado e descontínuo do real, colocou em suspenso a compreensão da vida como um todo coerente e ordenado, capaz de ser apreendido em sua totalidade:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar³⁸.

Ao destacar uma suposta artificialidade dessas narrativas de vida, ou ainda, ao postular a arbitrariedade dessas construções discursivas, Bourdieu colocou em xeque também a noção de identidade do sujeito, entendida como uma constância em si mesmo. Postula-se, dessa forma, a existência de vários “eus” em um mesmo indivíduo, cuja trajetória é constituída em camadas que são, em grande medida, dessemelhantes, o que impediria, em última instância, uma compreensão total do sujeito. O recurso a essas fontes, portanto, apresenta riscos ao historiador, cujo principal seria o de considerá-las como uma representação real do vivido.

³⁶ VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2003. Tese de Doutorado, p. 18.

³⁷ BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

³⁸ *Ibidem*, p. 185.

Se Bourdieu chama a atenção para as dificuldades que envolvem tal uso, outros autores, no entanto, destacaram as possibilidades que esses gêneros apresentam para a compreensão do sujeito. Giovanni Levi ³⁹, por exemplo, destacou a capacidade de se compreender, por meio desse material, os mecanismos pelos quais se constituem as redes de relações, estratos e grupos sociais. Sabina Loriga ⁴⁰ ressaltou a função desses registros como alternativa para o conhecimento do homem comum – objeto principal dos estudos sobre cultura popular, história oral ou história das mulheres. A autora retomou as considerações de Bourdieu sobre a ilusão biográfica e, ao enfatizar a pertinência de suas observações, ela evidenciou também a necessidade de ponderar parte de sua crítica.

François Dosse, em *O Desafio Biográfico*⁴¹, publicado em 2009, chamou a atenção para uma verdadeira explosão biográfica que se apossou dos autores e dos leitores desde meados da década de 1980. O autor francês salienta o caráter híbrido da biografia, gênero entre a literatura e as ciências humanas, que convive, não sem tensões, com áreas distintas do conhecimento.

No cenário nacional, é rica a perspectiva que esse gênero traz à escrita da história. Como destaca Rebeca Gontijo:

A correspondência – assim como os diários íntimos e os textos memorialísticos – contribuiria para a compreensão da personalidade do autor/escritor. As cartas de intelectuais fornecem informações que podem ser utilizadas na elaboração da memória, estimulando o imaginário sobre o mundo dos autores/escritores ⁴².

A escrita epistolar também foi utilizada como fonte de pesquisa por Tânia Regina de Luca, em uma investigação sobre Monteiro Lobato ⁴³. De Luca resalta que Lobato utilizou a correspondência como alternativa para responder aos críticos, e, posteriormente, publicou boa parte delas, de maneira que esse material: “constituía, de fato, num instrumento de combate – era a arma com que se credenciava para a luta derradeira: a disputa pela representação de si” ⁴⁴. A troca de missivas foi, igualmente, objeto de estudo de outros historiadores, ainda que

³⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

⁴⁰ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.225-249.

⁴¹ DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. SP: Edusp, 2009.

⁴² GONTIJO, Rebeca. “‘Paulo amigo’: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu”. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 166.

⁴³ DE LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 158.

com objetivos diversos, a título de exemplo, podemos citar a pesquisa de Marieta de Moraes Ferreira ⁴⁵, sobre a trajetória de uma mulher, praticamente, anônima. O que intriga Ferreira na história de vida de Honestalda de Moraes Martins é a expressiva autonomia que sua personagem gozou nos anos 1930, o que permite considerá-la como alguém que fugiu dos padrões estabelecidos. Por meio do estudo de seu arquivo privado (preservado na Fazenda Olaria) e da coleta de depoimentos orais, Ferreira reconstituiu sua trajetória de maneira a compreender como essa mulher que: “(...) possuía traços semelhantes aos de muitas outras mulheres de sua família e de sua geração, pôde garantir para si o direito de ser dona do seu destino, de exercer poder sua própria vida e de fugir do papel feminino tradicional” ⁴⁶.

Ângela de Castro Gomes destaca o perigo da “ilusão de verdade”, pois os documentos pessoais permitem um contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos, exercendo, dessa forma, uma espécie de encanto que pode nos levar a crer, em alguns momentos, que nossos atores aparecem de forma “real” e a história contada por eles é apresentada “sem disfarces”. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa, tal como adverte Castro Gomes: “o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento” ⁴⁷. Nessa perspectiva, a discussão que se segue busca apresentar Gustavo Barroso e sua trajetória por meio de suas memórias e, dessa forma, esperamos também desvendar esse complexo universo de sociabilidade intelectual, marcado tanto por laços de amizade quanto por relações de animosidade.

1.2 Gustavo Barroso por ele mesmo

Coração de Menino

Coração de Menino - primeiro livro da trilogia de memórias escrita por Barroso - foi publicado pela primeira vez em 1939 e reeditado outras duas vezes ⁴⁸. A terceira edição, do ano de 2000, foi publicada pela Casa de José de Alencar com o patrocínio da Federação das

⁴⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 246.

⁴⁷ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História...”, op. cit., p. 15.

⁴⁸ Desde a segunda edição, foram introduzidas ao longo do livro notas explicativas do escritor e historiador Mozart Soriano Aderaldo. Essas se restringem a apresentar a nomenclatura e a localização atual dos lugares citados por Barroso, não se estendendo para análises mais elaboradas.

Indústrias do Estado do Ceará (FIEC). O livro pode ser compreendido como um diálogo entre o adulto e o menino, onde o segundo é percebido como a própria encarnação do passado, envolto em relíquias, como a casa, os objetos, os costumes e os parentes. A infância é apresentada sob o signo da pureza, em detrimento da maturidade, que viveria apenas de recordações e sonhos “que não pode realizar”. Vê-se a marca de saudade nessa escrita.

No primeiro livro de suas memórias, Barroso discute alguns elementos que foram alvo de discussões ao longo de toda sua vida, como, a defesa da tradição e a preocupação com a modernidade. A descrição da casa e a caracterização dos parentes constituem não apenas uma forma de apresentar sua família, como também, um artifício capaz de desvelar as origens de seu pensamento adulto e, principalmente, seu amor ao passado.

Coração de Menino é dedicado ao professor Lino da Encarnação, mestre do escritor no Colégio Parténon, que “depois de educar sem reclames nem mercantilismos várias gerações de meninos no Ceará, morreu humilde, pobre e esquecido de todos.”⁴⁹. Ao dedicar o a obra ao professor, Barroso não só expõe certo lamento em relação ao esquecimento da memória de seu “pai espiritual”, como também deixa entrever o temor que o esquecimento lhe causa. A escrita de suas memórias parece ser uma busca por livrar-se desse pavor do abandono, o que nos permite compreendê-la como parte de um projeto de arquivamento de si. Prática definida por Philippe Artières como um mecanismo que contrapõe à imagem social a imagem íntima de si próprio, funcionando como alternativa de construção de si mesmo e de resistência, que tem por objetivo recordar o passado, preparar o futuro, mas, sobretudo existir no presente⁵⁰.

Na capa do livro, a despeito das publicações anteriores em que o autor utilizava o pseudônimo João do Norte⁵¹, aparece o nome verdadeiro do escritor⁵², acompanhado de uma

⁴⁹ BARROSO, Gustavo. *Coração de menino*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1939, p. III.

⁵⁰ Philippe Artières afirma que o arquivamento de si responde a uma injunção social, que exige do indivíduo que ele defina a si próprio e, em contrapartida, assegura a o reconhecimento de sua identidade. Artières destaca o trabalho de modificação que o redator faz no arquivamento de sua vida, analisa o exercício da reescrita a que ele se entrega e assinala que aspectos de sua vida ele oculta ou ao contrário valoriza. Ressalta, principalmente, um traço comum às práticas de arquivamento, qual seja, o desejo de tomar distância em relação a si próprio. ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida, op. cit., p. 28.

⁵¹ O pseudônimo, artifício empregado, em geral, para encobrir um embuste, é pouco comum nas autobiografias. Haja vista que esta modalidade de escrita tem por característica central o fato de ser o autor o personagem da narrativa. Cf: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

⁵² Philippe Lejeune afirma que o emprego do nome próprio ocupa um lugar central na autobiografia, pois “é nesse ponto que se resume toda a existência do que chamamos de *autor*, única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo texto escrito”. Lejeune lembra que, em muitos casos, a presença do autor no texto se reduz unicamente a esse nome, e acentua que o lugar concedido a esse nome é capital, pois ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma

fotografia sua um pouco abaixo. O emprego do nome próprio não constitui simples detalhe, ela nos remete à ideia de um pacto autobiográfico⁵³ em que o autor estabelece o compromisso de dizer a verdade. A proposta de autenticidade do relato constitui, por um lado, uma característica dessa modalidade de escrita e, por outro, uma estratégia de convencimento. A historiadora Ângela de Castro Gomes adverte, no entanto, que, embora as memórias possam ser consideradas “discursos que mobilizam a sinceridade como valor de verdade, não podem, por isso, ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas”⁵⁴.

Mais do que um espaço para o relato de suas memórias, a autobiografia foi uma alternativa adotada pelo escritor para a expressão de seus sentimentos, sonhos e frustrações. A epígrafe do livro é reveladora do que o autor entendia ser essa modalidade de narrativa: “Neste livro somente conto a verdade. Os arranjos e atavios literários envolvem-na só para diminuir-lhe a intensidade ou torná-la mais acessível ao leitor atual”⁵⁵. A escrita autobiográfica é compreendida, desse modo, como uma escrita sincera, em que a promessa de fidelidade é real e da qual se deve esperar a objetividade. Todavia, é o próprio autor quem afirma que *arranjos literários* foram introduzidos nessa escrita, ainda que com o objetivo de produzir uma leitura prazerosa. A advertência é sintomática de que o narrador reconhecia a impossibilidade de total veracidade nesse tipo de narrativa e também estabelecia a presença de elementos ficcionais.

A inserção de elementos do campo literário na escrita barroseana nos remete a outra questão, o estilo narrativo. Os aspectos característicos do romance são utilizados na narrativa de forma a produzir o que se convencionou chamar de biografia romanceada. Tal modalidade de escrita, utilizada por Barroso, não constitui uma exceção aos modelos em voga no período, mas sim uma prática comum nos anos 1930. Problemática analisada por Márcia Gonçalves, em sua tese de doutorado, intitulada *Em terreno movediço: história e memória em Octávio*

pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório e verificável. Cf: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico...*, op. cit., p.23.

⁵³ Segundo Philippe Lejeune, o pacto autobiográfico é a relação de identidade do nome (autor - narrador - personagem). Ele explica que o pacto autobiográfico é a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao nome do autor, escrito na capa do livro. Para o Lejeune, uma das críticas feitas à ideia de pacto é que ela supõe a reciprocidade, um ato em que duas partes se comprometem mutuamente a fazer alguma coisa e, no pacto autobiográfico, como, como em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Contudo se a pessoa decidir ler, ela deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. O estudioso explica que quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade. Cf: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico...*, op. cit., p. 73-74.

⁵⁴ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História...”, op. cit., p. 22.

⁵⁵ Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., epígrafe.

Tarquínio de Souza⁵⁶. A autora explica que a biografia produzida na década de 30 e, por conseguinte a autobiografia, passou por transformações que mobilizaram parte significativa dos intelectuais:

Em finais da década de 1920, com destaque para os anos 30 e 40, identificaram-se uma epidemia biográfica e uma renovação da biografia. Houve quem, em coro com os ventos europeus, teorizasse sobre a emergência de uma biografia moderna em terras brasileiras. (...) Os estudos mais recentes sobre história da leitura e dos livros e sobre história intelectual no Brasil não concederam maior ênfase à análise dessas três temáticas correlacionadas entre si: a constatação do crescimento da publicação de biografias, a renovação do gênero e, derivada dessa perspectiva, certa teorização sobre a emergência de uma biografia moderna

A advertência de Barroso, logo na epígrafe, evidencia que a autenticidade do relato deve ser colocada em suspenso, ainda que o autor faça menção, um pouco adiante, a outro elemento que, em sua opinião, é atestado de fidelidade, a saber, a saudade: “Como a distância azul as cerranias e as uniformiza, fazendo desaparecer anfractos e despenhadeiros, é possível que a saudade também azuleja homens e cousas na distância do tempo. *Mas a saudade é a maior testemunha da verdade*”⁵⁸. A saudade, aqui, possuiria duplo sentido, por um lado ela sombrearia a verdade, pois, ao se referir a algo que se passa no íntimo do indivíduo, ela conferiria um espaço significativo para a subjetividade, o que, em última instância, colocaria em suspenso a verdade. Por outro lado, ela seria um atestado de veracidade, como se somente fosse possível sentir saudade de algo que realmente ocorreu. Todavia, cumpre mencionar que a saudade também pode estar relacionada a algo ou a uma época que não necessariamente existiu.

A narrativa está em primeira pessoa, em boa parte do livro, indicando que o autor é o narrador. A escrita no tempo presente revela um narrador imerso no passado, escrevendo como se estivesse revivendo os fatos, ou melhor, como se fosse o menino narrando suas aventuras naquele instante. Se o discurso, em algum momento, está no passado, rapidamente Barroso adota o presente para denunciar as injustiças, as desigualdades e as exclusões de que

⁵⁶ GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 97.

⁵⁸ BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., [Grifo nosso].

a sociedade é palco. Dessa feita, o relato se transforma em uma interpelação direta ao leitor, mobilizando sentimentos e levando-o a se insurgir⁵⁹.

O livro está organizado em doze capítulos, cujos títulos são os doze meses do ano (iniciando em janeiro e terminando em dezembro), cada capítulo está dividido em quatro subtítulos (a exceção do mês de fevereiro que possui cinco subtítulos). Os subtítulos remetem as questões do cotidiano, do corriqueiro da vida doméstica e sertaneja, alguns fazem menção ao folclore. A escolha de determinados acontecimentos e o ordenamento desses eventos em uma narrativa revelam o sentido que o autor desejou dar à sua vida e uma tentativa de organização do tempo, conforme nos assevera Ângela de Castro Gomes:

(...) interessa ressaltar como a fragmentação do indivíduo moderno pode conduzi-lo a, por meio da escrita de si, construir para si mesmo uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo. Um esforço que transforma esse tipo de escrita em uma prática de ‘domínio’ do tempo, que, da mesma forma que o ‘eu’, precisa e pode ser ordenado e significado por um sujeito. Um tempo que contém possibilidade simultâneas, que oferece escolhas e que é experimentado de forma aberta – como presentes e futuros possíveis. Um tempo que, mesmo acreditado como tal, pode não ser vivenciado como de evolução, progresso, aperfeiçoamento⁶⁰.

A narrativa inicia com sua admissão no Colégio Parténon, o que insinua a tentativa de vincular o começo de uma vida ao universo das letras, como se houvesse uma inclinação natural, desde a infância, para o estudo. As habilidades de Barroso são destacadas no primeiro contanto com o mestre Lino da Encarnação, ocasião em que o professor testou os conhecimentos do então aspirante a aluno do Colégio Parténon. Barroso teria respondido questões sobre Geografia e História com tamanha desenvoltura que o docente o teria inserido entre os alunos mais velhos. Os relatos que se seguem apresentam as aventuras de um menino e suas primeiras experiências na escola: os vínculos de amizade, as desavenças, as brincadeiras, atividades de classe e relações com a família.

Entremeadas com as lembranças relativas ao colégio, o autor fornece informações sobre a origem da família, dos nomes e laços de parentesco – explicações consideradas cruciais para a compreensão de sua identidade e de sua trajetória. O autor faz referência à origem germânica de sua mãe, que, segundo ele, seria responsável pelo seu apego à ordem e às coisas da terra. Ao traçar sua genealogia, o escritor intenta atribuir a si uma espécie de distinção pelo nascimento e, por essa razão, retoma informações sobre a profissão de seu avô

⁵⁹ Philippe Artières afirma que essa função é comum a muitos arquivos de vida. Cf: ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida, op. cit., p. 28.

⁶⁰ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História...”, op. cit., p. 17.

materno que, supostamente, fora um engenheiro respeitado. A vinda de seu avô para o Brasil, a constituição de sua família e, principalmente o amor a nova terra seriam as razões para a fixação definitiva da família no país. A respeito de sua origem paterna, observa-se um apreço pelas tias e pelos tios, que ocupam espaço privilegiado na narrativa. As primeiras seriam responsáveis pela sua alfabetização e, posterior, inserção no mundo das letras, os segundos, em contrapartida, seriam baluartes de seu amor pela carreira militar. As histórias contadas pelos tios, especialmente as relativas à Guerra do Paraguai, teriam povoado a mente de Barroso desde a mais tenra infância, influenciando seu desvelo por tudo o que diz respeito ao tema.

Ainda no que tange à família, destacamos a parcimônia de informações acerca de seu pai, apresentado como uma pessoa indiferente ao filho e à família, de poucos anseios na vida e nenhuma disposição para a mudança: “Faz sua vida como bem o entende e pouco se dirige a mim”⁶¹. O autor o acusa, inclusive, de dispersar a família após a morte de sua mãe, pois, tal fato teria motivado Felino Barroso a entregar os filhos mais velhos, Ana e Valdemar, aos cuidados de seus avós maternos, residentes em São Luís do Maranhão. A justificativa para sua permanência em Fortaleza seria a pouca idade, pois, segundo o autor, os familiares acreditavam que ele não sobreviveria a uma viagem tão longa e, dessa maneira, ele foi destinado ao convívio com os entes paternos.

Embora o pai seja qualificado de forma negativa na narrativa, não se pode menosprezar o seu papel como referência para Barroso, pois, verifica-se que os diálogos travados entre pai e filho estão sempre envoltos de grande emoção e respeito. Tais diálogos podem ser tomados, frequentemente, como reveladores de seu pensamento adulto, muito embora, Barroso seja enfático ao afirmar que não pretende seguir a trajetória de seu pai como tabelião, trabalhando em cartório, com poucos recursos e sonhos. Podemos perceber certa afeição pelo pai, acentuadamente nas referências aos postulados ideológicos defendidos por ele, o que descortina uma semelhança entre o pensamento do pai e do filho:

Eu já conhecia esse modo de pensar do meu pai, em cujo espírito a confusão do século XIX não conseguira apagar o amor ancestral da tradicionalidade. Sem religião ele admirava a Igreja pela sua perenidade vitoriosa. Admirador da Revolução Francesa, ele detestava os espasmos da ralé. Desde o alvorecer de minha vida, ouvira-o sempre falar dessa maneira das cousas antigas, como rebento de gente tradicional de nossa terra⁶².

⁶¹ Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., p. 13.

⁶² *Ibidem*, p.25.

A alusão aos pais é feita, frequentemente, sob a ótica do lamento, pois é recorrente o sentimento de desamparo causado pela morte da mãe - que faleceu sete dias após seu nascimento - e pela indiferença do pai - que o entregou aos cuidados das tias. O sofrimento causado pela ausência de ambos parece ter marcado sua personalidade de forma indelével, constituindo uma característica que se faz presente ao longo de sua trajetória, marcada pelo sentimento de incompreensão e abandono mesmo na fase adulta, o que se discutirá adiante. Barroso - representado nas memórias - é um menino tímido, cuja resignação parece contrastar com o homem que se tornaria anos mais tarde:

meu pai raramente fala comigo e parece, ao meu ver, não me dar muita importância. Desde pequenino, por falta de um afeto maternal gerador de confiança ilimitada, eu me acostumara a viver muito comigo mesmo e a deixar-me solicitar sempre, em vez de solicitar.⁶³

A recorrência às memórias da infância foi, muitas vezes, utilizada como artifício para trazer à baila discussões sobre temas contemporâneos ao momento da escrita e, dessa forma, cumpre destacar que a vigência de múltiplas temporalidades na narrativa não constitui uma exceção, mas, antes, pode ser considerada lugar-comum nas práticas de escrita de si, constituindo-as, por essa razão, como fonte privilegiada para a compreensão do tempo para seus autores. O passado em Barroso é um tempo que não se encerra nunca.

A rotina descrita por Barroso parece impregnada pelo passado, por tudo que faz lembrar um tempo ido, resquícios de algo não vivido pelo escritor, mas que parece ter causado profunda impressão em seus sentidos, passando, assim, a possuir importância crucial em sua vida. A descrição da casa é feita pela lembrança, cujas impressões foram conservadas com uma aura de sacralidade, onde pessoas, objetos e costumes foram compreendidos como relíquias. Verdadeiros *rasgos* no tempo, essas relíquias pertenciam a um pretérito que deveria se desdobrar pelo futuro, ao menos imaginariamente. Dessa forma, elas deveriam ser guardadas cuidadosamente na memória, pois a recordação seria a única maneira de assegurar sua continuidade no presente:

Nossa casa era uma casa antiga no aspecto, nos moradores e nos usos. Velho sobradão colonial, com paredes de fortaleza e soalhos de taboões. Velhos armários e velhas cômodas com velhas louças da Índia, pratarias e castiçais de vidro. Minha avó, octagenária. Minhas tias, passando dos sessenta. Acordava-se às cinco e meia da manhã, tomava-se café às seis,

⁶³ *Ibidem*, p.27.

almoçava-se às dez e jantava-se às quatro da tarde. Às nove da noite todos dormiam.⁶⁴

O “Culto da Saudade”⁶⁵ origina-se dessas experiências, constituídas ao longo de uma vida, no contato com a família, o que examinaremos no segundo capítulo.

A idade dos parentes com os quais Barroso conviveu até praticamente a vida adulta, nos leva a indagar sobre os valores que essas pessoas comungavam e que, hipoteticamente, lhe teriam sido infundidos. A essa situação, acrescenta-se o fato de que foram as tias as responsáveis pela alfabetização do menino Barroso, de forma que acreditamos, elas possuíram certa influência sobre o futuro escritor. A respeito da formação intelectual de sua tia Iaiá, irmã mais velha de seu pai, ele afirmou: “tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura de 1860. Falava muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francesa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro”⁶⁶. As informações sobre a tia nos permitem compreender o apreço pela Monarquia e pela tradição que, anos mais tarde, se tornariam elementos orientadores de sua escrita⁶⁷.

O ambiente familiar foi determinante na vida do futuro escritor, com destaque para as agruras vivenciadas por sua família, que podem ser observadas nas referências a respeito das dificuldades financeiras enfrentadas pelos parentes. Identificamos, de um lado, certo conformismo em relação à carestia presente no sobrado, por outro, há em Barroso um desejo de enaltecer, por meio desse relato, suas realizações posteriores. A vida no sertão parece - à luz de suas memórias - privada de recursos básicos, o que teria forçado o escritor, desde seus primeiros anos, a buscar alternativas próprias para a realização de seus projetos: “Minhas tias e minha avó eram muito pobres. (...) Tinha, pois, de pedir o dinheiro àquele que, sozinho, me tem dado todo o dinheiro que tenho gasto comigo e com os outros, àquele que, sozinho, me fez o que sou: a mim mesmo”⁶⁸.

Outro aspecto a ser destacado na autobiografia barroseana é a referência aos *vultos da pátria*, que poderiam ser compreendidos aqui como modelos para o menino, sugerindo a ideia

⁶⁴ *Ibidem*, p.13.

⁶⁵ “O Culto da Saudade”, artigo publicado por Gustavo Barroso no *Jornal do Commercio*, em 1912, é um projeto político e historiográfico que propõe uma relação afetiva com o passado, por meio da valorização do patrimônio histórico e da memória nacional. A preocupação com a tradição é o mote primordial do artigo e reflete sua proposta romântica. Cf: BARROSO, Gustavo. O Culto da Saudade. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

⁶⁶ Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., p.16.

⁶⁷ Gustavo Barroso pode ser incluído entre uma tradição de intelectuais monarquistas que pensava positivamente o Império, malgrado as particularidades que envolvem cada um dos estudiosos, podemos citar: Eduardo Prado, Afonso Celso, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Rocha Pombo e Afonso Taunay. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. As festas que a República manda guardar. In: *Estudos Históricos*, v.2, n. 4, 1989, p. 172-189.

⁶⁸ Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., p. 110.

de exemplos a serem seguidos. É possível entrever também a tentativa de vincular seu nome ao desses presumidos “homens ilustres da pátria”, em outras palavras, ao elogiar os vultos de sua região e expor o sonho de estar entre eles, Barroso propõe que o leitor o identifique como pertencente a essa categoria de indivíduos.

Olho todos os dias essas figuras com um desejo quase inconsciente, larvar, informe, indefinido, de ser ilustre como eles, de honrar também a minha terra e a minha geração. Esqueço nesses momentos de contemplação minhas inclinações para a molecagem (...) e penso em estudar, entrar para a Escola Militar ou para a Escola Naval, tornar-me notável (...). Naquele tempo, do velho Brasil de nossos avós, vivia ainda na alma das gentes o culto dos valores reais, dos homens que dão lustre a um país, não pela sua posição, mas pelos seus atos e pela sua inteligência⁶⁹.

A proposta de inserção do autor entre as personalidades do Nordeste é assegurada pelo uso de outra estratégia, a identificação do escritor como vítima de injustiças por parte do poder público e da Imprensa. A fórmula empregada reflete o anseio de suscitar piedade entre seu público e, de forma mais sutil, retrata o objetivo de denunciar ataques que, supostamente, vilipendiavam sua imagem. Nesse sentido, a escrita de si seria um artifício para fazer justiça:

(...) se essa voz misteriosa e quase imperceptível me contasse a poeira de ódio, incompreensão e inveja que levantariam meus passos pelo caminho a percorrer, juro que teria preferido o cartório, o sitiozinho, a vida miúda, igual corriqueira, em que o tempo passa pela gente, e não a que me coube, em que passo pelo tempo⁷⁰.

Não obstante o tom de pesar, percebemos o desejo de glória por parte do autor, principalmente no que se refere ao orgulho pelos postos alcançados na política e nas instituições vinculadas ao campo das letras e da história:

Se, nesse dia 1º de julho de 1898, um profeta chamasse o Governador do Estado e mostrasse aquele garoto cabeludo, franzino e pálido, de coçada ropinha de brim e meias caídas sobre os coturnos cambaios, dizendo-lhe: - Aquele menino contribuirá com a sua pena para acabar com a situação política que lhe parece tão sólida e o mantém como Governador; será Secretário de Estado, neste Palácio, daqui a quinze anos, onde receberá os cumprimentos bajulatórios de muitos destes mesmos coronelões deputados que hoje vêm saudar a V. Excia., será Deputado Federal e colega, na Câmara, dos Deputados que sobram dos terremotos políticos; decerto S. Exa. solitaria a mais gostosa gargalhada deste mundo⁷¹.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 163.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 164-165.

⁷¹ *Ibidem*, p. 140.

O tom lastimoso do relato se apresenta mais veemente quando o autor se manifesta a respeito da modernidade e das transformações pelas quais o país passava. O desejo de imobilidade das coisas é acompanhado do ataque às modificações em curso, o que pode ser observado nas referências às construções urbanas e aos costumes do povo. São recorrentes as referências às perdas trazidas pelas reformas urbanas, como, por exemplo, na passagem em que Barroso lamenta a derrubada de sua casa e de uma árvore: “Em 1934, quando a picareta das modernizações derrubou em Fortaleza o velho sobradão onde me criei, fui dizer o derradeiro adeus aquela amiga fiel e silenciosa (...)”⁷². A percepção negativa da modernização está associada, igualmente, à ideia de que ela transforma a realidade e promove, por conseguinte, o desaparecimento das coisas e seu esquecimento.

Em suas memórias Barroso afirma ter vivenciado uma educação laica e, ao longo de sua trajetória não observamos alusões a um catolicismo de viés tradicional, todavia, identificamos uma espécie de religiosidade mesclada em suas narrativas autobiográficas. O escritor demonstra grande preocupação diante da perda dos referenciais católicos no Brasil, evidente, segundo ele, nas Festas Natalinas, onde a comemoração do nascimento de Jesus Cristo fora substituída pelos festejos em torno da figura do Papai Noel. A árvore de Natal, a lareira e os sapatinhos na janela seriam emblemas de uma tradição própria do Hemisfério Norte, cuja transplantação para o Brasil não faria nenhum sentido, devido, inclusive, às diferenças climáticas:

Vivemos numa época de tanta confusão e de tão filuciosa ignorância que se propugna um vovô índio sem pé nem cabeça para substituir um Papai Noel sem cabeça nem pés, esquecendo a verdadeira tradição do país através da sua religião e dos seus usos: O Menino Jesus!⁷³

Identifica-se, por um lado, a defesa da tradição, e, por outro, a crítica à cultura estrangeira, afinal, para Barroso a cultura brasileira deveria ser valorizada, em todas as suas dimensões, especialmente, no que diz respeito ao catolicismo, considerado por ele como fundamental para a identidade nacional. Percebe-se que em seus livros sobre história o autor promoveu uma aproximação entre o catolicismo e o militarismo, considerados como fundamentais para a formação nacional - tema que será discutido no terceiro capítulo.

⁷² *Ibidem*, p.155.

⁷³ *Ibidem*, p. 247.

Na expectativa de estudar a trajetória barroseana, tal como seu autor a definiu, empreenderemos a investigação do segundo de livro de sua produção autobiográfica.

Liceu do Ceará

Publicado em 1940, *Liceu do Ceará*⁷⁴, segundo livro da trilogia memorialista de Gustavo Barroso, segue uma estrutura semelhante à de *Coração de Menino*. Todavia, se o livro anterior pode ser compreendido como um diálogo entre o adulto e a criança, *Liceu do Ceará*, por sua vez, narra a adolescência de Barroso a partir das lembranças do homem adulto. O nome do autor figura novamente na capa, de maneira a atestar a autoria e estabelecer uma relação de identidade entre autor – narrador – personagem, conforme discutimos anteriormente. Dedicado à memória de seus mestres e amigos, o texto apresenta uma organização temporal distinta do primeiro volume de memórias, pois, enquanto o primeiro narra as experiências vividas durante um ano, o segundo apresenta uma cronologia mais ampla. A narrativa descreve os oito anos em que o autor foi estudante do Liceu, contemplando, portanto, os anos de 1889 a 1906, proposta presente desde o sumário, cuja divisão obedece a essa proposição.

A estrutura do sumário demonstra o objetivo de vincular a trajetória pessoal à formação intelectual, no entanto, o autor caracteriza de forma negativa a rotina vivida no Liceu e apresenta um aluno pouco afeito aos estudos, propenso à “vadiagem”: “Eu e todos os de minha turma encontraríamos no terceiro ano como que uma *esquina do pecado*. Repeti-lo-íamos, como outros mais, tentados pelo demônio da vadiagem”⁷⁵. Apesar do desinteresse pelas aulas e da hostilidade contra os professores, o autor é contumaz ao afirmar sua inclinação para as disciplinas de história e geografia: “Os estudos de mal a peor! Não estudava e quasi não frequentava as aulas, salvo as de geografia e história, que continuavam a me atrair”. A propensão para o estudo de tais assuntos parece, à luz da narrativa barroseana, uma vocação natural e também um anúncio das preocupações que ocupariam o autor anos depois. A história é aqui concebida como um tema transversal em sua obra, presente mesmo nos momentos em que o autor não esteve envolvido com atividades intelectuais, atingindo o ápice durante a consecução de sua produção historiográfica, cujo mérito estaria relacionado aos anos de estudo dedicados ao tema.

⁷⁴ BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio M. da Costa, 1940.

⁷⁵ *Ibidem*, p.20.

O amor ao passado e o apego à tradição - temas que orientaram sua produção escrita, sua atuação no Museu Histórico Nacional e, inclusive, sua ação política - estão presentes no decorrer da narrativa. *Liceu do Ceará* apresenta um autor saudosos, não de objetos ou de construções do passado, tal como nos artigos publicados sobre patrimônio, mas de fatos e pessoas da infância, de forma que a tristeza provocada pela morte dos homens de sua geração ocupa um espaço significativo na obra: “No decorrer da existência, a ausência e a morte vão continuamente levando amigos e conhecidos. E’ triste a gente sentir-se só, quasi estrangeiro, acompanhado somente de reminiscências e saudades, na terra que nos viu nascer”⁷⁶. A saudade faz o autor retomar os sonhos de juventude, notadamente o desejo de seguir a carreira militar, intenção também exposta em *Coração de Menino*, mas de maneira menos veemente. O segundo livro de memórias apresenta um indivíduo obstinado em se tornar militar, cujas investidas foram mal interpretadas pela família e que a doença, por fim, privou de sua concretização:

Se cursasse a Escola Naval, talvez um dia chegasse a almirante, pensava, sem coragem de revelar meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente, como ave ferida que pouco a pouco se esvai quasi sem agitar as asas enfraquecidas. Só eu sei o que me custou essa tragédia íntima, só eu sei, porque somente eu a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidos dos outros e que se não realizaram⁷⁷.

A revolta causada pelo sonho não realizado é associada à incompreensão da família e, mais uma vez, o pai figura como o algoz do escritor, identificado como o culpado por sua amargura. Todavia, se a profissão de militar era preterida pela família, o universo das letras, especialmente a carreira jurídica, parecia formidável. Barroso, em contrapartida, manifestava indiferença pelo assunto e se mostrava alheio às “matérias do espírito”, demonstrando descaso pelo curso de Direito, ofício escolhido por ele, anos mais tarde: “Como a Escola Militar estivesse fechada e constasse que tão cedo se não reabriria, curvei a cabeça aos desejos de minha família, ainda mais veementes após a fundação da Faculdade Jurídica em Fortaleza, e aceitei ser bacharel em Direito”⁷⁸. Embora a profissão tenha sido uma imposição da família, nas palavras do autor, a adesão à “vida literária” ocorreu ao acaso, devido ao interesse de um

⁷⁶ *Ibidem*, p. 171.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 83-84.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 180.

professor por um texto seu, que teria proporcionado a primeira publicação no jornal *República*: “Mostrara-lhe o trabalho e ele m’o tomara, achando-o digno de publicação”⁷⁹.

Espécie de preparação para o ofício, Barroso lia a *Illustration Française*, as *Lectures pour tous*, o *Graphic* de Londres, o *Fliegend Blätler* de Viena, o *Meggendorf Blätler* de Munich e o *Piccolo dela Sera*. Dedicava-se à literatura estrangeira, especialmente nas línguas inglesa e francesa, e mostrava preferência pelo gênero de aventura: “Devorava livros – os de minha casa, os de meu padrinho, os de meu primo Ricardo, os que bondosamente me emprestava meu velho amigo Dr. Francisco De Paula Pessoa, em português, em francês e mesmo em inglês, romances históricos e viagens, contos e ensaios”⁸⁰. Os frutos da prática de leitura logo se fizeram notar, promovendo uma escrita fecunda, de forma que, após a primeira publicação, o autor foi convidado a escrever novamente. A primeira conferência proferida pelo escritor foi sobre Pero Coelho, em 1904, na Fênix Caixeiral de Fortaleza e, na ocasião, a *Revista Trimestral do Instituto do Ceará* publicou o estudo que, posteriormente, foi editado também pelo *Jornal do Commercio*.

A mudança para a cidade do Rio de Janeiro, em 1910, foi sugestão do amigo Dr. Antonio Olinto dos Santos Pires. Ela permitiu ao autor concluir o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais e incluir-se na intelectualidade do país. Na narrativa de suas memórias, ele descreve essa atitude como decisiva para seus projetos nas letras e na política e deixa entrever certo orgulho pela própria trajetória: “Aos vinte e tantos anos, eu era Deputado Federal pela minha terra e a não desonrava em meu mandato. Aos trinta e quatro, sentava-me numa das poltronas da Academia Brasileira de Letras”⁸¹.

Liceu do Ceará é concluído com o registro sobre uma doença adquirida pelo escritor, possivelmente a esquistossomose que, devido à demora do diagnóstico e do tratamento, teria causado inúmeros transtornos e comprometido a sua saúde. A cura da doença ocorreria no final de 1906, anunciando a oportunidade de continuidade dos estudos, por um lado, e o fim da expectativa da carreira militar, por outro.

Consulado da China

Terceiro livro da trilogia memorialista de Gustavo Barroso, *Consulado da China*⁸² foi publicado em 1941, por Getúlio M. da Costa, com um número maior de páginas em relação às

⁷⁹ *Ibidem*, p. 210.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 211.

⁸¹ *Ibidem*, p. 217.

⁸² BARROSO, Gustavo. *O Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1941.

autobiografias anteriores. O título do livro faz referência a um dos locais preferidos pelo escritor durante essa fase de sua vida, a república de estudantes denominada Consulado da China. A importância desse local esteve associada, principalmente, à ideia de refúgio, pois, se por um lado significava o espaço onde era possível apresentar ideias livremente, por outro, a república ofereceria segurança, que passou a ser fundamental nesse momento, pois o autor sofreu ameaças de perseguição policial, sendo obrigado a se esconder.

Consulado da China mantém o estilo dos textos precedentes e a intenção de vincular a trajetória pessoal à formação intelectual, no entanto, o último volume apresenta uma organização diferente, em que as impressões sobre a terra natal aparecem de forma veemente. A atividade como jornalista é descrita com mais detalhes, onde observamos um elemento novo, a oposição à política da época, especificamente, à família Acioli que ocupava o poder. O livro está dividido em cinco partes, e as primeiras páginas descrevem o cotidiano no sertão, os contos populares e a relação íntima entre o autor e o ambiente sertanejo.

A experiência vivida no sertão é interpretada pela ótica da saudade, a caracterização da paisagem e das pessoas é emotiva e a linguagem utilizada é poética. A estrutura dessa parte inicial do texto é semelhante a do romance, em que observamos uma preocupação quanto à descrição minuciosa dos lugares e evidenciamos a presença do diálogo entre as personagens, elemento incomum nas publicações do escritor, inclusive nas memórias anteriores. Outro ponto a ser destacado é o cuidado na transcrição de expressões da linguagem popular, gravadas em itálico, assegurando a fidelidade aos elementos originais, demarcados como distintos da norma culta, mas valorizados em sua singularidade.

O sertão aparece como um lugar idílico, povoado por seres puros e dotado de uma natureza exuberante, espaço que promove a introspecção. O encanto pela paisagem é temática recorrente, pano de fundo da narrativa sobre os passeios solitários a cavalo em que o autor “moldou a sua alma”, espécie de elemento inerente a sua personalidade. O relato sobre a vida no sertão obedece à lógica da aventura, em que o autor se coloca como um descobridor das coisas e dos lugares, de forma que a sensação dessas experiências teria marcado seu espírito de forma indelével. As histórias sobre cangaceiros ouvidas no contato com a gente antiga da terra e o encontro com o cangaceiro “Zé Dias” são exemplos dessa questão e momentos altos do texto.

O sertão é descrito por duas vias. Se por um lado a seca e a miséria o torna um lugar de sofrimento, transformando a vida do sertanejo em verdadeiro martírio, a beleza de sua paisagem e a nobreza de seu povo o transforma em signo de orgulho e glória. Na perspectiva do autor, as mazelas do sertão fortalecem a sua gente que, para sobreviver em tão inóspito

lugar, precisou desenvolver certas habilidades de maneira que sua persistência constitui símbolo de sua tenacidade: “A seca molda e forma uma raça de fortes”⁸³. O autor salienta a coragem e a paciência do sertanejo que, para resistir às dificuldades impostas pela “Sahara do Brasil”, transformaram-se em um povo digno de nota, ele exalta o nome de individualidades cuja origem advém do sertão. No aspecto militar, destaca os soldados Tibúrcio e Sampaio, no âmbito das letras ressalta o poeta José de Alencar. Tais nomes são indicativos de uma raça que “libertou escravos, dominou o mar e conquistou a Amazônia”⁸⁴, cuja firmeza de caráter a torna baluarte da liberdade.

A lembrança desse espaço sublime desperta grande saudade e, é com amargor que o escritor relata as razões que o fizeram abandonar a terra amada, em seguida, a narrativa se transforma em um discurso triste, expondo um autor consternado pelas decisões tomadas ao longo de sua vida, alheias a sua vontade: “Não tinha a quem recorrer para poupar-me essa dor. Como outras iguais e maiores devorei-a sozinho. Fiquei triste muito tempo. Minha tristeza é feita de centenas dessas tristezas”⁸⁵. O sertão é apresentado, assim, pela ótica da melancolia, onde a aridez, o sol inclemente e o tempo que não passa denotam um lugar *suspense* no tempo.

O amor ao sertão foi um aspecto constante em sua obra, especialmente na primeira década de sua produção, em que o autor tornou-se conhecido pelos livros de “sociologia sertaneja”. A temática fez parte de um projeto acerca da pesquisa sobre o folclore nacional e, foi na companhia de Manuel Bandeira e Afrânio Peixoto que, em 1941, Barroso coordenou os estudos relativos ao folclore brasileiro e percorreu o país no intento de investigar as tradições populares. As informações oriundas dessa pesquisa foram, posteriormente, organizadas sob a forma de um Dicionário Etnográfico Brasileiro e publicadas. O autor atribui ao tempo vivido no sertão o interesse pelo folclore e propõe que o convívio com a região o teria transformado em uma pessoa sensível a essa temática:

Muitos e muitos anos depois, estudando os folclores exótico, li uma lenda cambojiana, em que se conta duma casa, onde pratos, panelas, móveis, tudo tinha idéias e tudo falava. Assim, era para mim a casa da Água-Bôa. Tudo nela tinha alma, falava-me e eu entendia, como Mowgli da Jângala a quem o velho urso Baloo ensinara as palavras-mestras da língua dos animais. Eu sabia todas as palavras-mestras da língua das cousas⁸⁶.

⁸³ *Ibidem*, p. 63.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 63.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 121.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 82.

A partir da terceira parte da narrativa, as experiências sertanejas dão lugar ao relato das atividades acadêmicas, políticas e jornalísticas, com enfoque especial para a formação da república de estudantes, denominada Consulado da China. Barroso foi aluno da Faculdade de Direito do Ceará entre os anos 1907 e 1909, período de sua adesão à vida literária de Fortaleza, marcado pelas primeiras publicações de artigos em periódicos da época, com destaque para o *Jornal do Ceará*, órgão de oposição à família Acioli, ocupante do poder. As denúncias sobre irregularidades na administração pública durante o mandato de Nogueira Acioli, assim como as acusações a respeito do abuso de autoridade por parte do político, foram percebidas como afronta e o autor tornou-se alvo de provocações por parte do jornal *A República*, publicação situacionista:

A República” mantinha uma secção diária de mofinas, o *Dizem por aí*, que começou a se ocupar comigo em 1908 e nunca mais me deixou de mão. Chamava-me *Gustavo-Besteira*, *Gustavo-Garapa*, *Gustavo-Xarope* e o *Opilado*. O que eu escrevia não passava de “tempestades e sandices”⁸⁷.

Malgrado as críticas recebidas, o autor continuou sua atividade e estendeu sua área de influência, passando a colaborar em outros periódicos da Capital e fundou o jornal *O Garoto* com José Gil Moura, em 1907. Esta publicação atacava as personalidades da época. *Critico, desopilante, molieresco e rabelaisiano*, *O Garoto* teve uma vida breve – cerca de dois anos – mas incisiva e pouco comedida no que diz respeito aos ataques aos políticos. Um indicativo do prestígio que o jornal gozava foi o soneto assinado por Olavo Bilac, em 1908, por ocasião de seu aniversário:

Ao completares hoje um róseo ano de vida,
Consagrado à pilhéria, à crítica, à poesia,
E’ um sagrado dever que tem a Academia
De Letras do Brasil nesta sala reunida,

Em sessão, onde o riso à festa nos convida,
Mandar-te parabéns de viva simpatia
Por sucesso tão grande havido nesse dia,
- Marco duma batalha – a primeira vencida.

Aceita, pois, “O Garoto”, um abraço fraterno
Que te faça estalar toda a espinha dorsal,
Com um voto ao Ceará de muito bom inverno
E um outro, fervoroso, enviamos-te afinal,
Que livre te trará das caldeiras do inferno,

⁸⁷ *Ibidem*, p. 198-199. [grifos do autor].

- Que sejas como nós de existência imortal!⁸⁸

Expressão da importância do jornal, o soneto destaca o tom satírico e combativo de suas páginas, e, por essa razão, foi severamente criticado pelos órgãos situacionistas de imprensa, especialmente o jornal *A República*. As provocações desse último foram rebatidas por Barroso e a troca de hostilidades tornou-se constante, em seguida, essa tensão adquiriu proporções maiores e o autor passou a receber ameaças de punição policial. As advertências constantes o deixaram receoso, inclusive, de transitar pelas ruas e, por essa razão, a fundação de uma república de estudantes – o Consulado da China – foi fundamental para garantir proteção ao escritor:

Disseminados pela cidade, os Consulados ofereciam-me asilo a cada passado. Muitas vezes dormi em um ou outro deles. Outras, quando os capangas me esperavam na rua Major Facundo, entrava pela Formosa ou por ela saía, pulando o muro do Consulado do Japão. Isso forçou-me a andar à noite quasi sempre disfarçado.

Esse “período bastante duro”⁸⁹, tal como o autor o definiu, assinalou mudanças significativas em sua vida, de colaborador do *Jornal do Ceará*, o escritor passou a ocupar um posto de maior visibilidade, espécie de redator-chefe, que o prepararia para assumir funções em periódicos maiores e mais influentes no país, como a *Revista Fon-Fon*, anos mais tarde. Órgão em que o autor colaborou desde os primeiros anos na cidade do Rio de Janeiro e que, em 1916, passou a fazer parte do corpo editorial, posição ocupada por ele ao longo de mais de uma década. A crítica recebida anos a fio na imprensa cearense teve um aspecto positivo, nas palavras do autor; ela foi responsável pelo seu preparo para a vida pública: “Fiquei calejado para outras lutas na imprensa e na política”⁹⁰.

O autor afirmou ser o clima de hostilidade e a conseqüente tensão estabelecida após anos de combate à política situacionista que o obrigaram a mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro: “Deixei o Ceará antes que as ameaças se realizassem”⁹¹. A decisão de migrar para a Capital Federal foi tomada em 1910 e contou com o apoio de amigos e familiares que acompanharam o escritor até o embarque para a viagem no vapor *Olinda*. Após a resolução, o autor descreve a lembrança triste desse momento de juventude, consciente de que as coisas jamais seriam as mesmas e que ele teria somente a si mesmo doravante:

⁸⁸ *Ibidem*, p. 223-224.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 231.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 232.

⁹¹ *Ibidem*, p. 214.

Só então compreendi e senti o passo que dera. Deixava para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens guardadas em meus olhos, a gente com que me irmanara na mesma tradição e nos mesmos sentimentos, tudo o que amara. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influências de outros meios, sem dinheiro e sem proteção, sozinho, sozinho, contando unicamente comigo. Que seria de mim? Deitei-me de bruços no sofá e comecei a chorar, abafando os soluços para não acordar os outros ⁹².

A mudança para a Capital permitiu a conclusão do bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais e, principalmente, a inserção em um seleto grupo de letrados, o que possibilitou a publicação de suas primeiras obras e, posteriormente, o ingresso em instituições consagradas, em âmbito nacional e internacional. Por ora, destacamos que o escritor encontrou empecilhos para adentrar nesse universo de sociabilidade letrada, dificuldades, inclusive, financeiras que quase comprometeram sua sobrevivência. O jornalismo, nesses primeiros anos no Rio de Janeiro, constituiu uma relevante fonte de renda e possibilidade de divulgação de ideais, além de funcionar como alternativa para a entrada em círculos de literatos. Vários autores assinalaram a especificidade do jornalismo nas primeiras décadas do século XX, seja pelo pagamento de salários, seja pela divulgação de ideais ⁹³.

Barroso publicou artigos em periódicos da Capital quando ainda residia no Ceará, colaborações que contribuíram para que ele se tornasse conhecido no meio jornalístico fluminense. No *Tico-tico*, ele divulgou, em fascículos, entre 1908 e 1909, sua fábula *O anel mágico*, com desenhos de próprio punho e, no mesmo período, ele escreveu para *O malho*. Tal visibilidade, alcançada antes de sua transferência, foi decisiva para que o autor conseguisse, em um tempo, relativamente breve, o cargo de professor de Geografia no Ginásio de Petrópolis e, posteriormente na Escola de Menores da Polícia. Após esse primeiro momento de estabelecimento no Distrito Federal, o escritor buscou inserir-se entre a intelectualidade e, para isso, procurou uma aproximação com nomes importantes da época, como Olavo Bilac e Coelho Neto.

⁹² *Ibidem*, p. 274.

⁹³ Giselle Martins Venâncio acentua a importância da imprensa para a intelectualidade do início do século XX, uma vez que os jornais poderiam ser considerados como a porta de entrada para o mundo literário: “Era principalmente através dos jornais, que os literatos tornavam-se conhecidos do público leitor e reconhecidos pelos seus pares, passo fundamental para conseguir a publicação de seus livros”. Cf: VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo*, Op., cit., p. 49.

1.3 A Vida na Capital das Letras ⁹⁴

Barroso frequentava as rodas literárias, os cafés, os salões e as revistas da Capital ⁹⁵. Brito Broca, ao comentar sobre os assíduos da Confeitaria Colombo, relata que Gustavo Barroso se apresentava, naquele espaço, sempre “muito elegante, de polainas e luvas”.⁹⁶ Frequentador também do salão de Coelho Neto, local consagrado na Primeira República para aqueles que se dedicavam à literatura no Brasil. Foi, nessa ambiência, que o autor começou a adquirir notoriedade, e seus artigos sobre o Ceará, carregados de emoção, despertaram o gosto do público que o incentivou a publicar um livro. *Terra de Sol*, sua estréia – e permanência – no universo literário, é fruto dos estímulos desse universo.

A admissão aos círculos literários não foi fortuita, ao contrário, foram muitas as investidas do autor, e um de seus padrinhos foi um conterrâneo seu: Capistrano de Abreu. Barroso teria procurado Capistrano levando consigo uma carta de recomendação escrita por seu pai, Antonio Felino Barroso, antigo amigo de Capistrano na Academia Francesa do Ceará. Conforme relatou anos depois, Barroso não conseguiu entregar a carta ao seu destinatário, mas com o tempo teria conquistado seu respeito e sua admiração. Ainda em 1910, Barroso contribuiu com periódicos, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Fon-Fon*, veículo em que seria diretor de redação a partir de 1916. Na *Fon-Fon*, Barroso publicava notas humorísticas, contos, crônicas e algumas ilustrações e, em 1911, ele passou a escrever para o *Jornal do Commercio*, tornando-se chefe de redação entre 1914 e 1919, tendo Félix Pacheco como diretor do periódico.

Após a publicação de *Terra de Sol*, o autor escreveu outros livros destinados às análises sobre o sertão, que postulavam um engrandecimento do Ceará, ao mesmo tempo em que denunciavam as agruras vividas por sua população. A produção de orientação sertaneja foi concomitante à escrita acerca de outros temas, como a história, o folclore e a biografia. A

⁹⁴ Mônica Velloso, em *Modernismo no Rio de Janeiro*, analisa o movimento de ideias nas primeiras décadas do século XX, especialmente, a emergência do movimento modernista. A autora pontua que, nos primeiros anos do Vinte, a intelectualidade do país estava, em grande medida, vinculada a duas cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. Ressalta que a primeira esteve, por longo tempo, identificada como Capital das Letras, onde os intelectuais se reuniam em cafés, confeitarias, livrarias, revistas e etc, organizando grupos de mútuo apoio e de choque. Cf: VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 30-40.

⁹⁵ A importância desses locais como espaços de sociabilidade intelectual foi apontada por Giselle Martins Venâncio, em seu estudo sobre Oliveira Vianna, onde a autora destaca que não era a qualidade de letrado que estabelecia as estratégias de sociabilidade, mas, ao contrário, era exatamente a participação na sociedade dos “homens de letras” que definia a condição de letrado. “A convivência fundada nos salões, nos cafés, nas conversas entre os intelectuais era absolutamente necessária e fundamental, pois a condição de “homem de letras” se acomoda mal à solidão e ao afastamento de sua “república”.”. Cf: VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo*, Op., cit., p. 29-30.

⁹⁶ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 35.

diversidade temática foi valorizada por alguns intelectuais, como Alceu Amoroso Lima, que declarou na época: “A unidade de uma carreira literária não está no assunto, mas no espírito. Pode-se mesmo dizer que unidade de assuntos, nos temperamentos propriamente literários, é sinal de pobreza [...] O escritor deve variar para renovar-se”⁹⁷. Outros autores, no entanto, desprezaram essa variedade de assuntos, julgavam que o curto prazo entre uma publicação e outra, com temas tão diferenciados, poderia ser tomado como um indício de um trabalho incipiente. Denunciavam a falta de profundidade de seus estudos e o acusavam de produzir meros esboços, cuja qualidade deveria ser relativizada.

Malgrado o sucesso alcançado com as primeiras publicações, para concretizar o ideal de se tornar um intelectual consagrado, Barroso deveria fazer parte de instituições respeitadas na época, como a Academia Brasileira de Letras (ABL) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A inserção nesses seletos espaços de intelectualidade foi árdua, a respeito de sua entrada para a ABL, é importante mencionar que o escritor candidatou-se várias vezes, entre os anos de 1918 e 1923⁹⁸. As justificativas para as sucessivas recusas foram várias, principalmente a de se tratar de um autor muito jovem para figurar entre os imortais, informação que deve ser relativizada, pois, autores mais jovens alcançaram o posto. Obstinado, Barroso conseguiu se eleger com vinte e três votos, derrotando Rocha Pombo, Mário Lima e Monsenhor Landim, fato que provocou duras críticas na imprensa, onde se denunciava a baixa qualidade de sua obra. Apesar de possuir uma relação respeitosa com Barroso, Monteiro Lobato não deixou de censurar o escritor pelo seu apego às condecorações e aos títulos honoríficos, considerados por Lobato como coisas de pouco valor:

Minha idéia é que todas as distinções honoríficas neste mundo são latas vazias. [...] Que são as fitinhas da Legião de Honra e as comendas do Gustavo Barroso? Latas. Pois a láurea acadêmica é também uma lata com que os homens se enfeitam para ficarem diferentes dos outros – dos tristes mortais que passam a vida inteira sem nem sequer uma latinha de massa de tomate ao pescoço!⁹⁹

⁹⁷ BARROSO, Gustavo. *Praias e Várzeas e Alma sertaneja*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. xi.

⁹⁸ No começo do século XX, pertencer à Academia Brasileira de Letras significava prestígio social e proporcionava ao intelectual, destaque entre a elite da época. Embora a qualidade literária dos trabalhos fosse, frequentemente, questionada, o fato é muitos escritores desejavam ostentar em suas publicações o título de imortal, o que os levava a concorrer, várias vezes, a eleição para a Academia. Cf: VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo*, Op., cit., p.66.

⁹⁹ LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. v. 13. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p. 201.

A imprensa dividiu-se: houve quem aplaudisse, houve quem criticasse e houve também quem aproveitasse o momento para fazer piadas. As pilhérias em relação ao mérito de sua obra e à sua afeição pelas honrarias foram respondidas no discurso proferido na ocasião de sua posse, em 7 de maio de 1923, oportunidade em que o autor se vangloria por ter conquistado assento na academia derrotando outros pretendentes: “Se mais de uma vez bati em pura perda à vossa porta, resta-me o consolo de que nunca me inscrevi sozinho e sempre tive fortes adversários a combater. São infinitamente mais saborosas as vitórias difíceis”¹⁰⁰.

O discurso de recepção¹⁰¹, proferido por Alberto Faria, ironizou a trajetória e a obra de Barroso. Faria criticou uma produção que considerava realizada menos como fruto de extenso e profundo trabalho intelectual, que em função dos interesses por postos e fama, o que resultava em uma volumosa coleção: “copiosa, extensa e progressiva, argui milagre de talento, pois a produzistes rapidamente, antes da idade crepuscular, sem tempo para estudos repousados, andando aos saltos de terra em terra, a cambiar sempre posições, numa existência curta e afanosa”¹⁰². Se *Terra de sol* parece, aos seus olhos, merecer algum reconhecimento, ele não deixa, em contrapartida, de mencionar as acusações de plágio que o livro sofrera em sua estréia. Ao que tudo indica, apesar da irônica recepção, a amizade entre os dois não parece ter sido abalada. Quando Faria faleceu, em 1926, Barroso fez um artigo em sua memória, afirmou que Faria o tinha como a um filho e comentou sobre o início e a trajetória de uma amizade sincera.

O título de imortal conferiu certa legitimidade a sua obra e passou a acompanhar sua assinatura em livros e trabalhos para a imprensa, e, na expectativa de alcançar notoriedade, o escritor tentou inserir-se em outros círculos letrados, no Brasil e no exterior. Desejava ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), identificado como Casa da Memória Nacional, exigiu sucessivas investidas por parte do escritor. A primeira candidatura a sócio ocorreu no ano de 1921, contudo, o escritor somente foi aceito em 1931. As

¹⁰⁰ BARROSO, Gustavo. Discurso de Posse na cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos* (1920-1923). v. 5, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. p.192.

¹⁰¹ A importância dos discursos na Academia Brasileira de Letras, especialmente durante a recepção de um novo membro, foi analisada por Alessandra El Far. A autora em questão destaca que a teatralização, por excelência, da Academia, acontecia nessas ocasiões, em que ocorria uma encenação efetuada em detalhes, reafirmando-se, perante a sociedade, o valor institucional de uma organização literária e a genealogia de seus integrantes: “Os discursos eram considerados a parte mais importante da cerimônia, pois, através deles, reafirmava-se a linhagem entre os seus membros, estabelecendo uma ligação entre o passado e o presente”. Cf: EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. Do mesmo autor: “A presença dos ausentes: A tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000, p. 10-11.

¹⁰² FARIA, Alberto. Resposta do Dr. Alberto Faria. In: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos* (1920-1923). Op. cit., p. 221.

justificativas para a negação de seu pedido não foram encontradas, todavia, acredita-se que o fato de ter sido diretor do Museu Histórico Nacional, desde 1922, colaborou para que uma opinião positiva a seu respeito se firmasse no interior da instituição. Sua produção historiográfica privilegiou a investigação sobre a história militar, notadamente no período imperial, e, com a publicação de *A Guerra do López*, o escritor passou a receber elogios, sendo, inclusive, reconhecido como historiador. Alcebíades Delamare foi um dos intelectuais que destacou o aspecto proeminente de sua obra, e, ao comentar sobre os volumes de história militar, ressaltou o caráter histórico e a profícua pesquisa documental:

Lendo-os não sei o que mais admirei, se a cultura sistematizada e sólida do historiador, se o patriotismo que o inspirou no afã de esclarecer e focalizar episódios e tipos das campanhas sulinas. [...] Continue o sr. Gustavo Barroso no trabalho inteligente e cívico de vulgarizar, na forma amena e deliciosa dos seus livros, a história das campanhas militares [...] Continue a dedicar a sua nobre inteligência ao estudo e à pesquisa da história do nosso passado. Prossiga na tarefa hercúlea de desmascarar e confundir falsos historiadores.¹⁰³

Nessa época, sua obra começou a ganhar contornos mais precisos e a atingir um público mais amplo e, em 1923, Barroso foi eleito membro honorário-estrangeiro da *Royal Society of Literature*, de Londres. À medida que alcançava visibilidade, o escritor expandia seu círculo de sociabilidades e incluía nomes de personalidades de grande influência, o que lhe favoreceu o ingresso na política. As relações com Pinheiro Machado foram, certamente, essenciais, haja vista que o senador gaúcho foi um dos padrinhos de seu casamento com Antonieta Labouriau, realizado em 1914, no Rio de Janeiro. Os laços de parentesco, por conseguinte, foram decisivos para sua entrada na política, que ocorreu após a eleição de seu primo Benjamim Liberato Barroso para Governador do Estado do Ceará, que nomeou Gustavo Barroso como um dos secretários do governo. Na política, ocupou a cadeira de Secretário do Interior e Justiça do Ceará por pouco tempo, ele assumiu o cargo em 1 de julho de 1914 e, em 29 de outubro, pediu demissão para candidatar-se a Deputado Federal pelo Partido Republicano Conservador do Ceará¹⁰⁴.

¹⁰³ DELAMARE, Alcebíades. Da Academia ao Instituto. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 05/02/1930. GB 19. Biblioteca do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, *apud*, MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida...* Op. cit., p. 86.

¹⁰⁴ Cf: OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert. *O Conservadorismo a serviço da memória: Tradição, Museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/ PUCRIO, 2003. Dissertação de mestrado, p. 15-40.

Eleito Deputado Federal, seu primeiro discurso, proferido na Câmara, no dia 2 de outubro de 1915, foi sobre a situação dos índios no Brasil. Ele defendia a integração dos índios ao mundo “civilizado”. Os temas privilegiados durante o exercício de seu mandato como deputado foram: a seca no Nordeste - em que problematizou as responsabilidades do governo para com a região e os encaminhamentos que foram dados a essa questão e à imigração: postulou a importância do controle sobre a entrada dos imigrantes mutilados no país; a intolerância deveria se estender também às mulheres e crianças que perderam o chefe de família. Posteriormente, Barroso propôs dois projetos: o de criação do Dia do Soldado e o de criação do corpo de cavalaria que faria a proteção do Presidente da República, os *Dragões da Independência*, cujo uniforme inspirava-se na antiga guarda de honra do Imperador D. Pedro I.

Porque não o temos ainda, precisamos criar o culto das nossas tradições, mui especialmente, das tradições militares. Sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade. Amar a história é amar a terra. Uma não passa de corolário da outra. [...] O uniforme dos Guardas do Corpo é verdadeiramente bonito [...] Pedro Américo pintou essa farda, fantasiando um pouco o casco, no ‘Grito do Ypiranga’. [...] Esse admirável cavaleiro deveria ser revivido no Brasil [...] O primeiro regimento de cavalaria do Exército, em virtude de lei, devia passar a chamar-se Regimento dos Dragões da Independência, usando essa farda tradicional dos Guardas do Corpo. Com ela daria guarnição na Capital Federal, escolta ao Presidente da República e aos diplomatas estrangeiros, guarda do Palácio do Governo nos dias de festa e a carga final da revista de Sete de Setembro. [...] Os dragões da Independência teriam um uniforme mais do que tradicional e histórico. Representariam a criação do novo exército com a criação da nova nacionalidade. Simbolizariam a tradição da raça. Seria até o caso de se apresentar a respeito um projeto à Câmara, a fim de que, no primeiro centenário da nossa emancipação, forme o regimento dos Dragões da Independência.¹⁰⁵

O projeto de criação dos *Dragões da Independência* recebeu severas críticas. Muitos alegavam que o Deputado Federal preocupava-se menos com os resultados práticos e efetivos que a aprovação da medida traria, que com uma questão estética dentro do Exército. Um dos motivos para a contrariedade em relação à proposta foi o fato de os soldados arcarem com a compra dos uniformes, mediante um adiantamento dado pelo governo. O projeto foi aprovado na Câmara, mas não chegou a ser votado no Senado e, somente em 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência, o assunto voltou à baila como proposta. No entanto, apesar do alarde, somente foi, efetivamente desenvolvido, no desfile de 7 de

¹⁰⁵ BARROSO, Gustavo. Os Dragões da Independência. *Revista da Semana* - Natal, 23/12/1916.

setembro de 1926, por determinação do ministro da Guerra Fernando Setembrino de Carvalho.

Quando seu mandato teve fim, Barroso não conseguiu se reeleger e, tampouco, alcançar outros postos na política, o que não significa que ele tenha se distanciado totalmente dessa esfera. Em 1933, Gustavo Barroso aderiu à Ação Integralista Brasileira (AIB), partido de orientação fascista no Brasil, que teve, entre seus dirigentes, figuras, como Plínio Salgado, Miguel Reale, Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima. A AIB se caracterizou pelo conservadorismo, militarismo, anticomunismo e repúdio ao liberalismo ¹⁰⁶. O movimento conseguiu um número expressivo de adeptos ¹⁰⁷, e seus desfiles se tornaram um dos elementos mais conhecidos da expressão de sua ideologia. No integralismo, Barroso assumiu a missão, desde o seu ingresso em 1933, de divulgar as idéias antissemitas, o que lhe valeu a identificação de ícone do antissemitismo no Brasil.

Em 1934, Barroso assumiu a chefia de milícias da AIB, um cargo que tinha por função organizar o corpo militar do partido que porventura viesse a enfrentar algum conflito na trajetória de implantação do Estado Integral. As milícias foram posteriormente extintas e transformadas em Secretaria de Educação Moral, Cívica e Física. Na hierarquia do movimento, era considerado o segundo líder em importância do integralismo, ao lado de Plínio Salgado e Miguel Reale, chegando a disputar a liderança do partido com Salgado. Em 1937, ele participou do plebiscito para a escolha do candidato integralista à presidência nas eleições previstas para 1938, obtendo 13.397 votos em oposição a Salgado, esse com 846.554.

Nos primeiros anos de criação da AIB, Vargas estabeleceu uma aliança com o movimento, objetivando perseguir os comunistas ligados à Intentona de 1935, o que inaugurou uma nova fase no integralismo, transformando-o em um movimento legalista em 1936. Esta aproximação de Vargas com os líderes do partido levou Barroso, em abril de 1935,

¹⁰⁶ Maria Luíza Tucci Carneiro analisa que a Ação Integralista Brasileira “(...) Tinha uma proposta aglutinadora: a da construção de uma sociedade caracterizada pelo tradicionalismo, pela moral cristã em oposição ao liberalismo” e, ainda que “(...) Marcados pelo nacionalismo, os teóricos integralistas expressavam o ódio ao capitalismo e ao comunismo, propondo a organização dos segmentos sociais, eliminando a luta de classes”. CARNEIRO, M. L. T. “Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930 – 1945)”. Revista da Universidade de São Paulo, 1990. p. 3. A esse respeito conferir também: TRINDADE, Hélgio. “Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30”. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1971. t. 3, v. 3.

¹⁰⁷ Sérgio Miceli afirma que o partido integralista se destaca entre as primeiras organizações políticas que ampliaram sua escala de operação a nível nacional, mobilizando categorias sociais que os grupos dirigentes do antigo regime haviam excluído do campo de representação política. A respeito do elevado número de adeptos da AIB, Daniel Pécaut constata que, sob o comando de Plínio Salgado, o partido transformou-se em poucos anos, numa imensa organização, que no seu auge, em 1936, contava com mais de um milhão de afiliados, 3000 centros espalhados por todo o país, 123 semanários, numerosos centros de estudos e mais de 1000 escolas primárias. Cf: PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990, p. 75.

à organização da comissão que acompanhou o Presidente em viagem a Buenos Aires, ocasião em que o autor foi responsável pela apresentação do resumo da atividade artística brasileira. Em 1935, viajou por todo o Brasil divulgando as propostas integralistas, e suas opções político-ideológicas tornavam sua obra visivelmente antissemita ¹⁰⁸.

A militância integralista de Gustavo Barroso teve fim em 1937 com o fechamento do partido por Getúlio Vargas. Inicialmente, a AIB continuou funcionando na clandestinidade, organizando um golpe em 1938, sob a forma de uma ação armada, almejando a tomada do poder. A Intentona foi planejada por setores da marinha liderados por Vítor Pujol, e recebeu a adesão de vários membros do extinto partido, entre eles Gustavo Barroso. A tentativa de golpe foi reprimida, e muitos dos participantes foram presos ou exilados. Barroso chegou a ser preso, mas foi libertado dias depois pela ausência de provas que atestassem seu envolvimento na ação ¹⁰⁹.

Malgrado as experiências no âmbito da política, as sociabilidades estabelecidas em seu meio foram fundamentais para a concretização de outros projetos, tanto no círculo das letras, quanto no horizonte do patrimônio. Em 1919, Barroso acompanhou o então senador Epitácio Pessoa, chefe da delegação brasileira, à Conferência de paz de Versalhes e, terminados os trabalhos, os dois seguiram juntos em uma excursão pela Europa e América do Norte. As relações com Epitácio Pessoa foram essenciais em sua trajetória, especialmente devido ao fato de que, em 1922, houve a criação do Museu Histórico Nacional, cuja direção ficou a cargo de Gustavo Barroso. A instituição significava a concretização de um projeto barroseano, exposto em artigos como, “Museu Militar” ¹¹⁰ e “Culto da Saudade” ¹¹¹, em seu interior, celebrava-se o passado da nação, identificado com o Império, as Forças Armadas e a Igreja Católica – onde os fragmentos que restavam desse pretérito que se enaltecia deveriam ser reverenciados.

Os objetos históricos têm papel fundamental no pensamento barroseano. Compreendidos como relíquias, sua função parecia ser a de conduzir as pessoas de volta no

¹⁰⁸ Sobre a proximidade entre pensamento barroseano e as teorias antissemitas, conferir o artigo de Maria Luíza Tucci Carneiro: Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930 – 1945). Revista da Universidade de São Paulo, 1990.

¹⁰⁹ Aparentemente Barroso não sofreu represálias por conta de sua relação com o golpe integralista e não há indícios de que sua imagem tenha ficado comprometida junto ao presidente Vargas, uma vez que este estabeleceu severas punições para os participantes da Intentona. Vargas decretou a exoneração dos servidores que se opuseram ao Estado, no entanto, Barroso não sofreu nenhuma penalidade e permaneceu na direção do Museu Histórico Nacional. O fato que pode ser entendido como uma forma de represália é a mudança de coordenação da Inspeção de Monumentos Nacionais, que estava a cargo de Barroso, para outro grupo de intelectuais, que organizaram o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

¹¹⁰ BARROSO, Gustavo. Museu Militar. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25/09/1911.

¹¹¹ BARROSO, Gustavo. O Culto da Saudade. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

tempo, a persuadi-las de que estavam no passado ou, ainda de que o próprio passado estava vivo no presente. Há, outrossim, uma *marca de saudade* na relação com essas *ruínas*, emblemas de um tempo não vivido pelo escritor, que, todavia, ele não queria que passasse. Dessa forma, procuraremos investigar a trajetória de Barroso no Museu Histórico Nacional, especialmente sua relação com o patrimônio e sua prática preservacionista – demarcadas pela nostalgia.

2. NOTÍCIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO TEMPO: A HISTÓRIA EM GUSTAVO BARROSO

(...) Ouro Preto me atrai e me fascina, porque ali não é somente o passado que sinto, palpo e respiro, porém, o passado de minha terra, o passado de minha raça e o passado de minha língua ¹¹².

A percepção nostálgica da realidade acompanhou o autor ao longo de toda a sua vida e não constitui exagero, afirmar que ela foi o elemento orientador de um expressivo número de ações em sua vida pública. Se a melancolia é, frequentemente, compreendida como uma postura do indivíduo perante o seu próprio universo, ou seja, possui um caráter pessoal, no caso barroseano, tal sentimento extrapola a vivência individual e assume dimensões mais amplas. Projetos políticos e historiográficos foram delineados por uma ótica saudosista, a criação dos “Dragões da Independência” e a política de aquisição de objetos no Museu Histórico Nacional são consideradas exemplos dessa postura.

Na ânsia por evidências de que o passado perdurava de forma recuperável, Gustavo Barroso buscou alternativas para reviver esse tempo, tanto por meio da narrativa histórica quanto pela exposição de objetos; esperava persuadir o expectador de que o passado não apenas sobrevivia, mas ressurgia diante de seus olhos. Barroso engendrou um projeto que visava reabilitar o passado como um componente essencial para o presente, o objetivo era trazer o passado para mais perto dos expectadores, e, para alcançar o objetivo esperado, o autor valeu-se de uma combinação de elementos. Articulou sua produção escrita à sua prática museológica e, em ambas as modalidades, o passado fora experimentado, todavia, com enfoques diferentes.

O pretérito, no museu, era percebido de uma forma bastante específica, pois se acreditava que os objetos falavam por si, de forma que a autenticidade não constituía uma preocupação. Nesse local, esperava-se estabelecer uma relação afetiva com o passado, em que esse era experimentado por meio de seus fragmentos, representativos de um momento histórico que se queria enaltecer. Todos os artifícios empregados por Barroso expressavam, por um lado, a importância de demonstrar elementos contundentes sobre o passado e, por outro, revelavam a intenção de se firmar como um estudioso capaz de mobilizar diversas técnicas, em outras palavras, ele pretendia ser percebido como um intelectual completo.

¹¹² BARROSO, Gustavo. A cidade sagrada. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. V, 1944, p.12.

No intuito de compreender essa experiência nostálgica do tempo e as formas em que a saudade foi *materializada* na obra barroseana, empreenderemos a análise do conceito de saudade a partir do exame do artigo “O Culto da Saudade”, publicado pelo autor em 1912, no *Jornal do Comércio*. Acreditamos que esse texto pode ser considerado como a expressão de seu pensamento acerca da história, fundindo sua obra historiográfica à sua prática patrimonial, de trinta e cinco anos em que dirigiu o Museu Histórico Nacional.

2.1 Passado: “relicário arquitetural”

O descaso pelas nossas tradições vai se tornando um crime imperdoável (...)
¹¹³.

A primeira publicação de “O Culto da Saudade” ¹¹⁴ data de 1912, período em que o autor procurava se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal e *Capital das Letras*. A inserção de Barroso no universo intelectual da época foi atribulada e, certamente, a publicação de artigos em periódicos de alcance nacional foi importante para seu ingresso nesse seletivo espaço. Os textos divulgados nesses veículos apresentavam, em geral, temas relacionados à defesa da tradição, tanto no que refere à conservação do patrimônio, quanto no que diz respeito à manutenção dos hábitos e costumes constitutivos da cultura nacional. Ao que tudo indica, suas ideias foram bem recebidas pelo público leitor, especialmente as veiculadas em “O Culto da Saudade”, informação que pode ser presumida a partir do número de reedições que esse texto foi alvo.

Apresentado inicialmente no *Jornal do Commercio*, o artigo foi, posteriormente, reeditado no livro *Idéias e Palavras*, publicado pelo autor, em 1917. Em 1947, o texto veio novamente a público, sob a pena de Adolpho Dumans, como parte de um artigo intitulado *A idéia de criação do Museu Histórico Nacional* ¹¹⁵, onde Dumans destaca certo pioneirismo do ideário defendido por Barroso. A última publicação do texto é de 1997, como item de um dossiê comemorativo dos setenta e cinco anos do Museu Histórico Nacional, em que se enaltecem a memória da instituição e de seu primeiro diretor. As sucessivas reedições de “O Culto da Saudade” cobrem um espaço temporal relativamente amplo, desde sua primeira

¹¹³ BARROSO, Gustavo. O Culto da Saudade. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997, p. 32.

¹¹⁴ 1ª edição: *Jornal do Comercio*, 22 de dezembro de 1912; 2ª edição: BARROSO, Gustavo. *Idéias e Palavras*. Rio de Janeiro, Leite, Ribeiro e Maurílio, 1917, pp. 33-36; 3ª edição: BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

¹¹⁵ DUMANS, Adolpho. A idéia de criação do Museu Histórico Nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1947.

edição, em 1912, até a terceira, em 1947, (com exceção da última, lançada quando Barroso já havia falecido), se passaram trinta e cinco anos.

Logo nas primeiras linhas o autor expõe seu argumento central: o descaso pelo passado deve ser compreendido como uma atitude criminosa, ao passo que a preservação do patrimônio material e imaterial (que se manifesta através dos objetos) deve ser constante. Segundo o escritor, tanto os objetos quanto os hábitos são constitutivos da história nacional e, portanto devem ser protegidos das alterações inerentes ao transcurso do tempo. A valorização do patrimônio se associa à questão da identidade nacional nesse texto por duas vias, se por um lado é compreendida como fundamental para garantir um sentimento de pertencimento a uma coletividade, por outro, a vigência de costumes estrangeiros é um indício da sua pouca importância para os contemporâneos do autor:

Nunca se viu tanto desamor. O que se dá com os objetos históricos verifica-se com os costumes tradicionais das regiões, das cidades e dos bairros. Só uma coisa se mantém perpétua e imutável: o carnaval, que não é autóctone. O mais morre a pouco e pouco. Até os cordões desaparecem ¹¹⁶.

A defesa do nacional se mantém ao longo do texto, entremeada com a denúncia do abandono de nosso patrimônio, estado que, na perspectiva do autor, está relacionado à postura de uma nação jovem, pouco conscienciosa de suas obrigações. No afã de restabelecer as “festas que os ascendentes nos legaram” ¹¹⁷, Barroso cita as cidades européias como exemplos de locais que vivificam seu passado, promovem cortejos históricos e, portanto realizam o culto a saudade:

A evocação do pretérito naquelas ruas (...) é completa e magnífica. (...) onde as ruínas dos castelos se conservam como monumentos nacionais. É a história da terra mãe, que desfila aos seus olhos, escrita e revivida no ferro do soldado, no veludo dos gibões fidalgos, nos arneses dos cavaleiros e no cajado nodoso dos pastores. (...) A multidão respeitosa olha o passado desfilar. ¹¹⁸.

A fixação pelos objetos, pela capacidade que esses possuem de simbolizar o pretérito, e ainda, pela pretensa possibilidade de trazerem o passado de volta à vida, é uma constante em Barroso. A citação acima é reveladora de sua importância como vestígios materiais do pretérito e nela verifica-se também que história é definida menos como um campo do

¹¹⁶ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 32.

¹¹⁷ *Ibidem*.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 33.

conhecimento do que como possibilidade de reviver o passado. O ponto chave na citação é a aproximação que o autor faz entre história e relíquia¹¹⁹, sendo que a segunda possui a capacidade de descortinar a primeira, em outras palavras, as relíquias oferecem um acesso direto ao passado. Nesse sentido, por serem fragmentos do passado, as relíquias - melhor do que a história e a memória - podem fazer “o passado desfilar”¹²⁰.

As relíquias possuem também uma perspectiva religiosa, trata-se de artefatos que, por terem estado em contato com algo que se concebe como sagrado – no caso o passado – adquirem um significado sacramental e, por conseguinte, tornam-se invioláveis. Sua função é capital para o escritor, pois elas são o que resta de um mundo que ele não viveu, mas experienciou e, dessa forma, sugerem também um *efeito de verdade*.

Pontua-se, aqui, a compreensão das relíquias como verdadeiros *rasgos* no tempo, são fragmentos do passado que continuam a existir fisicamente no presente, e, dessa maneira, promovem uma *suspensão* no tempo. Elementos, por essa razão, capazes de diminuir, ou quase, eliminar a distâncias entre o passado e o presente, pois, constituem uma presença *material* do passado. Espécie de ruínas de eventos anteriores, as relíquias embrenham-se no presente, como o próprio passado a existir novamente, ou ainda, como se ele nunca houvesse deixado de existir. Renovam, assim, a sensibilidade do passado, tornando-o tangível, provocando uma *imersão* do presente no pretérito, em outras palavras, sua concretude existencial suscita um apelo evocativo.

As relíquias despertam uma sensação palpável, capaz de convencer que o passado lembrado é uma parte viva do presente, cuja força evocativa se grava na memória. Ainda que com usos diferenciados na atualidade, a “antiguidade” desses artefatos pode ser percebida, funcionando como um acesso para o passado. A relevância desses resquícios está no fato de que a simples presença desses elementos atesta para um tempo de outrora, quer biologicamente – pois é possível identificar o seu envelhecimento – quer historicamente – devido à sensação de anacronismo que despertam. O patrimônio possuiria, assim, a

¹¹⁹ O termo ‘relíquia’ é empregado no presente estudo a partir da perspectiva exposta por David Lowenthal em *The past is a foreign Country*, no entanto, há outros trabalhos que também investigam o tema e possuem certa relação com a proposta desta pesquisa. Neste aspecto é interessante analisar a categoria coleção definida por Krzysztof Pomian, em seu verbete *coleção*, publicado na enciclopédia Einaudi. Pomian define coleção como conjunto de objetos semióforos, desprovidos de seu valor de utilidade e voltados para mediar a relação entre o visível, vestígios materiais, e o invisível, o passado morto. Segundo o autor, relíquia é um objeto que se crê que tenha estado em contato com um deus ou um herói, ou que seja tomado como vestígio de qualquer grande acontecimento do passado mítico ou simplesmente longínquo. Portanto, tais relíquias são possuidoras de uma aura sagrada por terem tido alguma função específica num determinado passado e assim, são escolhidas para a eterna lembrança. Cf: POMIAN, K. Coleção. In: *ENCICLOPÉDIA EINAUDI*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, V. I, 1984.

¹²⁰ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 33.

capacidade de evocar o pretérito, suscitando a recordação de um passado ausente, despertando a saudade dos tempos idos.

A insistência pela manutenção das comemorações cívicas também pode ser percebida como um mecanismo para manter o passado mais próximo, pois traduz a ideia de que, em tais momentos, é como se a história fosse “(...) se repetindo com essas festas, nas cores, nos costumes, nos aspectos. (...)”¹²¹. Assim, o passado e todos os artifícios que poderiam ser empregados para conectá-lo ao presente deveriam ser estimulados e, no caso brasileiro, essa prática parecia estar distante do esperado pelo autor. Afinal, após listar cidades e comemorações cívicas européias, Barroso apresenta seu lamento diante da realidade brasileira, destaca a ausência de políticas voltadas para a preservação do patrimônio e denuncia o abandono das cidades históricas:

Nada disto temos. Oiro Preto, ninho de tradições e glórias, derroca-se, esboroa-se. (...) A festa que ali se realizou, relembrando a conjura mineira, quase ninguém compareceu. Olinda enche-se de capim. Na remodelação da Bahia, nada se poupou. No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração¹²².

Na visão do escritor, o descaso para com o passado nacional parece ser indício de um mal maior do povo brasileiro, de uma completa desobrigação para com aqueles que construíram a nação. Observa-se em sua exposição, não apenas certa preocupação em relação à preservação do patrimônio, como também um receio diante do desenvolvimento das cidades. Verifica-se que, para o autor, os monumentos deveriam ser mantidos inalterados, porém a industrialização parecia exigir modificações na estrutura urbana que acabariam por alterar ou mesmo eliminar as construções originais. O novo ritmo das cidades impedia o apego aos rituais do passado e Barroso parecia querer deter o tempo ao impor regras de conservação do passado material e imaterial.

Mais do que uma tentativa de salvar as “velhas usanças”¹²³, o artigo pode ser lido como um projeto em que são apresentadas as iniciativas para trazer o passado para perto do presente, materializá-lo e experienciá-lo como se estivesse ainda ocorrendo. Segundo tal proposta, o passado se colocaria na textura da vida contemporânea, se tornaria mais real que o próprio presente, estaria onipresente por meio de relíquias, histórias e memórias que inundariam a experiência dos expectadores.

¹²¹ *Ibidem*, p. 34.

¹²² *Ibidem*

¹²³ *Ibidem*, p. 32.

“O Culto da Saudade” informa sobre um indivíduo que se sentia exilado de seu próprio tempo, revela um autor desesperado para escapar do presente que, para proteger-se da devastadora mudança trazida pela modernidade, refugiou-se nas lembranças e imagens dos tempos anteriores. Tal postura desvela o aspecto melancólico de sua personalidade e, por conseguinte, de seu ideário, pois, ao pontuar sua insatisfação com a contemporaneidade e buscar a fuga dessa realidade a partir do estudo do passado, o escritor acreditava ser possível livrar-se desse sentimento – o que será discutido a frente.

A fuga da realidade em busca de um passado idílico foi temática orientadora de uma produção que perdurou por décadas. A leitura de “O Culto da Saudade” torna-se mais prolífica quando acompanhada de outros dois artigos: “A defesa de nosso passado” e “A Cidade Sagrada”. Acreditamos que esses textos complementam o sentido do primeiro e, por essa razão, analisaremos a seguir o artigo “A defesa de nosso passado”, divulgado nos Anais do Museu Histórico Nacional, em 1943. Tal publicação pode ser compreendida como uma ordem em defesa do patrimônio nacional e como um inventário sobre as atividades empreendidas no campo da preservação de monumentos, incluindo os nomes de personalidades políticas responsáveis por tais feitos à época. O autor inicia o artigo evocando o poeta Victor Hugo; parece fazê-lo na expectativa de conferir autoridade à sua fala e também de estabelecer uma genealogia dos defensores de monumentos históricos:

Quem primeiro pensou em defender os monumentos históricos foi um poeta, Victor Hugo, pedindo ao governo da França uma lei que protegesse das violências do presente e do futuro as obras do passado, uma lei que conservasse as relíquias e recordações. (...) ¹²⁴.

A “defesa das relíquias e recordações” ¹²⁵ é a proposta central do texto, o que nos permite tratá-lo como um desdobramento dos postulados defendidos em “O Culto da Saudade”. Com os olhos voltados para a cidade de Ouro Preto, Barroso parece acreditar que, nesse local, o *desgaste* provocado pela ação do tempo é menor e, dessa maneira, as recordações e as relíquias são mais contundentes:

(...) foi o Sr. Antônio Carlos o primeiro estadista no Brasil a compreender a necessidade de salvar do abandono e da destruição os nossos monumentos. Isto sem esquecer o saudoso Sr. Epiácio Pessoa, criador do Museu Histórico, primeiro passo do culto oficial da Tradição no nosso país, nem o

¹²⁴ BARROSO, Gustavo. A defesa do nosso passado. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 579.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 579.

Sr. Getúlio Vargas, que melhor compreendeu a questão e lhe tem dado pelo Ministério da Educação todo o apoio possível ¹²⁶.

Ao mesmo tempo em que traça a genealogia dos defensores do patrimônio nacional, o autor reitera suas atividades em prol das relíquias nacionais de forma a inscrever seu nome entre os da prestigiosa linhagem. Barroso afirma repetidas vezes seu completo desinteresse por qualquer espécie de remuneração, o que deixa claro sua intenção de ser conhecido como cidadão patriótico¹²⁷ que amou seu ofício: “Sinto-me honrado e envaidecido nesse trabalho árduo e às vezes pouco compreendido que dura há mais de quatro lustros, com vida pública e oficial de 1922 até hoje (...)” ¹²⁸.

A insistência pela manutenção das relíquias é explorada em tom quase no poético no artigo “A cidade sagrada”, onde o autor parece reviver o passado. Publicado no *Correio da Manhã*, em 1912 e, posteriormente reeditado nos Anais do Museu Histórico Nacional, em 1944, “A cidade sagrada” apresenta uma proposta de defesa do patrimônio arquitetônico da cidade de Ouro Preto: “Ouro Preto é uma cidade sagrada pela história, pela arte, pela tradição e pela lenda. É um nobre patrimônio que se não pode perder (...)” ¹²⁹.

Ao contrário de outros artigos em que discute questões sobre o patrimônio histórico, com caráter descritivo e bastante objetivo, nesse artigo, Barroso utiliza de uma forma especial de linguagem, dirigida à emoção e à sensibilidade. Identifica-se uma escrita quase poética, cujo objetivo principal é menos comunicar informações, que transmitir emoções – trata-se de um discurso que procura, sobretudo, tocar, enlevar e encantar o leitor.

Proposta discursiva que pode ser observada, inclusive, no título adotado pelo autor que, ao dotar a cidade de Ouro Preto de um ideal de sacralidade, suscita também outras associações. O Sagrado é, fundamentalmente, algo digno de culto e, por sua própria natureza, uma esfera inviolável, elementos que corroboram as ideias anteriormente apresentadas pelo escritor, como promover uma espécie de veneração a esse local – que traduz a noção de culto ao passado – e despertar uma postura preservacionista em relação ao patrimônio histórico. Ouro Preto adquire, portanto, um aspecto transcendente, que a transforma em um refúgio do

¹²⁶ *Ibidem*, p. 583.

¹²⁷ Em tese de doutorado defendida no ano de 2009, a historiadora Aline Montenegro Magalhães analisa a imagem que Gustavo Barroso procurou construir de si mesmo. Segundo a autora, um dos pontos nodais de sua escrita auto-referencial diz respeito a uma exacerbação de seu patriotismo, sentimento largamente difundido nas diversas publicações e conferências proferidas pelo intelectual. Cf: MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. (Tese de doutorado).

¹²⁸ BARROSO, Gustavo. A defesa do nosso passado... op. cit., p. 585.

¹²⁹ BARROSO, Gustavo. A cidade sagrada, op. cit., p. 14.

passado no presente e, dessa maneira, um local capaz de promover a comunhão entre o passado e o presente, entre o material e o imaterial, entre o terreno e o etéreo:

Pela primeira vez cheguei a essa cidade numa noite linda de agosto. Até hoje a impressão me causou perdura viva na memória. A lua subia, curiosa, acima do espigão da serra. E, no alto dos morros escuros, as torres brancas das igrejas atalaiavam o silêncio. “Parece-me que caminhei devagar, procurando não fazer ruído, como se tivesse receio de acordar em cada viela torcicolosa e deserta as sombras das gerações desaparecidas”¹³⁰.

O texto foi escrito em formato semelhante a um diário de viagem, em que o autor relata as impressões sobre a cidade em suas sucessivas visitas e utiliza suas memórias pessoais como estratégia de convencimento, o que subentende a ideia de testemunha ocular, como se o fato de ter vivido as experiências narradas fizesse dele uma autoridade de fala. A imaginação livre está presente ao longo do artigo, entremeada com afirmações veementes sobre a importância da conservação da cidade, observa-se um viés poético na criação textual: “(...) meu espírito se perdia nas brumas dos tempos idos e diante dêle desfilavam as legiões de ásperos, destemidos bandeirantes, garimpeiros e faiscadores, que, (...) fundaram nas covoadas da serra do Itacolomi a celebrada Vila Rica de Albuquerque”¹³¹.

A imaginação é, aqui, concebida como um devaneio, em que o autor busca a fuga de um presente incômodo, marcado pela perda de algo que lhe parecia melhor, e se refugia em um tempo outro. Ele se deixa levar por lembranças, sonhos e imagens – representações construídas como mecanismo para atenuar o sofrimento que a ausência lhe causa. As sensações de alma que esse texto desvela sugerem uma compreensão da saudade, em Barroso, como uma melancolia, que o impele a uma negação trágica de seu mundo. A insatisfação imprime um caráter de tensão a sua obra, oscilando entre o ataque à realidade incômoda e o desejo de isolamento em um universo idealizado, marcado pelo tónus do pretérito.

A melancolia foi tema de inúmeros estudos ao longo da história, pontuamos, aqui, dois trabalhos que são cruciais para a investigação desse conceito na obra barroceana, a saber, *A origem do Drama Barroco Alemão*¹³², de Walter Benjamin, e, *Saturn and Melancholy*¹³³, de Klibansky, Panofsky e Saxl. O primeiro investiga a “teoria do luto”, constitutiva do drama trágico, a partir da visão de mundo do melancólico. A “fixidez contemplativa”, a “meditação

¹³⁰ *Ibidem*, p. 10.

¹³¹ *Ibidem*, p. 10.

¹³² BENJAMIN, Walter. *A origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

¹³³ KLIBANSKY, Raymond, PANOFSKY, Erwin, SAXL, Fritz. *Saturn and Melancholy*, New York, Basic Books, 1964.

profunda”, própria de quem é “triste”, e o “pensamento grave” seriam características do espírito melancólico ¹³⁴. *Saturn and Melancholy*, por sua vez, é um trabalho que se estendeu por cinco décadas, em que os autores percorreram a longa trajetória da ideia de melancolia, desde a Antiguidade até os tempos modernos, com um enfoque multifacetado, que contemplava a filosofia, a teologia, a astrologia, a medicina, a poesia e as artes visuais ¹³⁵.

Ao examinar os diversos significados que a palavra melancolia assumiu ao longo de dois mil anos, passando pela teoria dos quatro humores, a visão aristotélica e, inclusive, a ideia moderna de *gênio*, os autores de *Saturn and Melancholy* expuseram duas compreensões que estiveram, frequentemente, associadas ao sentido dessa palavra. A primeira diz respeito à acepção do termo como sendo uma doença, resultado de uma compleição física, a segunda, por sua vez, se relaciona a concepção de melancolia como um estado de espírito. Destacaram, ainda, que ambos os sentidos não sucederam um ao outro: “but often existing side by side - these various meanings evolved in the course of a development covering more than two thousand years” ¹³⁶. Sentidos que, aos poucos, deram lugar a uma percepção mais subjetiva do termo, notadamente na literatura, com a ideia de uma *melancholia contemplativa*, que, mais tarde, promoveu a identificação da melancolia como uma realização criativa, o que alterou as noções de natureza e valor do estado melancólico:

The elevation of melancholy to the rank of an intellectual force obviously meant something quite different from its interpretation as a subjective emotional condition. Both tendencies may combine, in the sense that the emotional value of the sentimental, pleasurable mood may be enriched by the intellectual value of contemplative or artistically productive melancholy- but the one could never have resulted from the other ¹³⁷.

Há, ainda, uma preocupação em traçar os diversos significados que a expressão adquiriu com o passar dos anos, com destaque para a noção de *gênio*, marcado por uma

¹³⁴ “O príncipe é o paradigma do melancólico” nos diz Benjamin. A melancolia, como uma espécie de luto pelas coisas do mundo, leva o melancólico a uma contemplação e uma ruminância obstinada das coisas, na tentativa de salvá-las. Ao delinear suas reflexões sobre a melancolia no drama barroco, Benjamin transcende os limites desta forma artística, sugerindo que a História também poderia ser concebida como drama trágico. Cf: BENJAMIN, 2004, p. 147-149.

¹³⁵ Sérgio Alcides explica, em *Sob o signo da iconologia*, que o estudo de Klibansky *et. al.*, converge para a análise da obra de Dürer, “figura que se converte no símbolo mais eloqüente de uma nova concepção do homem superiormente dotado, especificamente moderna, que em finais do século XVIII desaguaria no conceito de “gênio”: aquele indivíduo que é capaz de elevar o seu entendimento a esferas inacessíveis aos demais mortais, ao preço do maior isolamento e dos piores infortúnios, sob o fardo de seu próprio temperamento instável, desordenado e sempre insatisfeito, de quem não só abandonou a segurança das doutrinas religiosas, mas ainda busca em si mesmo uma perfeição super-humana, inatingível”. Cf: ALCIDES, Sérgio. “Sob o signo da iconologia: uma exploração do livro *Saturno e a Melancholia*, de R. Klibansky, E. Panofsky e F. Saxl”. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, Set. de 2001, p.133.

¹³⁶ KLIBANSKY. Raymond, PANOFSKY, Erwin, SAXL, Fritz. *Saturn and Melancholy*...op. cit., p. 03.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 241.

atmosfera de contradição intelectual, donde se identifica uma polarização entre o êxtase e o desespero. A melancolia seria, aqui, compreendida como uma tendência para a depressão, uma tristeza sem fim, que provocaria um olhar solitário e sem brilho sobre a realidade, característica do *gênio moderno*, dividido entre a alegria e o sofrimento sem fim:

(...) the self-sufficient "homo literatus" saw himself torn between the extremes of self-affirmation, sometimes rising to hubris, and self-doubt, sometimes sinking to despair; and the experience of this dualism roused him to discover the new intellectual pattern, which was a reflection of this tragic and heroic disunity- the intellectual pattern of "modern genius". At this point we can see how the self-recognition of modern genius could only take place under the sign of Saturn and melancholy; and how, on the other hand, a new intellectual distinction now had to be conferred on the accepted notions of Saturn and melancholy ¹³⁸.

Dessa forma, acreditamos que há certa aproximação entre a nostalgia barroseana, expressa em “O Culto da Saudade”, e algumas características que envolvem a ideia de *gênio moderno*, notadamente, quando o autor expõe seu lamento diante da indiferença de seus contemporâneos pelo passado: “O descaso pelas nossas tradições vai se tornando um crime imperdoável (...). Nunca se viu tanto desamor. O que se dá com os objetos históricos verifica-se com os costumes tradicionais das regiões, das cidades e dos bairros.” ¹³⁹. O aspecto melancólico, imanente a obra barroseana, parece, à luz das investigações desses teóricos, uma sensação ambivalente, que se alterna entre uma percepção da precariedade do presente, ao mesmo tempo em que, sob o prisma da contemplação e do devaneio, suscita um desejo de eternidade. O despertar dessa sensação se relaciona ao contato com as relíquias, pois, o sentido de atemporalidade que provocam, ou ainda, de uma *suspensão do tempo*, tal como definimos anteriormente, faz contraponto à pressão de um destino privado de transcendência. A dissolução dos limites entre presente, passado, como um desvio da pressão do mundo finito, é considerada como a função primordial desses fragmentos do pretérito.

Na exaltação do pretérito e de tudo o que o cerca entremeia-se uma acusação intensa do presente, trata-se de uma escrita marcada por certa tensão, que oscila entre o amor e o ódio, ainda que esses sentimentos estejam direcionados a categorias diferentes. A perda do passado provoca uma dor profunda, incapaz de ser aliviada totalmente e, diante desse sofrimento, surgem, talvez, as únicas saídas possíveis ao autor, entre elas, lamentar as ausências. A escrita seria uma alternativa para aliviar a tristeza que o invade, no entanto, a

¹³⁸ *Ibidem*, p. 247.

¹³⁹ BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”, op. cit., p. 32.

exposição de seus pensamentos parece não ser suficiente para minimizar esse sentimento, que adquire proporções maiores perante a hipotética indiferença dos outros. A única solução possível passa a ser, então, cercar-se de tudo o que recorda a existência do ser venerado e, dessa maneira, o autor preenche o espaço ao seu redor com objetos, lembranças, comemorações... Todavia, a consciência da impossibilidade do retorno real da coisa amada o invade, sabe que o passado transcorrido não pode ser novamente experienciado, embora pretenda recuperar ao menos os lampejos do que foi esse todo vivo. Os artefatos não são o passado, mas atestam sua existência e, por essa razão, passam a figurar como relíquias, atingindo uma aura de sacralidade, dada sua preciosidade. Logo, desfazer-se desses objetos parece algo improvável ao escritor, pois estão revestidos de um simbolismo profundo, em outras palavras, se o passado não pode ser recuperado, ele deve ser continuamente lembrado. É um imperativo a exigir que sua ausência seja sentida.

Os aspectos que procuramos decifrar ao longo desse estudo revelam uma sensibilidade romântica, especialmente, em sua contestação à realidade presente, que se traduziu em verdadeira luta contra o mundo em que estava inserido e de fuga da modernização em nome do passado. Encontra-se uma revolta contra o desencantamento do mundo e a mecanização da vida, que se torna mais urgente devido à dissolução de alguns valores, principalmente, o respeito à tradição e o culto ao passado. Identifica-se uma tentativa desesperada de (re)encantamento do mundo, onde observamos um indivíduo nostálgico de um passado real ou imaginário, idealizado ou mitificado – em que esses valores ainda existiam. A referência aos sentimentos e ao devaneio, marcada por certo subjetivismo, pode ser compreendida como outro aspecto desse viés romântico¹⁴⁰ do pensamento barroseano.

A identificação de Ouro Preto como cidade sagrada do Brasil faz eco às suas propostas políticas, museológicas e historiográficas, pois, para um autor profundamente comprometido com a fetichização do passado, como Barroso, a cidade de Ouro Preto representava uma “real” possibilidade de trazer o passado de volta. O aspecto de uma cidade que parecia intocada pelo tempo, com monumentos e ruas que permaneciam e lembravam um momento original, traduz aquilo que é mais caro a Barroso: a possibilidade de experimentar o passado de forma sensível. Ouro Preto fazia parte das “cidades adormecidas ou mortas”¹⁴¹ referidas pelo autor, foi alvo de incansáveis esforços do estudioso no que tange a sua conservação:

¹⁴⁰ GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 19.

¹⁴¹ BARROSO, Gustavo. *A cidade sagrada*, op. cit., p. 12.

Êsse amor de nossas coisas fez-me voltar várias vezes a Ouro Preto e *pregar sempre a necessidade e tornar aquela cidade uma como cidade sagrada do Brasil*, defendendo dos insultos do tempo e protegendo das tolices dos homens a soberba floração dos seus monumentos.(...) Quase todos os seus maravilhosos chafarizes se curaram das feridas do abandono e do tempo, sem que a obra da restauração tivesse ofendido o seu estilo e as suas características essenciais. (...) Foi verdadeiramente confortador para os que amam as nossas coisas a não descrêem do nosso futuro ¹⁴².

Ouro Preto fora compreendida, outrossim, como o testemunho do passado, o relato materializado do acontecido, capaz de descortinar o que verdadeiramente ocorrera. A cidade vivenciara os fatos e, agora no presente, poderia *recontar* o que viu e ouviu, dar seu *depoimento*, ou ainda, sua própria existência, seria uma prova material a atestar a veracidade do passado e dos eventos que ali ocorreram. Elo entre o passado e o presente, teria poderes mágicos, capazes de conduzir os homens no tempo, verdadeiro conjunto a ser venerado como uma entidade transcendente. A carga simbólica com que é revestida adquire força pelo recurso ao aspecto sobrenatural que, por um lado, a dota de uma aura de sacralidade e, por outro, possibilita uma função ativa no presente - seu significado estaria, dessa forma, para além de sua existência física.

A saudade imprime um aspecto de luta e tensão nessa relação com o passado, pois sua ausência é sentida com tristeza, algo inaceitável para Barroso, que se recusa a aceitar sua distância e procura, insistentemente, alterar a ordem do tempo no afã de voltar a vê-lo ou possuí-lo. Há um peso quase insustentável dessa experiência, que faz parecer que presente e futuro se anulam, categorias que perdem força, talvez, na relação de espelhamento que Barroso *força* para elas. Trata-se de um tempo que não passa, que não deve se transformar e que postula, em contrapartida, o desinteresse e, em última instância, a impossibilidade do novo.

A experiência de imersão no passado pode ser percebida de forma ainda mais contundente em “A Cidade Sagrada”. O conjunto formado pelos três artigos será analisado adiante a partir das proposições de David Lowenthal em *The past is a foreign country* ¹⁴³.

A concepção de que a cidade mineira era capaz de evocar o passado intensamente e, dessa forma promover uma espécie de ressurreição do pretérito, pode ser entendida quando a analisamos à luz das indagações de David Lowenthal sobre o carisma exercido por patrimônios históricos: “To gain assurance that yesterday was as substantial as today we saturate ourselves with bygone reliquary details, reaffirming memory and history in tangible

¹⁴² *Ibidem*, p. 13 (grifo do autor).

¹⁴³ LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

form”¹⁴⁴. A afirmativa nos remete novamente à múltipla produção barroseana, a saber, sua proposta literária, histórica e museológica, em que o passado não deveria ser apenas conhecido, mas também ser experimentado em toda a sua dimensão, por conseguinte a necessidade de Barroso “cercá-lo” e envolvê-lo, de forma a atrair todos os tipos de público.

Ao que parece, o encanto exercido por Ouro Preto fez com que a cidade passasse a ocupar um lugar de destaque nas atividades do museu e fosse alçada ao posto de “cidade sagrada do Brasil”. Barroso empreendeu diversas iniciativas que visavam, sobretudo, restaurar os monumentos ouropretanos e preservar o local das modificações em curso¹⁴⁵ e, certamente, a instituição da Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN), em 1934, representou um avanço. Primeiro órgão relacionado à preservação do patrimônio histórico no Brasil, a IMN foi criada como uma instituição ligada ao Museu Histórico Nacional (MHN), cuja direção ficou a cargo de Barroso até 1937, ano em que foi substituída pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Na direção da IMN, Barroso ocupou-se em impedir que os objetos históricos fossem retirados do país em virtude do comércio de antiguidades. Outra fonte de preocupação para o diretor era a destruição dos monumentos nacionais que ocorriam devido às reformas urbanas e foi, nesse aspecto, que sua atividade tornou-se mais conhecida. As visitas à cidade de Ouro Preto se tornaram regra durante essa fase, em que o museólogo promoveu uma série de reformas na cidade, ao mesmo tempo em que divulgava o pioneirismo de suas ações, de maneira a ser reconhecido como o “único guarda das relíquias da pátria”¹⁴⁶, tal como ele mesmo afirmou.

O trabalho realizado na IMN foi uma busca infinita por transportar o passado para o presente, o passado não como passado, mas como um todo simultâneo e inteiramente recuperado, que deveria ser experimentado em toda a sua dimensão, abrindo espaço para fantasia. A experiência sensível era pensada como superior às outras e, o contato com o passado, por meio de seus objetos, entendidos como verdadeiros representantes do pretérito, marcava a memória de forma indelével. Após a primeira aproximação com aquele “relicário arquitetural”, Barroso afirmou:

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 191.

¹⁴⁵ Ao término do Ciclo do Ouro, a cidade parece ter conhecido uma verdadeira fase de decadência, em que os poucos recursos não eram suficientes para conservar suas construções que, no início do século XX, se encontravam em ruínas. Gustavo Barroso acusou a Prefeitura de Ouro Preto de destruir os monumentos e, em “A defesa do nosso passado” ele afirma: “(...) A casa de Marília fora criminosamente arrasada pela Prefeitura. (...)”. BARROSO, Gustavo. A defesa do nosso passado... Op.cit., p. 580.

¹⁴⁶ *Ibidem*.

Pela primeira vez cheguei a essa cidade numa noite linda de agosto. Até hoje a impressão me causou perdura viva na memória. (...) Vi o caminho tortuoso que levava ao Alto das Cabeças, onde tatas bôcas de condenados e inocentes, com o rictos da morte impresso definitivamente nos lábios, pareceram dizer ao viandante: - Detém-te e apieda-te dos horrores que padecemos¹⁴⁷.

A citação nos permite inferir que os acontecimentos anteriores eram revividos na mente do autor como se praticamente estivessem ainda ocorrendo, eles se transformavam em uma parte do presente e, em alguns casos, pareciam mais reais que o próprio presente. Tal estratégia, ao tornar o passado mais tangível que o presente, resultava em prejuízo para o último, de forma que o presente tornava-se oprimido pelos fatos precedentes. Novamente, David Lowenthal elucida algumas dessas questões, pois, segundo o autor: “Certain heightened recollections seem to bring the past not only to life, but into simultaneous existence with the present, making it appear ‘closer than the present, which it both haunts and hypnotizes’”¹⁴⁸. A intenção de fazer com que o passado fosse sentido em cada fibra do seu ser, ao que tudo indica, parece ter ecoado em unísono com os discursos da época, tema que se discutirá adiante.

O encanto pelas relíquias parece vincular-se à noção de que essas constituem autênticos representantes do passado, seriam fragmentos oriundos de um tempo remoto que se prolongariam na vida contemporânea, atestando a existência de um tempo anterior, desconhecido.

A ideia de que os objetos são capazes de apreender a essência do passado e, dessa forma, revelá-lo ao observador, parece ser o mote da prática patrimonial barroseana. Há uma espécie de fetichização do passado e de tudo o que o cerca, a saber, objetos, lendas, contos, reminiscências de famílias... Os objetos parecem possuir um caráter mágico para o autor, funcionando como um portal para um mundo virtual. Outro aspecto sedutor dessas relíquias seria o caráter de acessibilidade associado a elas, ou seja, a ideia de que as relíquias expostas forneciam impressões do passado que prescindiam de intermediário e, dessa forma, deixava-se o espaço livre para relações mais diversas com o pretérito.

Os tempos do Museu

¹⁴⁷ BARROSO, Gustavo. A cidade sagrada, op. cit., p. 10.

¹⁴⁸ LOWENTHAL, David. *The past is...*, op. cit., p. 203.

Neste aspecto, o Museu Histórico Nacional oferece uma oportunidade de análise riquíssima, tanto no que diz respeito à organização das salas, quanto à lógica de aquisição e ordenamento dos objetos. Daryle Willians, em “Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960”¹⁴⁹, faz uma descrição interessante sobre a lógica de funcionamento do MHN:

O acervo do Museu Histórico Nacional oferecia ao visitante objetos materiais representativos da formação histórica do país, desde os tempos dos descobrimentos portugueses até o presente, com forte tendência a enfatizar a história do Brasil independente. A histórica colonial era abordada, mas tinha por função estabelecer as raízes da árvore genealógica nacional na monarquia portuguesa, nos descobridores e no catolicismo europeu. (...) ¹⁵⁰.

Como símbolos duradouros da história e da memória, as relíquias tangíveis também simbolizam a identidade nacional e os lugares transmitem essa ideia melhor que os livros ¹⁵¹. A história apresentada no Museu Histórico Nacional parecia obedecer a essa premissa, pois os fragmentos do passado eram expostos de forma a promover um reconhecimento coletivo. Por exemplo, a medalha que pertenceu ao General Osório deveria ser percebida pelo visitante como um objeto de família, herança de um parente distante e, portanto algo que também lhe pertencia. Dessa forma, cabia ao expectador, igualmente, a tarefa de preservar e zelar pelo artefato. Essa era a sensação que Barroso pretendia despertar por meio das diversas formas de acessar o pretérito: as pessoas eram levadas a identificar aqueles fragmentos como parte da história pessoal de suas famílias.

A visitação ao MHN deveria ser entendida como um mecanismo de sustentação da identidade, uma vez que, nesse lugar, o sujeito seria levado a acreditar que as cenas apresentadas faziam parte originalmente de seu passado, e incluía-se na trajetória histórica da nação. O sentimento de possuir um passado em comum, ou seja, o aspecto coletivo do passado nacional, seria estimulado e reforçado nesse espaço. A lógica de funcionamento do museu obedecia à concepção de que partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas, pois as lembranças são reforçadas quando um número maior de pessoas lembra os fatos e comemora os eventos. Acrescenta-se, ainda, um aspecto de confiança a essas lembranças,

¹⁴⁹ WILLIANS, Daryle. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 168.

¹⁵¹ Cf. LOWENTHAL, David. Relics. In: *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

afinal podemos nos enganar a respeito de nosso passado individual, mas é impossível que todos estejam enganados ao mesmo tempo.

Compartilhar lembranças, além de torná-las mais nítidas na mente daqueles que lembram, também estimula sua emergência. O aspecto coletivo faz com que as pessoas recordem determinados fatos com uma frequência muito maior em relação ao passado individual, seja porque os laços comunitários fazem com que exista um número maior de pessoas que lembram, seja principalmente porque se estabelecem mecanismos que impedem seu completo esquecimento. As comemorações cívicas, um exemplo dessa questão, ao celebrarem o passado nacional, reforçam os vínculos existentes e mobilizam novas afeições, funcionando como um elo entre o passado e o presente, elas impedem que os laços geracionais se percam no tempo.

Os laços ancestrais que unem os povos são fundamentais para constituir e manter um sentido de identidade, entendida como uma espécie de semelhança existente entre os membros de uma determinada coletividade e também como a capacidade de manterem essa igualdade ao longo do tempo. Podem ser considerados laços artificiais que requerem incansável investimento para se fixarem como naturais e sua importância reside no fato de que recordar o passado é algo crucial para nosso sentido de identidade, afinal saber o que fomos confirma o que somos.

A proposta barroseana para o Museu Histórico Nacional era reaver a história através de visões e sons. Tratava-se de uma pedagogia pelos sentidos, pois se acreditava que, ao renovar antigas sensações, relembavam-se tanto experiências originais quanto sentimentos que as acompanhavam. Para reativar a memória viva exigia-se uma sensação renovada no presente, neste aspecto, os fatos surgiriam na mente do espectador por associação, desencadeados por algum elemento familiar, como um retrato, em que os demais componentes de seu passado surgiriam por associação. O passado artificialmente construído naquele espaço, a partir das sugestões implícitas nas obras históricas, traduzia uma sensação de realidade. As cenas retornavam como se ainda estivessem ocorrendo – as pessoas reproduziam as memórias como se de fato elas estivessem em seus repertórios originais – olhavam para o passado e contavam tais histórias como as houvessem vivido de fato.

Segundo tal perspectiva, o passado não era um tempo à parte do presente, mas sim um tempo vivo, dinâmico e real, cuja essência embrenhava-se no presente. O passado estava vivo porque ainda direcionava o presente, permanecia agindo sobre ele e orientando a humanidade. Ao visitar o museu, tinha-se a sensação de que o passado não morrera de fato, pois permanecia ali, vivo no Museu Histórico Nacional.

2.2 História: “métodos objetivos e lições do passado”

A história de nossas guerras externas é uma floresta de exemplos e um inesgotável manancial de ensinamentos que ainda não exploramos como devíamos. Campanhas variadas ao Norte e ao Sul, implicando no uso de recursos diversos em meios deferentes. Concentração e preparo de elementos. Transportes por água e por terra. Manutenção de difíceis e longas linhas de comunicação e abastecimento. Improvisações extraordinárias. Exploração hábil de vantagens. Luta contra forças irregulares e regulares. Guerras de usura e de posição, de movimento, de recursos. Retiradas estratégicas. Marchas de flanco. Desdobramentos. Rompimentos. Envolvimentos. Todas as modalidades da tática e da estratégia ¹⁵².

A nostalgia em relação ao passado imprimiu certo caráter de ostracismo à produção de Barroso, cuja proposta ia de encontro ao que era divulgado pela maioria dos pensadores de seu tempo, que preferiam *afastar* o passado, compreendido como o responsável pelas mazelas do presente. Não obstante o isolamento vivenciado, o autor não se deixou intimidar, ele continuou a postular a importância do pretérito e, especialmente, de escrever sob o signo da saudade. A força que o passado adquiria, ao longo desse processo de pensamento, era tamanha que parecia fazer o presente e o futuro se anularem, *esmagados* por um passado que não devia passar.

Ao longo desse estudo procuramos investigar a forma como Barroso se relacionou com o tempo, e, principalmente, a compreensão melancólica da realidade que, tal como um eixo norteador, esteve presente ao longo de toda a sua produção; quer seja na confecção de suas memórias, quer seja na experiência com o patrimônio ou na escrita histórica. Nas páginas seguintes esperamos entender como ele qualificou as categorias históricas de passado, presente e futuro.

No que tange à percepção da passagem do tempo e, especificamente, da importância que o passado possui em sua produção, utilizaremos como chave de leitura as análises empreendidas por Reinhart Koselleck, em *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos* ¹⁵³, e as indagações suscitadas por Hans Ulrich Gumbrecht, em *Modernização dos Sentidos* ¹⁵⁴, e, no livro *Em 1926: Vivendo no Limite do Tempo* ¹⁵⁵. Nos

¹⁵² BARROSO, Gustavo. Esquematização da história militar do Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 427. (grifo nosso).

¹⁵³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. De W. P. Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: Contratempo, 2006.

¹⁵⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

¹⁵⁵ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: Vivendo no Limite do Tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

*Bastidores da História do Brasil*¹⁵⁶ e *História Militar do Brasil*¹⁵⁷, ambos voltados para a pesquisa do passado nacional e com grande enfoque sobre os conflitos militares, constituem as fontes principais para o presente estudo; ao lado do artigo “O Culto da Saudade”, texto crucial para a compreensão do pensamento barroseano acerca do passado.

Observamos, em Barroso, uma visão pedagógica da história que, à primeira vista, o aproxima de uma concepção antiga de história, expressa por Cícero como *historia magistra vitae*, em que os exemplos do passado serviam como fonte de orientação para os homens do presente¹⁵⁸. Esse antigo *topos*, extensamente discutido por Reinhart Koselleck, se caracterizou, principalmente, por um tempo homogêneo, circular em que a possibilidade de repetição dos eventos passados tornava a história fonte de exemplaridade. No entanto, embora possamos identificar uma concepção de história em Barroso que parece se inspirar nessa antiga visão, notadamente na epígrafe citada, não acreditamos que ela encerrasse, de fato, uma percepção *magistra* da história. Compreendemos que tais assertivas fazem, na verdade, uma espécie de reverência à história que, em todo caso, não implica o emprego efetivo desse modelo.

O que a citação permite entrever é, de certa maneira, o emprego de uma fórmula que teria uma função retórica, em outras palavras, ao considerar a história como um “manancial de ensinamentos”, o escritor procurava conferir autoridade ao seu trabalho. Postulamos que há um caráter instrutivo nessa história, todavia, não se trata de um conjunto de exemplos a serem seguidos. A crença de que os eventos passados podem informar os homens do presente, de maneira a torná-los mais conscientes de sua realidade, é tema recorrente nas publicações do autor. Pontuamos, aqui, a relevância conferida ao passado, cujo estudo seria crucial para a compreensão da nação e dos caminhos a serem trilhados, algo, portanto, a ser venerado:

Nossa geração é a que até agora mais tem pousado os olhos no passado, batalhando por êle, estudando-o, ressurgindo-o, tornando-o interessante e estimado. Modéstia à parte, é um título de orgulho legítimo. *E não é*

¹⁵⁶ BARROSO, Gustavo. *Nos Bastidores da História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

¹⁵⁷ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

¹⁵⁸ A concepção de história como mestra da vida é aquela onde podem ser reunidos exemplos, histórias excepcionais, extraordinárias, exemplares, em síntese, relatos capazes de fornecer orientação e sabedoria a todos os que dele venham a se aproximar. Tal formulação supõe uma crença na unidade essencial do gênero humano, único argumento capaz de validar a organização da história como se ela fosse um palco, no qual um conjunto aberto, mas altamente selecionado de cenas, sem uma articulação necessária entre si, seria continuamente representado em prol do aperfeiçoamento político e moral dos seus expectadores. Procedimento esse que envolve a história com a tradição e a memória coletiva, numa associação que, praticamente, desconhece a diferença entre o passado e o presente e mantém o futuro sob o mais estrito controle. Cf: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado...*, op. cit., 2006.

*saudosismo doentio, mas amor do que foi como conquista do espírito nacional e lição para o que há de vir*¹⁵⁹.

O escritor demonstra uma busca incansável pelo conhecimento do passado, e sugere que seu estudo teria como função, sobretudo, oferecer uma lição para o futuro, o que nos conduz a questionar, para além dessa percepção pedagógica, o que de fato ele considerava possível aprender com a história. Identifica-se o intento de estar nesse universo do acontecido, o que sugere uma compreensão da história como aquela que pode promover uma espécie de *efeito de verdade*: “Parece-me que caminhei devagar, procurando não fazer ruído, como se tivesse receio de acordar em cada viela torcicolosa e deserta as sombras das gerações desaparecidas. A cada passo, a história de Minas dava-me uma lição”¹⁶⁰.

Logo, a ideia que permeia a obra barroseana se desloca da questão sobre a possibilidade de um aprendizado pela história, para se concentrar na importância de revivê-la, ou ainda, de (re)experimentá-la. O texto funcionaria, assim, como o artifício capaz de proporcionar essa ilusão de um acesso ao passado, dito de outra forma, seu sentido estaria relacionado à capacidade de promover essa sensação de estar em um tempo outro, onde o passado ainda vigorasse. Tal proximidade temporal seria possível no âmbito do imaginário, onde o intento de (re)apresentar um evento ocorrido torna-se realizável através do texto, que teria o poder de promover essa imersão do passado no presente. Postulamos, aqui, a importância das análises realizadas por Hans Ulrich Gumbrecht, em seu livro *Em 1926 – vivendo no limite do tempo*¹⁶¹, para a reflexão acerca desse fascínio exercido pelo passado.

Nos itens finais de seu estudo, Gumbrecht reflete a respeito do que podemos e devemos fazer com o nosso conhecimento do passado e afirma a importância de se desprender do aspecto pedagógico dessa questão, a fim de se concentrar no sentido do carisma exercido pelo passado. “(...) a questão séria, portanto, não é saber o que podemos fazer com o nosso conhecimento histórico, mas sim o que nos leva a Realidades passadas – independente de possíveis objetivos práticos”¹⁶². Esses mecanismos que seriam capazes de despertar esse sentido de realidade do passado, tal como Gumbrecht propõe, permitem perceber a escrita barroseana como uma prática que visava, fundamentalmente, criar a ilusão de se estar novamente no terreno do acontecido: “(...) meu espírito se perdia nas brumas dos tempos idos

¹⁵⁹ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*, op. cit., p. 125. (grifo nosso).

¹⁶⁰ BARROSO, Gustavo. “A cidade sagrada”, op. cit., p. 10.

¹⁶¹ Ao elaborar o livro, a ideia de Gumbrecht foi criar a sensação de estar em 1926 e, para tanto, o autor recorreu a várias estratégias, como a leitura diária das notícias que foram veiculadas ao longo do ano pesquisado. GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: Vivendo no Limite do Tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

¹⁶² *Ibidem*, p. 466.

e diante dêle desfilavam as legiões de ásperos, destemidos bandeirantes, garimpeiros e faiscaidores”¹⁶³.

A presença do passado é intensa, ela quase dilui presente e futuro, todavia, não é suficiente para reduzir a diferenciação entre passado, presente e futuro – sentida com profundo pesar, onde a mudança é percebida como causa de sofrimento. A compreensão do passado como um tempo que não deve passar relaciona-se a outra ideia bastante defendida em sua obra, qual seja, a defesa da tradição, cuja importância estaria associada à manutenção da identidade nacional. Barroso foi um incansável defensor dos hábitos, costumes e contos populares – valorizados como constitutivos da nacionalidade, pois, ao demarcarem as particularidades de um povo, promoveriam a coesão nacional.

Saudade e reminiscência: há um método em Barroso?

À primeira vista, parece impossível a escrita acentuadamente pessoal de Barroso apontar uma escrita da história que dialogasse com um método científico. Contudo, pode-se perceber essa preocupação nas obras do autor. A escrita autobiográfica identifica-se com um método, com uma pedagogia do tempo.

Ainda na esteira das reflexões propostas por Koselleck e Gumbrecht, empreenderemos a seguir uma análise sobre as particularidades do método investigativo adotado por Barroso, bem como sobre as especificidades de sua escrita histórica. O critério que norteia sua produção e, eventualmente de boa parte dos historiadores, é o da verdade histórica, que na sua obra, relaciona-se ao número e natureza dos documentos, conforme se observa na citação a seguir:

*A verdade verdadeira é que não se pode afirmar qual a data da fundação da cidade em face dos documentos até agora conhecidos e publicados. O mistério permanecerá enquanto se não encontrar um testemunho sério que autorize uma afirmação definitiva, categórica*¹⁶⁴.

O fragmento acima é parte de uma investigação empreendida pelo autor sobre fundação da cidade de Salvador e pode ser considerado valioso para esse estudo por três vias: em primeiro lugar, porque ele é apresentado ao final de uma explanação sobre as diversas hipóteses a respeito da data de fundação da cidade. Nesse caso, leva a crer que, embora tenha

¹⁶³ BARROSO, Gustavo. “A cidade sagrada”, op. cit., p. 10.

¹⁶⁴ BARROSO, Gustavo. *Nos Bastidores da História do Brasil*, op. cit., p. 39. (grifo nosso).

pesquisado em minúcias o assunto, o rigor de seu trabalho como historiador o impede de aderir a qualquer uma das correntes, pois as informações não podem ser comprovadas mediante a documentação encontrada. Dessa forma, a citação é empregada como o ápice da investigação, o que insinua uma preocupação em conferir credibilidade a seu trabalho mediante uma crítica severa. Em um segundo plano, mas não menos importante, considera-se que, por ter sido introduzido na primeira parte do livro, a citação dá a ideia de um método de trabalho que orienta toda a obra. Por último, o fragmento nos leva a questionar qual seria esse testemunho sério a que o historiador se refere, pois ele representa o acesso à “verdade verdadeira”.

A busca da verdade histórica, segundo Barroso, nos conduz ao próximo ponto de seu método, que também pode ser identificado na obra *Nos Bastidores da História do Brasil*, a saber, a imparcialidade e a objetividade no tratamento dos documentos. Segundo o autor: “A história, felizmente, não se faz com calúnias e graçolas, mas sim com fatos, documentação e depoimentos sinceros”¹⁶⁵. A citação nos permite inferir que, para Barroso, a verdade dos fatos, para ser alcançada, necessita, em primeiro lugar, de uma postura do historiador que, para encontrá-la deve recorrer à documentação e a depoimentos verídicos. Novamente nos deparamos com a questão do testemunho como chave de acesso à verdade.

Há uma preocupação quanto à autenticidade, à exatidão e à correção histórica na obra barroseana, evidente no debate de ideias empreendido em *Nos bastidores da História do Brasil*, onde verificamos referências a trabalhos de historiadores reconhecidos tanto no Brasil, quanto no exterior. Nomes como Varnhagen, Robert Southey, Xavier da Veiga, Cardús Huerta, Juansilvano Godói, Antônio Zinny, Pedro Lamas, Juan O’Lery, Cecílio Baez, Joaquin Norberto e George Mastermann foram utilizados constantemente no trabalho, ora como fontes fidedignas de consulta, ora como indicações de textos menos confiáveis. Alguns receberam, inclusive, severas críticas do autor e, a esse respeito, a discussão travada na imprensa entre Barroso e Manuel Gálvez se tornou paradigmática. Por um tempo considerável, ambos trocaram ofensas nos jornais cariocas sobre qual autor teria a versão correta a respeito da Guerra do Paraguai e Gálvez criticou Barroso de ser excessivamente parcial, esse, por sua vez, não se intimidou e rebateu os ataques.

A discussão com Cardús Huerta teve início devido à afirmação do sociólogo paraguaio de que a guerra travada entre seu país e o Brasil teria como causa fundamental a necessidade do Paraguai de encontrar uma saída para o mar. Declaração que foi contestada por Barroso,

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 217.

haja vista que o estudioso brasileiro compreendia que essa guerra fora premeditada por Solano Lopez, anos antes: “a verdade verdadeira (...) é que a culpa da guerra cabe, não ao povo, mas inteiramente ao Gôverno do Paraguai. *É o que a mais limpa documentação chega a provar.* A guerra foi premeditada e desencadeada pelo Ditador Francisco Solano López.”¹⁶⁶. Utiliza como fonte principal para o ataque a Huerta uma declaração de Solano López, em 1856, a Heitor Varela, publicada no Jornal *La Tribuna*, ocasião em que o governante teria afirmado: “Mas não hei de esperar que me ataquem. EU É QUE ATACAREI! Com efeito, AO PRIMEIRO PRETEXTO QUE ME DEREM DECLARAREI GUERRA AO IMPÉRIO E ÀS DUAS REPÚBLICAS DO PRATA”¹⁶⁷.

Barroso considera a afirmativa de López como uma confissão de imenso valor, “sobretudo porque é absolutamente comprovada pelos fatos posteriores”¹⁶⁸, e, na busca por validar sua versão dos fatos, ele recorre ao trabalho de Mastermann, que viveu no Paraguai na época de Solano Lopez, autor que enfatizou os “enormes preparos bélicos que (...) perturbavam o equilíbrio político do Rio da Prata”¹⁶⁹. Assim, a militarização do Paraguai, que teria ocorrido em um período anterior à guerra, seria um indício de que o país se preparava para o conflito, enquanto os povos vizinhos ignoravam o fato. Outro autor que teve seu trabalho utilizado para referendar as afirmativas de Barroso foi Juansilvano Godói, que teria documentado “precisamente a premeditação da guerra”¹⁷⁰ ao afirmar que López “Desde 16 de outubro de 1862, quando tomou posse da Presidência da República, preocupou-se seriamente com uma possível guerra contra o Brasil.”¹⁷¹.

Barroso recorre, em grande medida, ao trabalho de pesquisadores paraguaios como recurso para comprovar sua afirmação e parece acreditar que, ao fazer uso da fala de estrangeiros, estaria isento de uma suposta parcialidade pelo fato de ser brasileiro: “Assim, toda a documentação aqui alinhada, insuspeita por provir do lado de lá, isto é, do campo adverso, deixa de vez aclarada a questão”¹⁷². A investigação de documentos, entremeada com o recurso à pesquisa dos historiadores platinos, demonstra uma busca pela exatidão acerca das motivações da Guerra do Paraguai: “Os documentos provam à saciedade não nasceu de nenhuma das causas que até lhe foram atribuídas (...). Ela veio em linha direta do pensamento de Solano López. Ele a premeditou, como está provado, o que absolve de qualquer culpa o

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 171.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 173. (grifo do autor)

¹⁶⁸ *Ibidem*.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

¹⁷⁰ *Ibidem*.

¹⁷¹ *Ibidem*.

¹⁷² *Ibidem*, p. 175.

Império brasileiro”¹⁷³. Verifica-se, inclusive, o desejo de enaltecer as realizações do Império, compreendido como protetor dos povos vizinhos e momento áureo da história nacional, que “possui vultos e glórias fora do comum e está repleta de grandes ensinamentos técnicos e políticos. É rica de altas lições de sacrifício e patriotismo”¹⁷⁴.

Observa-se, novamente, uma compreensão pedagógica da história, presente de maneira ainda mais veemente nas biografias publicadas pelo autor¹⁷⁵, onde personagens históricos são enaltificados como modelos de conduta. O emprego retórico dessa modalidade de escrita foi, inclusive, ressaltado por Fernando Catroga ao afirmar que “o uso da exemplaridade narrada pelos historiadores obedecia a propósitos de convencimento”¹⁷⁶. Com uma pesquisa voltada para a análise do século XIX, Maria da Glória Oliveira destaca, igualmente, a eficácia persuasiva das lições morais fornecidas pelas biografias: “ao fazer ver as virtudes morais no relato das vidas exemplares de seus ancestrais, elas incitariam a imitação e fortaleceriam a convicção de que a pátria era uma entidade real”¹⁷⁷. Evandro dos Santos, cuja pesquisa se volta para a investigação das biografias compostas por Varnhagen, ressaltou que, ao difundir vidas exemplares, os relatos biográficos cumpriam, não apenas uma missão: “Este salvamento não passava de uma simples inclusão de um esquecido na história, mas sim por um trabalho de pesquisa que enriquecesse o conhecimento acerca dele”¹⁷⁸.

As biografias barroceanas apresentam certa preocupação quanto à exatidão das informações, todavia, essa não era a preocupação central dessa escrita, haja vista que elas consistiam, fundamentalmente, em um trabalho didático: “O bravo marinheiro cumpriu consciosa e limpamente o seu dever, manteve intacta a dignidade de sua pátria, não passou por cima de autoridade alguma e só empregou a força quando lhe faltaram todos os outros recursos”¹⁷⁹. Seria, portanto, nas referências a esses *vultos da pátria* que observaríamos, de maneira mais contundente, certa inspiração em uma concepção da história como *magistra vitae*, dado o caráter exemplar dessas narrativas. Nos relatos biográficos, os indivíduos são apresentados desde o nascimento, passando pelas importantes etapas de iniciação e

¹⁷³ *Ibidem*, p. 175.

¹⁷⁴ BARROSO, Gustavo. Esquematização... op. cit., p. 401.

¹⁷⁵ Embora o objeto de estudo no presente capítulo não seja a biografia, acreditamos ser válido fazer a distinção - ainda que breve - entre essa modalidade de escrita e os textos históricos de caráter mais investigativo.

¹⁷⁶ CATROGA, Fernando. O magistério da História e exemplaridade do ‘grande homem’. A biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMENÉS, A.; FERREIRA J. Ribeiro e FIALHO, Maria do Céu (ed.). *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Málaga, 2004, p. 248.

¹⁷⁷ OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de doutorado, p. 67.

¹⁷⁸ SANTOS, Evandro dos. *Temp(l)os da pesquisa, temp(l)os da escrita. A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Porto Alegre: PPGHIST/UFRGS, 2009. Dissertação de mestrado, p. 46.

¹⁷⁹ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933, p. 127.

aprendizado, culminando nas cenas de batalha onde são consagradas e encerrando suas trajetórias com a morte: Essa última é descrita não como o fim da história, mas sim como uma abertura para a eternidade, de forma que a narrativa de prolonga imaginariamente. “Assim, o povo perpetuou no bronze o seu vulto heróico, de espada em punho, olhar fito nos inimigos ameaçadores, como um grande símbolo de nossa história militar. Na memória da Pátria Brasileira sua glória será eterna”¹⁸⁰.

Observamos em sua obra uma visão pedagógica da história, com a qual é possível aprender, mas não necessariamente pelo exemplo e possibilidade de repetição. Ao que parece, trata-se sim de uma história que, apesar de propor um apelo educativo, precisa aderir aos mesmos padrões de produção de seus contemporâneos.

Cumprir mencionar a importância da tradição na obra do escritor, definida como o elo entre o passado e o futuro, algo que demarca as particularidades de um povo e o prolonga no tempo, associando-se, em última instância, à problemática da identidade nacional

Na efervescência das idéias e lutas modernas, no corre-corre, na lufa-lufa, no vai-vem desta prodigiosa época de aviões e radiotelegrafia, a palavra passado provoca quase sempre um risinho de mofa. Mas a pressa dos dias atuais, as necessidades decorrentes da existência moderna não matarão nunca o passado, porque êle é a essência das coisas humanas. É o saber acumulado, é a experiência ganha, é o caminho feito é o que há-de verdadeiramente conquistado. O presente escapa à relatividade do nosso conhecimento. Ainda bem não é e já deixa de ser. E o futuro resulta dos materiais que nós e todos os que nos antecederam reuniram. O desprezo do passado seria mais do que ingratidão, porque seria inconsciência. Por êle é que, na premissa positivista, os mortos governam os vivos. E por isso um luminoso espírito francês aconselha guardar carinhosamente as tradições, porquanto elas, parece, nos prolongam a nós mesmos, como que nos ligando mais intimamente, tanto aos homens que morreram como aos que ainda hão-de vir¹⁸¹.

A caracterização negativa do presente pode ser associada ao processo de modernização que, ao provocar mudanças aceleradas na estrutura das cidades e na escala de valores, fez com que Barroso se sentisse temeroso em relação à contemporaneidade e se refugiava em um passado idealizado. A modernidade seria, portanto o elemento de seu desconforto. Ao que tudo indica, não foi apenas a percepção do presente como distinto em relação ao passado a causa do desconforto sentido por Barroso e, tampouco a visão de que as coisas se modificavam com o passar do tempo, mas principalmente, a velocidade com que ocorriam tais

¹⁸⁰ BARROSO, Gustavo. *Osório, o centauro dos pampas*. Rio de Janeiro: G. M. Costa, 1932, p. 198.

¹⁸¹ BARROSO, Gustavo. *A Cidade Sagrada*, op. cit., p. 12 – 13.

alterações. A sensação era de que o presente era como um tempo curto que escapava, o que foi expresso por Gumbrecht da seguinte forma:

(...) À medida que o tempo histórico parece ser posto em movimento por tantos impulsos convergentes, não é mais possível pensar o presente com um intervalo de continuidade. (...) o presente transforma-se naquele 'instante imperceptivelmente curto', naquele lugar estrutural em que cada passado se torna futuro¹⁸².

O estreitamento do presente nos remete ao próximo ponto do ideário barroso, ou seja, a identificação do presente como um tempo de transição, em que o autor verificou o abandono das antigas instituições, a relatividade dos valores e o advento de novas maneiras de pensar e agir. A respeito dessa questão, Koselleck verifica no avanço da modernidade a rapidez com o presente se separa do passado:

A nova experiência da transição se caracteriza por duas noções especificamente temporais: a diferença de qualidade que se espera para o futuro, e, associada a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a maior rapidez com que o tempo presente se diferencia do passado. (...) E o critério dessa mudança encontra-se em um tempo histórico que produz prazos cada vez mais breves (...) ¹⁸³.

O incômodo diante da perda da memória, ou melhor, de sua substituição pelo esquecimento, pode ser considerado como um lugar-comum em um período de avanço da modernidade. Tal sensação pode ser tomada como um efeito provocado por uma característica básica dos tempos modernos, a saber, o desvio do passado e a concentração no futuro. A associação do tempo ao progresso provoca não apenas uma imensidão de alterações, como também, e, principalmente uma concentração no futuro, que por sua vez, passa a dispensar a tradição. Seria nesse ponto que poderíamos situar a obra barroso, como uma espécie de trabalho que sofre as mudanças de seu tempo, lamenta a ausência do passado, denuncia o abandono da tradição e propõe soluções a essa situação.

Consciente de que vivia em um tempo acelerado, o autor se colocou na contramarcha dos acontecimentos, ou seja, procurou retardar as mudanças. A criação do Museu Histórico Nacional e a política de aquisição de objetos - em que a antiguidade era um critério para a historicidade dos fragmentos¹⁸⁴ - podem ser consideradas como exemplos dessa postura. A

¹⁸² GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*, Op, cit, p. 15-16.

¹⁸³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*, op. cit., p. 288-289.

¹⁸⁴ Daryle Willians explica que a lógica da aquisição de objetos no Museu Histórico Nacional obedecia a dois critérios. Em primeiro lugar, os objetos relacionados com o Império e o início da República eram identificados

produção escrita e a atuação política também podem ser compreendidas como facetas dessa mesma atitude perante o tempo e sua dinâmica que pareciam fazer a história acelerar. Nesse sentido, acreditamos que o conjunto da obra barroseana pode ser tomado como uma tentativa de desacelerar as transformações e reconciliar o presente com o passado.

Na obra barroseana, especialmente em “O Culto da Saudade”, que aqui consideramos como o texto síntese da concepção de história para seu autor, o presente é visto como o tempo do esquecimento: “No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração.”¹⁸⁵ Ao esboçar uma espécie de lamento em relação ao seu próprio tempo, Barroso se mostra, por um lado, nostálgico em relação ao passado e, por outro, assume uma postura agressiva de ataque àqueles que supostamente teriam se esquecido das lembranças de seus predecessores. Em *Nos Bastidores da História do Brasil*, ele acusa seus contemporâneos: “criminosamente vivemos deslembrados dum passado honroso e brilhante”¹⁸⁶. Esse *deslembramento* é uma crítica ao “passado como ruína”, concepção vigente no período de publicação do autor e que entendia o passado como uma herança perversa que, em todo caso, deveria ser renegada, em prol de uma visão do Brasil como uma nação jovem, com muito a ser construído. Barroso é uma voz destoante nesse cenário – o que discutiremos à frente.

Apesar das particularidades que o envolvem e que procuramos delinear ao longo desse estudo, “O Culto da Saudade” está inserido em uma forma específica de pensar a nação, tanto no que se refere à reflexão sobre o passado, quanto no que diz respeito ao futuro. O contexto histórico de sua produção foi marcado por um debate intenso acerca das diferentes interpretações sobre o passado nacional, a maioria, inclusive, o compreendia como um grilhão do qual era preciso se desvencilhar. As razões para essa opinião depreciativa estavam relacionadas, em geral, a duas visões: uma que compreendia o país como excessivamente jovem para ter um passado que pudesse ser imemorial, de maneira que ele estaria ainda por ser construído, o que requeria um olhar voltado para o futuro. Outra versão enfatizava o aspecto negativo dos acontecimentos de nossa história, notadamente no que se refere à colonização, concebidos como uma herança ingrata e responsável pelas mazelas do presente:

devido à idade como históricos. Tais objetos pertenciam ao passado histórico e, desta forma, o tempo tornava-se critério de sua historicidade. Em um segundo plano, os objetos relacionados com esses períodos evocavam, geralmente, a aura de proeminentes personalidades e importantes eventos do passado brasileiro e eram definidos como históricos por se referirem aos capítulos da história brasileira. Cf: WILLIAMS, Daryle. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997, p. 155.

¹⁸⁵ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 34.

¹⁸⁶ BARRORO, Gustavo. *Nos Bastidores...*, op. cit., p. 168.

“Tanto ensaios políticos quanto textos acadêmicos apresentam, sob diferentes formas, o tom pessimista que destaca as ausências, o ‘atraso’ brasileiro”¹⁸⁷.

A fim de livrarem-se desse fardo que o passado representava, alguns sugeriram que se fixasse a Independência como marco inicial de nossa história e, acreditavam que, ao desconsiderar o 1500 e seus desdobramentos imediatos, poderiam se desprender dos sentidos do período colonial. A ideia de juventude da nação implicava, por seu turno, em uma avaliação condescendente com o presente, ao mesmo tempo em que transferia para o futuro a solução dos males então vigentes. A crença no Brasil como um país novo, ainda em construção, sugeria que havia um longo caminho a ser percorrido até que todas as nossas possibilidades se concretizassem, minimizando a responsabilidade de uma ação efetiva e urgente para solucionar os males existentes¹⁸⁸.

Evidenciam-se, desse modo, versões concorrentes acerca do passado, que encerraram um terreno de disputa em torno da memória nacional e, por conseguinte, da própria identidade da nação. Pontuamos, aqui, a importância das análises de Michel Pollak acerca dos conflitos entre memórias concorrentes, autor que ressalta o aspecto coletivo da memória nacional e compreende que as interpretações sobre o passado são tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis”¹⁸⁹. Assim, entre tantas visões conflitantes sobre o passado do Brasil, pretendemos investigar os intelectuais que postularam a importância desse pretérito e, desse modo, esperamos entender, principalmente, a maneira como Barroso se posicionou frente a esse debate.

Espelhando-se na Europa Ocidental, onde a história adquiriu uma função destacada como elemento de coesão da nacionalidade, alguns pensadores não se sentiram à vontade para descartar o passado. Alceu Amoroso Lima pode ser citado como um dos que pensaram positivamente essa *herança*, ao promover um culto à tradição, em 1916, quando afirmou que “nada pode justificar o descaso pelo nosso passado, se não lhe pesam os anos, nem a excepcional magnificência do edifício, avulta o seu valor moral, a sua significância histórica”

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão...*, op. cit., p. 21.

¹⁸⁸ DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 86-90.

¹⁸⁹ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989, p. 09.

¹⁹⁰. Esses autores denunciaram o descaso pela tradição e pelo passado, considerados como fundamentais para a constituição de um povo e, por conseguinte, de uma nação.

Para além dos discursos apaixonados em defesa do passado, notamos certa preocupação em elaborar e divulgar um conhecimento acerca de nossa história que fosse capaz de promover a identificação da população com esse pretérito que se enaltecia. Dito de outra forma, havia um interesse em levar o indivíduo comum a ufanar-se de ser herdeiro e guardião dos feitos passados, elementos presentes na obra de Barroso, especialmente na maneira como convoca os brasileiros a prestigiarem seu passado. O espelhamento na Europa, como continente que vivificava seu passado, está presente como uma advertência a sugerir imitação: “Não há cidade européia que não festeje uma data histórica, anual ou centenária. (...)” ¹⁹¹. O tom acusatório, presente em boa parte do texto, pode ser tomado como uma denúncia e, por outro lado, uma estratégia de convencimento: “Nada disto temos. Ouro Preto, ninho de tradições e glórias, derroca-se, esboroa-se. (...)” ¹⁹². O lamento parece querer despertar a população para a importância de suas origens, conduzindo-a, pelo sentimento, a repensar suas atitudes: “No Rio, todas as tradições se apagaram. O passado não merece consideração.” ¹⁹³.

Malgrado as especificidades de seu pensamento, as ideias defendidas por Barroso foram concomitantes ao período, onde identificamos um número expressivo de intelectuais que adotaram posicionamentos semelhantes no que diz respeito à história nacional. Intelectuais comprometidos com a valorização do passado e nada comedidos nos ataques ao descaso reinante, denunciavam a:

criminosa indiferença que mostramos pelas nossas tradições, pelo nosso passado, pelas nossas glórias, trabalhos e misérias de outrora, em cuja contemplação poderíamos achar o pensamento comum, a aspiração coletiva, capaz de dar-nos a feição de um verdadeiro povo dentro de uma verdadeira pátria ¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Destacamos, aqui, o pensamento de Amoroso Lima em 1916, quando identificamos uma versão otimista do passado nacional. Os desdobramentos de suas ideias que, mais tarde, apontarão as limitações dessa compreensão, não constituem objeto de nosso trabalho. LIMA, Alceu Amoroso. “Pelo passado nacional”. *RBR*, v. 3, n. 9, p. 14, set. 1916, *apud*, DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 89.

¹⁹¹ BARROSO, Gustavo. *O Culto da Saudade*, op. cit., p. 33.

¹⁹² *Ibidem*, p. 34.

¹⁹³ *Ibidem*.

¹⁹⁴ PRADO, A. Francisco Adolpho Varnhagen. *RBR*, v. 1, n.23, p. 432, Nov. de 1917, *apud*, DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 93.

Indivíduos como Victor Vianna e Breno Ferraz podem ser incluídos nesse grupo que, apesar de todas as particularidades que cercam o pensamento de cada um, estiveram profundamente preocupados em propiciar uma reconciliação entre a nação e sua história. A valorização da geografia, como alternativa para promover o enaltecimento do Brasil a partir de seu território, foi largamente empregada nesse contexto. A história passou a ser, nesse caso, a narrativa dos grandes feitos que asseguraram a posse da terra e, apesar das adversidades, mantiveram a unidade nacional. Nesse sentido, os protagonistas responsáveis por essas ações foram igualmente reconhecidos e suas trajetórias foram delineadas por alguns estudiosos preocupados em resgatar o real valor desses personagens.

Ganhavam relevo os relatos que divulgavam uma leitura do passado que afirmava a excelência de um povo aguerrido que soube defender seu território, à custa dos maiores sacrifícios. Temas como a expulsão holandesa, a derrota dos movimentos separatistas, a Guerra do Paraguai e, principalmente, as bandeiras foram retomados como fatos capazes de despertar a confiança nos destinos da nação. As bandeiras foram alvo de vários estudos nesse período, destacava-se, inclusive, a importância que tiveram na definição territorial do Brasil, um país de dimensões continentais. Pedro Lessa e Padre Heliodoro Pires foram alguns que as consideraram como o maior feito do período colonial, cujo estudo: “é destes que nos fazem mais brasileiros, destes que ascendem na alma culto mais vivo e mais acendrado apego ao torrão pátrio”¹⁹⁵.

A reabilitação do pretérito ganhou contornos acentuadamente nacionalistas com o advento da Primeira Grande Guerra que, ao colocar ao colocar em xeque os ideais de civilização e progresso, acabou por promover um olhar mais detido sobre *realidade nacional*.

¹⁹⁵ PIRES, Padre H. Domingos Jorge Velho. *RBR*, v. 11, n.43, p.242, jul. 1919, *apud*, DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 93.

3. A HISTÓRIA MILITAR COMO HISTÓRIA DO BRASIL

Quase sempre a árvore que plantamos dá sombra a outros. Quem trabalha para sua Pátria não pensa no salário. Todos nós passamos. O Brasil fica. Todos nós desaparecemos. O Brasil fica. O Brasil é eterno. E o Exército deve ser o guarda vigilante da Eternidade do Brasil.¹⁹⁶

Nem sempre a modernidade foi vivenciada com um sentimento de euforia. Ao contrário, apresentou-se frequentemente como algo ainda incompreensível para as consciências pensantes da época. Para alguns intelectuais, o momento trazia uma indagação crucial, quando colocava em questão seu próprio destino e o da nacionalidade¹⁹⁷.

A oposição às transformações era entendida como um mecanismo de manutenção da identidade. Alguns intelectuais eram adeptos da ideia de civilizar o país, de forma que o Brasil pudesse alcançar as nações, supostamente, em estágio mais avançado. Foi, nesse cenário, que o autor esboçou um projeto político e historiográfico que visava resguardar a tradição e, por outro lado, combater as inovações trazidas pelo ideal de progresso¹⁹⁸. Entre os elementos componentes do pensamento barroseano, estão as alusões ao liberalismo, ao marxismo e ao positivismo, entendidos como doutrinas exóticas que colocariam em risco a nação:

Tiveram as doutrinas individualistas, materialistas ou positivistas, nascidas da filosofia racionalista do século XVIII, o condão de guerrear o passado, como se êle não fosse o que de verdadeiramente sólido possui a humanidade. A Revolução francesa alterou até o nome das cartas de jogar. O positivismo mudou o calendário. O marxismo pregou a abolição da propriedade, da religião e da moral¹⁹⁹.

Entre fins do século XIX e começo do século XX, identifica-se um grupo de intelectuais marcado pelo sentido de atualização e modernização, que queria iluminar o país

¹⁹⁶ BARROSO, Gustavo. Esquematização da história militar do Brasil. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942, p. 431.

¹⁹⁷ VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 38.

¹⁹⁸ Tal projeto foi sintetizado em formato de artigo sob o título “O culto da saudade” e constitui a fonte de análise do segundo capítulo do presente estudo. Cf: BARROSO, Gustavo. “O Culto da Saudade”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.

¹⁹⁹ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil...*, Op. Cit, p. 123.

através da ciência e da cultura, com uma confiança na razão humana. No afã de acompanhar as sociedades européias, especialmente a francesa, vincularam o atraso do país às noções de meio e raça. As teses deterministas, defendidas principalmente pela Geração de 1870, postulavam uma visão pessimista da mestiçagem e, em muitos casos, demandavam a necessidade de um branqueamento da população.

Entre os adeptos desse cientificismo ilustrado podemos incluir a figura de Sílvio Romero, um dos intelectuais que se voltaram para o estudo do mal que a escravidão fez aos brancos, e que considerava a miscigenação como um “defeito de formação” étnica do brasileiro²⁰⁰. Manoel Bomfim, por sua vez, compreendia a ciência como um pressuposto para a apreensão da realidade, no entanto, a despeito das ideias defendidas por Romero, ele avaliou positivamente a miscigenação, desconsiderando as teorias que postulavam, por exemplo, a inferioridade do negro. Bomfim apontou a educação como *receita* para a cura dos males brasileiros, supôs, ainda, que somente a sua implementação, em nível nacional, seria capaz de garantir uma progressiva transformação da sociedade:

A experiência de Bomfim como defensor da educação popular (como professor, jornalista, político ou escritor de livros didáticos) provavelmente contribuiu para que ele pudesse estabelecer relações entre o ensino da história e a instrução cívica. O autor compreendia a educação como uma tarefa “urgentíssima para a República e para a Pátria”, sendo que o professor deveria utilizar elementos da vida nacional em todas as disciplinas²⁰¹.

Outra questão que adquiriu relevo nesse período, compreendida como uma das receitas para a *salvação do país*, foi a saúde, que ganhou expressão em torno da figura construída por Monteiro Lobato para exprimir o homem do interior - o Jeca Tatu. A pergunta era se o Jeca era preguiçoso, indolente, atrasado e incapaz porque era assim ou se ele se encontrava nesse estado devido às suas condições de saúde – problemática que marcou a segunda metade da década de 1910.

A Primeira Guerra Mundial foi crucial para a tomada de novos rumos, pois, o mito cientificista do progresso e seu conjunto de valores - baseados na razão, nas leis, nos padrões civilizacionais e no desenvolvimento linear - foram desmascarados pela experiência do conflito. Dessa forma, o fim da primeira Grande Guerra assinalou também o término da “Civilização Internacional” proposta pelo liberalismo e a crise que se estabeleceu na Europa,

²⁰⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional...* Op. Cit., p.84.

²⁰¹ Cf: GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim, ‘pensador da História’ na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, 2003, p. 136.

por conseguinte, acabou por promover uma valorização da América, compreendida como um continente jovem que deveria pensar por si ²⁰².

Os elementos delineados até aqui, nos permitem compreender a percepção negativa do cientificismo, do liberalismo do positivismo e do socialismo, veiculada na obra de Barroso. É importante ressaltar que o espírito cientificista atingia tanto o liberalismo quanto o socialismo e, dessa maneira, a dúvida colocada sobre a ciência nos permite compreender a aversão de Barroso tanto em relação a uma quanto a outra corrente. O desprezo pelo liberalismo poderia ser justificado, principalmente, pelo fato de que ele condenava a escravidão e a ordem imperial, elemento de uma quase devoção do autor.

O positivismo, por seu turno, postulava que nação não era vista como uma singularidade, o que conflitava com a versão marcadamente nacionalista do pensamento barroseano e, também, porque Comte considerava o regime republicano como forma de governo superior à monarquia. O marxismo, além de ser desmerecido pelo seu aspecto científico, também fora diminuído devido à experiência da Revolução Russa, percebida por Barroso como um mecanismo de dominação de uma classe sobre outras. O cenário internacional, de desilusão em relação aos ideais divulgados pelo Iluminismo, auxilia na compreensão do repúdio de Gustavo Barroso a esses postulados.

A crença no liberalismo e na certeza de que a humanidade caminhava para um progresso ininterrupto - ideais colocados em xeque pelo conflito mundial - abriu caminho para a busca por particularidades nacionais. O novo cenário exigia que cada Nação encontrasse sua própria direção e, no caso brasileiro, tornava-se imperativo um movimento pela salvação do país, de maneira a estabelecer uma nova identidade, distinta da herança européia e dos modelos biológicos. Lúcia Lippi Oliveira afirma que tal programa de luta se baseou, principalmente, na recusa dos modelos biológicos que promoviam o racismo, rompendo com a herança européia que naturalizava as noções de meio e raça ²⁰³.

Dessa feita, vários intelectuais brasileiros se debruçaram sobre a questão nacional, na expectativa de encontrar o cerne da *brasilidade*, demandava-se um redescobrimento do Brasil. O termo *brasilidade*, propriedade distintiva do Brasil e dos brasileiros, foi utilizado pelo conde Afonso Celso no livro *Por que me ufano de meu país* (1900), servindo para indicar uma espécie de essência dos seres e das coisas do Brasil, capaz de inspirar o sentimento ao amor à

²⁰² Lúcia Lippi Oliveira explica que o Rio de Janeiro - da Belle-Époque - passou por mudanças que colocaram a questão da brasilidade e da justiça social na ordem do dia. Segundo a autora, a Campanha Civilista (1910), a Primeira Guerra Mundial (1914) e a Revolução Russa (1917) abalaram os pressupostos da intelectualidade do início do século, mudando o foco de suas preocupações. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, 1990.

²⁰³ Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional...*, op. cit, p. 145-146

pátria. Segundo Rebeca Gontijo, nos anos 1920, o termo foi retomado pelas discussões sobre modernidade, modernismo e nacionalismo, e, de maneira que:

(...) a reflexão sobre a brasilidade ocorreu em meio à demanda por interpretações sobre o país e seus habitantes, (...), quando a intelectualidade se auto-reconhecia como portadora da civilização e se afirmava detentora de uma missão social e política: explicar o país, apontando problemas, propondo soluções e elaborando projetos para o futuro²⁰⁴.

Alguns estudiosos, entre eles Gustavo Barroso, postularam que o ser nacional estava no interior do país, e não nas grandes cidades, onde residia o cosmopolitismo. Seguindo essa mesma linha de interpretação, o litoral foi percebido como o espaço onde residiam os costumes estrangeiros, avesso à realidade nacional, o sertão, por outro lado, representava a essência. Dessa forma, o sertão fora alteado como o local onde as virtudes do brasileiro permaneciam intocadas e, dessa forma, o sertanejo passou a ser visto como o símbolo da nacionalidade.

Segundo Rebeca Gontijo esse movimento de (re)descoberta do Brasil teve início ainda no século XIX e se prolongou até, pelo menos, os anos 1950, despertando o interesse pelo interior do país, com suas vastas regiões e populações desconhecidas. Tal movimento teria se inspirado em uma série de escritos sobre o interior, dedicados a recuperar ou inventar peculiaridades geográficas, humanas e culturais. A autora em questão explica que tais escritos permitiram ultrapassar o parâmetro ditado pelo passado colonial, que deixara marcas profundas no litoral, e, ao mesmo tempo, fundamentar a construção de um espaço – o sertão – e de um tipo - o homem do interior - como autenticamente brasileiros. Prevalencia, desse modo, a visão de dois brasis: o do litoral e o do interior, sendo possível identificar duas vertentes de interpretação sobre o sertão:

Uma delas o situava como o lugar do atraso, por oposição à cidade, local do progresso e da modernidade, associado à urbanização, à máquina, à indústria. Ao mesmo tempo, observa-se a interpretação do sertão como o espaço por excelência da brasilidade, enquanto a cidade era o lugar do cosmopolitismo, dos estrangeirismos. Assim, era no interior que se encontrava o ‘verdadeiro’ Brasil. Quanto ao problema do tipo representativo da nacionalidade, o homem do interior encontrava-se na berlinda. Alguns o tomavam como exemplo do atraso e da ignorância.

²⁰⁴ Cf: GONTIJO, Rebeca. “O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu”. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 318.

Outros o viam como portador da brasilidade, da ‘essência’ da nacionalidade, precisando, contudo, ser liberado de seus ‘males’²⁰⁵.

As discussões sobre o sertanejo - enquanto raiz da nacionalidade - foram somadas às preocupações relativas à saúde e à educação, tornava-se premente combater as endemias do sertão e, não foram poucos os intelectuais que divulgaram receitas de cura dos males brasileiros. Lúcia Lippi Oliveira ressalta que, malgrado os esforços para conhecer a identidade do interior do país, o contato com o sertão despertou também a preocupação com sua população. Divulgou-se uma espécie de receita de cura dos males brasileiros, que incluía a saúde, a educação e o combate as endemias do sertão²⁰⁶; tal como assinalamos anteriormente.

Observamos, nas reflexões produzidas pelo autor, elementos que aproximam sua obra de uma vertente nacionalista que avalia positivamente o passado colonial e imperial, e, acredita na excelência de nossas tradições, fruto da colonização portuguesa e da ação da Igreja Católica. Tal linha de pensamento promove, ao mesmo tempo, uma espécie de repulsa pela sociedade norte-americana, onde a colonização inglesa e protestante é considerada a principal razão para o desprestígio dessa cultura. Tal vertente se contrapunha a outra via de análise que compreendia a República como uma ruptura necessária com o passado português, corporificado no regime monárquico, e postulava a organização de uma nova sociedade a partir de uma luta contra o passado. Os dois modelos de identidade nacional estariam representados na obra de Eduardo Prado e Raul Pompéia; o primeiro postulou a defesa da monarquia no Brasil e negou as virtudes do republicanismo americano e Pompéia, ao contrário, argumentou a favor do nacionalismo republicano e atacou a herança lusa. “A nacionalidade seria, para os republicanos, o resultado da luta contra o passado”²⁰⁷.

Frente a essa luta no campo ideológico, identificamos também a presença da intelectualidade cientificista da época. Caracterizados pelo predomínio dos ideais evolucionistas, assentados sobre a desigualdade das raças, esses pensadores eram profundamente pessimistas em relação ao destino da nação, prejudicado devido à miscigenação racial. O posicionamento de Barroso em relação a essas correntes pode ser identificado na citação a seguir, onde, novamente, o autor ataca as teorias positivistas, marxistas e liberais:

²⁰⁵ Cf: GONTIJO, Rebeca. “O intelectual... op. cit., p. 319.

²⁰⁶ Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional...*, op. cit. 145-147.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 24.

Sofremos no Brasil o reflexo das teorias aí ligeiramente referidas e procuramos esquecer a nossa história. Sobretudo depois da proclamação da República, nasceu a escola de maldizentes da pátria, às vezes até por mal compreendido patriotismo. Para êles, promanamos de três raças inferiores, tivemos como primeiros povoadores degredados, albergamos todos os vícios e cometemos as mais negras injustiças, fazendo guerras imperialistas aos nossos mansos, pacíficos, inocentes vizinhos do Prata ²⁰⁸.

A defesa das qualidades da terra brasileira e, especialmente de sua gente, associada às críticas da vida política republicana, eram disseminadas por Barroso, de tal maneira que, o escritor participou desse espaço de disputa em torno das interpretações sobre o Brasil. O apego às coisas da terra nos remete a outro aspecto bastante discutido em suas memórias e possuidor de importância crucial em sua trajetória, seja como político, seja como intelectual, a saber, o ufanismo. Por ora, cumpre mencionar que não estamos sugerindo que Barroso tenha figurado como um expoente do ufanismo, mas sim, que elementos desse ideário estão presentes em sua obra, mobilizados a partir de um contexto outro, atendendo às propostas políticas, que, muitas vezes, se serviram desse conjunto teórico.

O Ufanismo entendia que a nacionalidade era fruto das condições naturais da terra e, dessa forma, promovia uma exaltação do Brasil e de sua gente, o que podia ser verificado em um de seus principais postulados, qual seja, a valorização as três raças que teriam composto o povo brasileiro. Afonso Celso, Eduardo Prado e Afonso Arinos podem ser citados como os principais expoentes dessa corrente nacionalista, que teve, com a publicação de *Porque me ufano de meu país* ²⁰⁹, de autoria de Afonso Celso, em 1900, um dos seus pontos altos. Eduardo Prado ²¹⁰ defendia ideias que podem ser aproximadas de muitos dos ideais defendidos por Barroso, como a defesa do regime monárquico e a negação do republicanismo americano. Nas referências de Barroso a outros intelectuais, destacamos um nome que figura, certamente,

²⁰⁸ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil...*, Op. Cit, p. 123.

²⁰⁹ CELSO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. Laemert & C. Livreiros - Editores, 1908.

²¹⁰ Eduardo Prado entendia que a monarquia era uma instituição profundamente enraizada no País, e a república recém-proclamada, um gigantesco passo atrás dessa emancipação. O intelectual temia a federação como causa inevitável da dissolução da unidade nacional que, fragmentaria a Nação em repúblicas autônomas e inimigas entre si, a exemplo da América Espanhola. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, estudioso do pensamento de Eduardo Prado, explica a particularidade do pensamento desse autor. Segundo Berriel, numa circunstância histórica em que o típico era a cópia do padrão ideológico europeu, especificamente, o liberalismo, Prado, ao mesmo tempo em que copia o padrão europeu fornecido pela Geração de 70, repudia a nossa inclinação a espelhar a voga européia: “Busca, assim, num pólo político e socialmente anacrônico da Europa, a base argumentativa para a evidenciação do perfil cultural brasileiro, que partiria da premissa da rejeição aos padrões europeu e norte-americano”. Berriel ressalta também que, a despeito de outros intelectuais, como Varnhagen, partidários do extermínio do índio e depreciadores do caboclo brasileiro, Eduardo Prado diferenciou-se também nesse campo, expondo a convicção de ser o caboclo digno de admiração. Cf: BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. “Vida Literária No Período Prudente de Moraes (1894-1898): Eduardo Prado, pensamento oligárquico e restauração monárquica”. In: SILVA, Fernando Teixeira da *et al.* (org.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003, p. 101-102.

como o mais influente na defesa do ufanismo, a saber: Afonso Arinos. O autor cita, em suas memórias, Arinos como um dos principais interlocutores de sua trajetória intelectual. É interessante observar ainda, que a narração sobre a proximidade entre ambos, revela o prestígio que Arinos possuía na visão de Barroso, onde a sociabilidade estabelecida entre os intelectuais era ostentada por Barroso como distintivo social.

Elementos oriundos da corrente ufanista podem ser observados na obra barroseana, na forma como o autor representa a terra natal, nos adjetivos empregados para qualificar a natureza e o povo e, principalmente, no amplo espaço ocupado pelo tema na narrativa. O registro das impressões sobre a terra natal está permeado de alusões à beleza natural da região e às preocupações relativas à seca e à miséria do povo, o que parece anunciar os temas centrais dos projetos posteriormente empreendidos por Barroso na política: “Nasci e criei-me dentro da preocupação das secas. Minha família vivia nas cidades, mas resultava de incontáveis gerações de agricultores e criadores”²¹¹. A experiência familiar com a seca parece ter causado comoção no futuro literato, pois há outros relatos acerca dessa temática, imbuídos de forte conteúdo emocional, como, por exemplo, quando Barroso descreve a passagem de um grupo de retirantes pela fazenda da família.

A freqüência com que o sertão e o sertanejo figuram como tema na obra do autor denota um processo de busca pelo ser nacional, em que a exploração do interior do país era considerada fundamental para o descobrimento da realidade nacional. Tal iniciativa propunha uma valorização das coisas da terra, especialmente da cultura popular, em detrimento da cultura estrangeira. Barroso propõe que Euclides revelou o cenário sertanejo, com seus tipos característicos, cuja existência efetiva parecia, provocativamente, desconhecida. Ao enfatizar a importância de *Os Sertões*, ele destaca, a relevância de se empreender um redescobrimento na história, onde devemos buscar os temas de heroísmo e de sentimento patriótico, o que, todavia, só poderá ser encontrado nas narrativas sobre o Império, haja vista que a República, para o autor, é um tempo que não sentimos como nosso:

O resultado foi o abandono em geral do que é nosso, eminentemente nosso, somente nosso, em todas as manifestações da atividade e do pensamento. Esquecemos a tradição histórica e a tradição popular, passamos a viver alheios ao nosso meio. Os nossos grandes poetas e os nossos grandes escritores preferiram cantar a Grécia, a Índia e a França. Bastava uma coisa ser brasileira, produto intelectual ou industrial, para não prestar. Todos lhe torciam a cara. E assim vivemos até que Euclides da Cunha nos chicoteou a face com *Os Sertões*, obrigando-nos a mudar de rumo e a refazer, agora pelo espírito somente, o caminho das bandeiras, descobrindo o ouro de

²¹¹ BARROSO, Gustavo. *Coração de Menino*, op. cit., p.49.

nossa história e do nosso folclore. E, nêsse redescobrimento do Brasil, os temas de heroísmo, de grandeza, de alto sentimento patriótico geralmente só se vão buscar no Brasil monárquico, como se nêle a Pátria se houvesse definitivamente estratificado em seus princípios e, depois dele, sucedesse um período que não sentimos mais nosso, que escapa ao nosso próprio sentimento brasileiro ²¹².

O processo de redescobrimento da nação, na prerrogativa de Barroso, deveria acontecer por duas vias, o presente e o passado, em outras palavras, demandava-se desvelar o interior do país, com seus tipos constitutivos e, ao mesmo tempo, redescobrir o passado da nação, identificado com o Império. A partir das reflexões suscitadas por Fernando Nicolazzi ²¹³, propomos que, em Barroso, opera-se uma tentativa de ordenamento do tempo, onde, escrever sobre a história da nação era uma maneira de reorientar o tempo, entendido pelo escritor como algo alheio que lhe escapava. Assim, ao elaborar a história nacional, tornava-se possível elaborar um sentido para a pátria, dessa feita, permitia-se uma compreensão profunda da realidade e, por conseguinte, um espaço de ação sobre o real.

O período identificado por Lúcia Lippi Oliveira como primeiro tempo modernista pretendia a incorporação do país à ordem urbana e industrial. Ser moderno significava ser civilizado, cosmopolita, preconizava-se ao indivíduo estar atualizado com o mundo - postulados que erigiram o tema da cidade como superior ao da província ou ao do regional ²¹⁴.

O segundo tempo modernista, demarcado pelo ano de 1924, por seu turno, apregoava que ser moderno era ser brasileiro, dessa feita, para alcançar a modernidade não era mais necessário incorporar o país ao mundo contemporâneo, mas sim, buscar as singularidades nacionais ²¹⁵. Este estilo de pensamento permaneceu e se tornou a tônica do movimento verde-amarelo que, a partir do Manifesto “nhengaçu”, de 1929, se separou das outras vertentes modernistas ²¹⁶. Esse movimento guarda uma proximidade com outro movimento que alguns anos depois envolveu um grupo de letrados, entre eles, Gustavo Barroso, sob o ideário do nacionalismo, catolicismo e militarismo. O grupo verde-amarelo, vertente conservadora do modernismo paulista, teve em Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia seus principais expoentes ²¹⁷. O movimento postulava a importância de São Paulo

²¹² BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil...*, Op. Cit, p. 124.

²¹³ NICOLAZZI, Fernando F. Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande e senzala e a representação do passado. Porto Alegre: PPGHIS/UFRGS, 2008.

²¹⁴ OLIVEIRA, Lúcia. Lippi. *A Questão Nacional...*, Op. cit., p. 182.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 183-184.

²¹⁶ *Ibidem*, p. 185.

²¹⁷ Cf: VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro. Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.15.

como centro econômico e cultural, em contraste com o restante do país ²¹⁸. A proposta regionalista do grupo foi questionada por outras vertentes modernistas, principalmente a defendida por Mário de Andrade, que via no regionalismo a fragmentação do país, e, por essa razão, buscava elementos que pudessem representar a nação em seu conjunto. As particularidades regionais, elementos caros aos verde-amarelos, foram preteridas pelo grupo de Mário de Andrade, sob a ótica de que promoviam uma desgeografização ²¹⁹.

A defesa do catolicismo era um aspecto central da doutrina difundida pela Ação Integralista, exposta no lema “Deus, Pátria e Família”, bandeira do movimento, que atraiu inúmeros adeptos por todo o país. Os principais expoentes do partido, como Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima ²²⁰, possuíam uma relação substancial com a Igreja, o que parece contrastar com a trajetória de Barroso ²²¹. Na composição de suas memórias, o escritor demonstra ter vivenciado uma educação absolutamente laica, tanto no âmbito familiar quanto no espaço escolar, e, à exceção de sua avó e de sua tia Neném - católicas devotas – toda a família parecia possuir uma relação indiferente quanto à religião.

Ao positivar as tradições católicas, o escritor não parece demonstrar uma religiosidade própria, um despertar da fé, mas sim, uma valorização da Igreja enquanto instituição, o que pode ser compreendido pela postura assumida por ela frente aos dilemas do mundo moderno. Em fins do século XIX, a Igreja se mostra contrária ao progresso e ao liberalismo e reafirma seu desejo de se manter ligada à esfera política, postulando que Estado deve subordinar-se à Igreja. O Catolicismo conservador condenava o cientificismo, que estaria expresso tanto no

²¹⁸ A versão valorativa de São Paulo encontrou respaldo no mito de origem da sociedade paulista, difundido desde XVIII, que relacionava a grandeza de São Paulo à herança Tupi. Cf: GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu, viajante. *Revista Brasileira de História*, São Paulo. v. 30, n. 59, 2010, p.15-36.

²¹⁹ Cf: VELLOSO, Monica Pimenta. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 89-112.

²²⁰ Entre os anos 1910 e 1920, Jackson Figueiredo fez parte, juntamente com Álvaro Bomfilar de uma corrente nacionalista que uniu as cruzadas católicas de Figueiredo à Ação Social Nacionalista de Bomfilar. Jackson Figueiredo e Alceu Amoroso Lima são considerados os principais expoentes de uma corrente nacionalista católica que, na década de 1930, buscou difundir seus ideais por meio da Ação Integralista Brasileira. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional...*, op. cit.

²²¹ Observa-se um número expressivo de historiadores que afirmaram a existência de um catolicismo vigoroso em Gustavo Barroso, hipótese fundamentada, em geral, no fato de o intelectual ser integralista - Héglio Trindade e Gilberto Vasconcellos podem ser citados como expoentes dessa corrente. O presente estudo sustenta que essa questão deva ser relativizada, pois, acreditamos que a inserção de Barroso no integralismo, tão somente, não pode ser considerada o indício de uma vida religiosa intensa. O que verificamos, de fato, foi que o autor possuiu uma relação respeitosa com a Igreja, devido, principalmente, à importância dessa instituição na história do país e na tradição nacional – elementos caros aos projetos do autor, conforme assinalamos anteriormente. Nossa hipótese é corroborada pelo historiador Marcos Chor Maio que também destaca a inexistência de um catolicismo veemente por parte do escritor. Cf: CHOR MAIO, Marcos. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. O artigo publicado por Chor Maio nos Anais do Museu Histórico Nacional também traz uma análise interessante sobre a temática. Cf: O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso Gustavo Barroso. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

positivismo quanto no materialismo, por acreditar que ele levaria ao ceticismo ²²². As propostas da instituição iam ao encontro dos projetos barroseanos, o que provavelmente revigorou a relação entre ambos e foi o motivo para, em 1930, autor estabelecer o catolicismo como elemento para a formação da nacionalidade ²²³.

A relação apática com o catolicismo é um ponto que parece destoar de sua militância integralista, no entanto, notamos outro aspecto característico de seu pensamento que constitui uma chave de interpretação para suas opções políticas, museológicas e, principalmente historiográficas: o militarismo. Ponto crucial do ideário defendido pela AIB, tal conceito postulava a importância da militarização da população e da promoção de um armamento psicológico do povo, alternativas de prevenção diante da possibilidade de um conflito real. A discussão que se segue objetiva analisar a importância do militarismo na historiografia de Barroso, haja vista que o passado que ele busca reabilitar é, especificamente, o passado militar.

3.1 História Militar e Usos do Passado

História Militar do Brasil ²²⁴, publicado em 1935 e reeditado em 1938 pela Coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional ²²⁵ sob a direção de Fernando de Azevedo, foi definido por Barroso como o resultado de suas discussões empreendidas ao longo do Curso de

²²² Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional...* op, cit.

²²³ O autor promove uma aproximação entre o bandeirante e o jesuíta, entre história militar e religião, que nos permite avaliar a particularidade de sua relação com a Igreja: “(...) o bandeirante e o jesuíta moldaram um o nosso corpo, o outro a nossa alma. E quem puser de parte, na avaliação do que seja o Brasil, a nossa história militar e o nosso sentimento religioso, os dois valores positivos mais fortes e contínuos da nossa formação, não conhece a vida brasileira ou procede com evidente má fé”. BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. Op. cit., p. 125.

²²⁴ O livro contém cinquenta gravuras e mapas, em que se destacam as ilustrações relativas aos uniformes e aos armamentos usados pelo Exército brasileiro. Na capa do livro observa o nome do autor, acrescido do comentário “Da Academia Brasileira”, de maneira a demarcar um local de fala que, por um lado, confere prestígio ao autor e, por outro, justifica sua publicação. BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

²²⁵ A Companhia Editora Nacional ocupou um lugar de prestígio entre as maiores editoras da época, ao lado de Civilização Brasileira, Editora Globo, Editora José Olympio, Editora Irmãos Pongetti, Editora Francisco Alves e Editora Melhoramentos. A *Coleção Brasiliana* esteve entre as que se constituíram na época em um espaço privilegiado para a veiculação e a circulação de saberes produzidos por intelectuais detentores de formações diversas e inseridos em um perfil eclético. A *Brasiliana* gozava de boa reputação, era apresentada como a mais vasta coleção (cem volumes até então publicados) dedicada aos *estudos brasileiros*. Na década de 1930, ápice das edições dessa coleção, entre seus 196 títulos, 25% corresponderam ao gênero história e 19,3%, ao gênero biografias e memórias. Cf: FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional – (1936-1959)*. São Paulo: PPGHIS/USP, 2006. (Tese de Doutorado). A esse respeito conferir também: GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

Extensão Universitária do Museu Histórico Nacional ²²⁶. A proposta é reunir o maior número possível de informações relativas ao passado militar da nação, o que inclui referências sobre o vestuário e os instrumentos utilizados pelos responsáveis pela defesa do território, desde o século XVI. O trabalho adquire profundidade à medida que o autor desenvolve a narrativa sobre os conflitos travados entre o Brasil e os países vizinhos, com destaque para os acontecimentos ocorridos durante o século XIX.

A obra está dividida em duas partes: a primeira é intitulada “História da organização do Exército, seus uniformes, hierarquia e armamentos”. Nela o autor faz uma descrição minuciosa dos uniformes e armamentos usados pelo Exército desde a vinda da primeira tropa de Portugal para o Brasil, ainda no período colonial. Há uma proposta cronológica afinada com etapas e evoluções dos aparatos militares e sistemas de governo, com destaque para o contexto imperial, entendido como o momento áureo do Exército nacional, em oposição à República, identificada com a desordem e a fragmentação. A segunda parte: “História das grandes campanhas militares” apresenta e discute os conflitos em que o Brasil se envolveu ao longo de sua história, novamente, com enfoque privilegiado no Brasil monárquico. Ponto importante a ser mencionado nesse segundo momento da narrativa é a composição de uma espécie de biografia dos militares ao longo da representação das batalhas, o que permite entrever uma proposta de narração da história nacional por meio da trajetória de indivíduos considerados ilustres.

A segunda parte inicia com uma reflexão a respeito da nacionalidade, sob a tópica “Brasil-Nação”. O autor propõe o que entende por nação e o que considera como empecilho em sua trajetória – o que discutiremos à frente. É interessante mencionar que, ainda nas primeiras linhas, ele apresenta a ideia que orienta sua proposta historiográfica, a identificação da história militar como história do Brasil, o que atribui ao militarismo a capacidade de conduzir a história. A articulação entre militarismo e história incorpora outro elemento que, na perspectiva do autor, está profundamente relacionado ao passado da nação: a monarquia portuguesa. Barroso demonstra uma visão bastante positiva do passado imperial e considera a

²²⁶ O Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, foi criado em 7 de março de 1932 como *Curso de Extensão Universitária*, com duração de dois anos. Tal curso formava “técnicos de museus, com nível universitário”; pontua-se, aqui, o fato de ser esse o único curso de formação universitária para museólogos no país até 1970. Durante a realização do evento, Gustavo Barroso ministrou, pela primeira vez, em 1933, nas salas do Museu Histórico Nacional, uma série de palestras sobre história militar, que foram, posteriormente, pronunciadas, em 1934, na Escola de Oficiais da Milícia Integralista do Distrito Federal. Tratava-se de um estudo simultâneo das guerras napoleônicas e das campanhas nacionais, com lições teóricas e práticas, acompanhadas de uma apresentação dos armamentos, dos fardamentos, das táticas empregadas, etc. Tais palestras deram origem ao livro *História Militar do Brasil*. Cf. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 10. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

vinda da Coroa Portuguesa para o Brasil o marco definitivo de nossa história: “A verdadeira história militar do Brasil começa com a Nação e a Nação surge no dia em que a Coroa da Metrópole vem para o continente americano. Até então, éramos simples colônia. Depois somos um reino”²²⁷. Dessa feita, a emancipação política do Brasil adquire um caráter secundário, haja vista que “o espírito brasileiro de coesão e sentimento nacional”²²⁸ é considerado por ele como fenômeno anterior aos acontecimentos de 1822. A independência seria marcada por fatores externos relacionados à vida política europeia, de maneira que, de fato, ela pouco teria contribuído para a construção do sentimento nacional.

Barroso propõe uma cronologia para a história nacional que tem início com a vinda de D. João VI para o Brasil e o estabelecimento da metrópole portuguesa na América, feitos determinantes de nossa história. As campanhas militares empreendidas pelo Brasil monárquico são consideradas, por sua vez, elementos fundamentais para a constituição da nação e manutenção de suas fronteiras. Apesar das diferenças notórias entre as acepções de pátria e nação, o autor não diferencia, abertamente, os diferentes usos que faz dessas duas categorias, todavia, intentamos identificar tais nuances no percurso dessa investigação. É sabido que sua definição de nação está relacionada à instituição de um Estado soberano, dotado de autonomia sobre o território ocupado, em que os membros dessa coletividade se unem por laços de afinidade, onde o aspecto político é privilegiado sobremaneira, que adquire, com a mudança da Coroa Portuguesa para o Brasil, o *status* de nação:

Assim nasce a Nação. Tudo o mais, a própria independência em setembro de 1822, é corolário. (...) O Brasil deixou de ser colônia com toda a *capitis diminutio* colonial. É um Reino com todos os regalengos. E uma nação igual à outra, da qual não é mais dependência e à qual está *unida*. Nela se acha agora o governo²²⁹.

O caráter de sede do Reino, e, por conseguinte, o estabelecimento do governo no Brasil, é o que o torna uma nação, com todas as características que envolvem essa transformação, por exemplo, a criação de um corpo político, designado por uma população soberana. O conceito de pátria, por sua vez, remete prioritariamente a uma identificação com o lugar, em outras palavras, a ideia de pátria como terra dos nossos pais proporciona um laço afetivo e cultural, desse modo, o patriotismo passa a ser um sentimento natural para Barroso. Tal sentimento estaria fundamentado em honrosas tradições e na capacidade do povo,

²²⁷ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*, Op. Cit., p. 117.

²²⁸ *Ibidem*, p. 147.

²²⁹ *Ibidem*, p.119.

sobretudo, em sua força e em sua tenacidade, demonstradas ao longo das lutas travadas por um povo guerreiro. O que predomina é uma preocupação com os aspectos culturais do patriotismo, categoria que envolve o sentimento de amor à pátria, em um aspecto mais carnal, é utilizada pelo autor quando pretende dotar a narrativa de emoção: “A religião de Osório era a pátria”²³⁰. À semelhança de uma devoção, a pátria, para Barroso, era uma entidade digna de culto, por ela todos os compatriotas deveriam ser capazes de grandes sacrifícios, tal como Tamandaré pela: “pátria que idolatrava”²³¹. A pátria parecia ser uma categoria mais inclusiva e, largamente empregada, tal noção desempenhou um papel importante em sua proposta de afirmação e de mobilização de lealdades.

A análise sobre os conceitos de pátria e de nação nos induzem a refletir sobre a acepção de povo utilizada na obra barroseana. Se nos casos anteriores, o militarismo esteve relacionado ao sentido desses termos, no caso da ideia de povo, essa questão não poderia ser diferente. Ora, se a história nacional está associada à história militar, a formação do povo está, inegavelmente, atrelada às situações de guerra, em que houve, na visão do autor, o despertar de um sentimento de afinidade. Dessa forma, os sacrifícios cumpridos nessas ocasiões seriam, de todo modo, definitivos para a trajetória da história de um povo: “Naturalmente não somos um povo eminentemente guerreiro, mas somos um povo que se formou na constância das lutas e dos sacrifícios, de maneira que o fator militar foi um dos maiores em sua formação”²³². Para além do aspecto jurídico do povo, o sentimento de afinidade, o desejo de viver junto e, principalmente, a existência de um passado comum seriam os elementos determinantes de sua concepção de povo:

Ao ataque imprevisto, todo o Brasil se moveu como um só homem. Nos campos de batalha, reuniram-se os brasileiros de todas as procedências. A Nação inteira comungou do mesmo sangue derramado. Entremearam-se e conheceram-se, amaram-se e juntos se sacrificaram todos os descendentes dos antigos bandeirantes esparsos no imenso corpo da pátria. Foi, portanto, essa guerra o último episódio da grande epopéia escrita por todos os quadrantes da terra brasileira pelos nossos antepassados²³³.

A citação, embora um tanto longa, é valiosa para a compreensão dos conceitos discutidos até o momento. Primeiramente, ela apresenta uma concepção da nação como um indivíduo, que se move, à semelhança de um só homem. O aspecto da guerra é crucial para o

²³⁰ BARROSO, Gustavo. *Osório, o centauro dos pampas*. Rio de Janeiro: G. M. Costa, 1932, p. 185.

²³¹ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933, p. 158.

²³² BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*, Op. Cit., p. 124.

²³³ *Ibidem*, p. 217.

desenvolvimento de seu pensamento sobre a nacionalidade, pois a guerra é descrita como a oportunidade para a união do povo e, posteriormente, para sua constituição em uma unidade. Ao promover a reunião dos brasileiros, a guerra os transforma em nação, pois, juntos eles se conhecem, se amam e sacrificam suas vidas. O sacrifício é, igualmente, um ponto importante no ideal nacional, pelo seu caráter de renúncia voluntária em benefício de uma entidade superior, no caso, a nação, que adquire o sentido de uma divindade. O território, da mesma forma, está envolto em uma atmosfera de sacralidade, ele é o corpo da pátria, definido a partir das batalhas empreendidas pelo Brasil, onde a Guerra do Paraguai é definida como o último ato desse trabalho de constituição da nação e formação da nacionalidade.

História Militar do Brasil apresenta o processo de “gênese” da nação, compreendida pelo escritor como um organismo que, por conseguinte, possui um aspecto físico e espiritual: “Sendo o homem a continuidade moral e física de seus pais, a nação é a continuidade física e moral das gerações unidas pela experiência e pela sucessão dos fatos através dos séculos”²³⁴. A citação articula dois pontos cruciais para a ideia de nação, a saber, a similitude e a permanência. Se por um lado ela designa uma coletividade que se mantém idêntica e identificável ao longo do tempo, por outro, ela indica o enraizamento temporal dessa identidade, em outras palavras, ela assinala a capacidade da identidade de perdurar sem se modificar.

Passado e presente estão, assim, relacionados como condições para a ideia de nação e como garantia de sua continuidade. A existência de um passado comum é entendida como fundamental para a constituição dessa coletividade, o que instaura, por sua vez, o dever de lembrar e comemorar o pretérito. A geração presente possui uma obrigação para com a que a precedeu, afinal, o autor entende que: “A perda de suas tradições é um dos males que mais podem afligir uma nacionalidade”²³⁵. O conceito de tradição é compreendido, na perspectiva do autor, como herança, em outras palavras, trata-se de um legado deixado pelos ancestrais aos seus pósteros, em que, cumpre a esses últimos, o dever de manter o que foi transmitido. O dever de comemoração, o respeito às tradições e o culto aos ancestrais constituem premissas básicas do dever do cidadão e, a eles o autor acrescenta a importância do sacrifício de si mesmo em defesa da nação.

²³⁴ *Ibidem*, p. 123.

²³⁵ *Ibidem*

Em suas reflexões acerca da constituição da nação, Barroso demonstrou também certa aproximação com uma vertente nacionalista cultural²³⁶ - onde os traços que definem um povo e o diferenciam dos demais foram considerados como fatores primordiais no processo de construção da nação - ao passo que se contrapôs ao progresso, entendido como causa de mudança²³⁷. O escritor acredita na ideia de nação na medida em que ela tem um passado comum, tradições, crenças, valores e mitos, figuras e fatos que venera.

A concepção organicista da nação - evidenciada em Barroso - cristaliza o cidadão como aquele que herdou de seus ancestrais a cultura nacional e, ao mesmo tempo, promove uma inserção de todos os indivíduos na coletividade, ao atribuir a cada ser uma importância e uma função específica. Segundo essa perspectiva de análise, a sociedade pensada como um organismo se opõe à sua concepção como construção artificial dos homens, passível de ser alterada pela vontade política do homem²³⁸. Observa-se uma concepção naturalista que compreende o território como o corpo da nação, ainda que essa questão não seja tão veemente, ela está presente em sua análise sobre o papel dos bandeirantes em nossa história. Outro ponto capital em sua investigação acerca do nacional é o emprego do catolicismo como elemento formador da nacionalidade, a conjunção entre catolicismo e militarismo assinala não apenas a especificidade do pensamento barroseano, como descortina também projetos políticos²³⁹:

²³⁶ O nacionalismo cultural, baseado nos traços que definem a identidade de um povo e o diferencia do demais – identidade e alteridade – esteve presente no romantismo do século XIX e no modernismo dos anos 1920. Lúcia Lippi Oliveira propõe que a importância do nacionalismo cultural tende a crescer na medida do fracasso da política em construir uma coletividade baseada em sólidos laços de solidariedade nacional. A autora destaca também que em sociedades tradicionais a identidade deduzida da cultura aparece de forma mais “natural”, em contrapartida, em sociedades em transição para um mundo industrializado, observa-se a diminuição dos traços “naturais” e a concentração na ação política do Estado. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, 1990, p. 189.

²³⁷ Yves Déloye esclarece que a identidade nacional constitui o espaço de um conflito permanente entre os que pretendem determinar seu conteúdo. A autora propõe que a identidade nacional é resultado de um trabalho de construção social que convém compreender, ao mesmo tempo, em sua elaboração estratégica e em sua dimensão cultural. Aspectos que nos permitem situar Barroso junto a um determinado grupo de intelectuais que, nas primeiras décadas do século XX, promoveu a construção de uma identidade para a nação que percebia positivamente o passado imperial, em detrimento de outros grupos que entendiam os fatos relacionados à monarquia como profundamente negativos. Esse quadro configurou um terreno de conflito sobre a memória que se queria instaurar como oficial. Tema que será discutido a frente. DÉLOYE, Yves. “A nação entre identidade e alteridade: fragmentos da identidade nacional”. In: BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M.; SEIXAS, J. *Razão e paixão na política*. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.

²³⁸ Lúcia Lippi Oliveira corrobora com a opinião de Willians (1969). O autor afirma que a noção da sociedade como um organismo valorizava o “desenvolvimento natural”, isto é, agrícola, em oposição ao industrialismo e rejeitava as concepções “materialistas” da sociedade. Propõe também que tal acepção recebeu crescente aceitação entre os movimentos nacionalistas, desde o final do século XIX. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, 1990, p. 177.

²³⁹ Propomos que a concepção militarista da história encerra, fundamentalmente, uma posição política por parte do autor, identificável, especialmente, no contexto da década de 1930, período em que o escritor se filiou à Ação Integralista Brasileira (AIB). Partido de tendência fascista no Brasil, a AIB se caracterizou pelo nacionalismo, pelo militarismo e pelo catolicismo, aspectos candentes de seu ideário. Tais postulados, conforme aludimos

(...) o bandeirante e o jesuíta moldaram um o nosso corpo, o outro a nossa alma. E quem puser de parte, na avaliação do que seja o Brasil, a nossa história militar e o nosso sentimento religioso, os dois valores positivos mais fortes e contínuos da nossa formação, não conhece a vida brasileira ou procede com evidente má fé ²⁴⁰.

A religião Católica imprime uma marca identitária permanente; ela dota a nação de uma identidade substancial e imutável, de maneira que identidade nacional e identidade católica se fundem. O nacionalismo católico²⁴¹ do autor sugere uma compreensão da história como plano de Deus, em outras palavras, o nacionalismo é o caminho natural e divino do Brasil na trajetória da cristandade. Por conseguinte, confundida com a civilização cristã, a identidade nacional se reproduz, assim, identicamente ao longo do tempo. O processo de formação nacional tem, por uma via, a Igreja como alicerce e garantia de permanência e, por outra, a Guerra do Paraguai como acontecimento responsável pela coesão nacional: “A vitória sobre o Paraguai plasmou definitivamente num só corpo e numa só alma a Nação Brasileira”²⁴². A nação se forma, assim, a partir das guerras travadas pelo Brasil e adquire sua constituição definitiva com a Guerra do Paraguai, aqui concebida como fato causador da união entre corpo e espírito, entre história militar e religião: “Foi, portanto, essa guerra o último episódio de grande epopéia escrita por todos os quadrantes da terra brasileira pelos nossos antepassados”²⁴³. A ênfase em um patriotismo guerreiro, por parte de Barroso, pode ser compreendida como uma alternativa para realizar uma mobilização psicológica, uma

anteriormente, constituem os matizes do pensamento barroseano, de maneira que consideramos oportuno enfatizar o jogo de ideias que se fazia presente na escrita barroseana e a forma como esse arcabouço teórico acabou por ser utilizado na vida prática, especialmente em sua experiência política. Acreditamos que suas publicações, ao veicularem tais ideias, foram, sobretudo, uma alternativa de sua militância política.

²⁴⁰ BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil...*, Op. Cit., p. 125.

²⁴¹ A correlação entre nacionalismo e catolicismo é uma ideia comum entre os ideólogos de direita, sobretudo na França. Jackson de Figueiredo - pensador brasileiro e membro da Ação Integralista Brasileira - difundiu ideias que podem ser aproximadas de muitos dos postulados defendidos por Gustavo Barroso. Jackson de Figueiredo identifica o nacionalismo com o passado católico, com uma tradição que se vê ameaçada pelo protestantismo, pelo ianque, ou pelo que chama de metequismo, de invasão da maçonaria e do judaísmo do capitalismo internacional. Tais pontos do pensamento de Figueiredo se assemelham as teorias divulgadas por Barroso no que diz respeito a uma suposta ameaça de invasão do Brasil por judeus maçônicos, o que pode ser identificado em seu livro: *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo*. Jackson de Figueiredo enfatizou, além dessas ameaças ao nacionalismo brasileiro, a ameaça lusitana e, em campanha pela imprensa ele atacou o elemento luso de certos setores no Brasil. Gustavo Barroso, em contrapartida, compreendeu a herança lusitana como positiva para o país e, inclusive, defendeu sua presença no Brasil, como elemento benéfico para a nacionalidade. Voltaremos a esse ponto um pouco a frente. Cf: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília, 1990, p. 163. Conferir também: BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

²⁴² BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil...*, Op. Cit., p. 228.

²⁴³ *Ibidem*, p. 217.

espécie de armamento de energias que visa, sobretudo, preparar os indivíduos para ações futuras:

Estava finda a guerra. O Brasil Imperial varrera do Prata seu derradeiro caudilho de grande vulto. Essa obra demandara grandes sacrifícios, mas plasmou numa só alma os brasileiros de todas as Províncias. (...) A força, porém, dessa coesão dum grande povo continua latente. E' preciso despertá-la para novos prodígios!²⁴⁴

Os sentimentos e os deveres adquirem, assim, importância crucial para o sentido da consciência nacional, somados à ideia do sacrifício de si em prol da nação e, por conseguinte, a crença na existência de laços ancestrais que uniriam o povo. A obra barroseana apresenta uma proposta de construção de uma identidade nacional, que leva em consideração o caráter belicista da história, incorpora a guerra como constituinte dessa identidade e compreende os militares como representantes-símbolo dessa nacionalidade. O privilégio conferido às personagens militares de nossa história demonstra uma compreensão do indivíduo como aquele que sintetiza uma época, em outras palavras, por meio do retrato de um indivíduo é possível desenhar o retrato de uma nação. Tal concepção alude à ideia de que os militares foram, de fato, os sujeitos que fizeram a história e, dessa forma, traçar a “biografia da nação” impõe o trabalho de realizar a biografia de seus “filhos ilustres”.

O exercício de construção simbólica da nação, para ser eficaz, encerra, em última instância, um aspecto pedagógico: é necessário divulgar seus postulados de maneira a despertar o sentimento de identidade. Dessa forma, acreditamos que as biografias publicadas pelo autor, acentuadamente durante a década de 1930, foram articuladas à proposta de construção de uma identidade nacional, cujo objetivo maior era exaltar as virtudes dos *vultos* de nossa história de maneira a suscitar o desejo de imitação. Por outra via, esses relatos de vida também podem ser percebidos como uma antecipação de futuros projetos políticos, elementos esses que procuraremos investigar nas biografias *Osório: o Centauro dos Pampas*²⁴⁵ e *Tamandaré: o Nelson Brasileiro*²⁴⁶.

Os protagonistas da história: a biografia barroseana

O militarismo foi uma temática constante ao longo da trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identificado em suas memórias, quando o autor expõe o seu desejo de ingressar nas

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 346.

²⁴⁵ BARROSO, Gustavo. *Osório, o centauro dos pampas*. Rio de Janeiro: G. M. Costa, 1932.

²⁴⁶ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933.

Forças Armadas; observado em sua carreira política, relacionado aos projetos de criação dos Dragões da Independência e de instituição da comemoração do Dia do Soldado; verificado em sua proposta historiográfica, em que observamos, claramente, um privilégio da história militar, tal como discutimos anteriormente. No entanto, é importante destacar que as biografias barroseanas foram produzidas quase contemporaneamente à sua entrada na Ação Integralista Brasileira, o que nos leva a crer que elas estivessem, de alguma forma, relacionadas à sua trajetória nesse movimento. O caráter belicista do integralismo já foi assinalado por diversos autores²⁴⁷ e, cumpre mencionar que Barroso assumiu, no partido, a chefia de milícias, cargo que tinha por função organizar o corpo militar do movimento que, porventura, viesse a enfrentar algum conflito na trajetória de implantação do Estado Integral. Dessa forma, as biografias militares publicadas nesse contexto não nos parecem um dado irrelevante, mas antes, elas assinalam uma relação complexa entre produção historiográfica e trajetória política. A hipótese é de que elas fizessem parte de um projeto de exaltação do militarismo, que percebia nas biografias uma oportunidade para a divulgação desse postulado e, principalmente, uma alternativa pedagógica.

Do conjunto de biografias publicadas pelo escritor²⁴⁸, selecionamos duas que, acreditamos, condensam as noções gerais de sua proposta e, pelo caráter da personagem escolhida, podem nos conduzir a uma análise profícua²⁴⁹. A primeira, *Osório: o Centauro*

²⁴⁷ A esse respeito podemos citar historiadores como Gilberto Vasconcellos, Héglio Trindade, José Chasin e Maria Luíza Tucci Carneiro. As reflexões suscitadas por esses pesquisadores foram cruciais para a compreensão das matizes do pensamento integralista, sobretudo, para a compreensão das especificidades do ideário defendido por cada membro em particular. A título de exemplo, podemos citar o antissemitismo divulgado nas obras barroseanas que, sabidamente, não foi um aspecto marcante no partido e, tampouco, uma ideia defendida por todos os seus membros. Cf: CARNEIRO, M. Luíza Tucci. “Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e antissemitismo na Era Vargas (1930 – 1945)”. Revista da Universidade de São Paulo, 1990. Cf: TRINDADE, Héglio. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1971. t. 3, v. 3. Cf: VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: brasiliense, 1979.

²⁴⁸ Do conjunto de biografias publicadas pelo autor, podemos citar as obras destinadas à narrativa de vida dos heróis da nação: *Osório, o centauro dos pampas* (1932); *Tamandaré: O Nelson Brasileiro* (1933); “Biografia do Marechal de Campo José Luiz Menna Barreto” (1941), *Caxias* (1945). Cumpre destacar também, as biografias produzidas sobre os inimigos da nação e, nesse sentido, a figura do anti-herói é emblemática para traçar o perfil do herói, em um jogo marcado pela antítese entre virtude e vício: *A Guerra do Rosas: contos e episódios relativos à campanha do Uruguai e da Argentina – (1851-1852)* (1929); *A Guerra do Lopez: contos e episódios da campanha do Paraguai*. (1928). Podemos citar ainda, as autobiografias escritas por Barroso, essas constituem o material de reflexão do primeiro capítulo do presente estudo: *Coração de menino* (1939); *Liceu do Ceará* (1941); *Consulado da China* (1941).

²⁴⁹ O trabalho que ora empreendemos procura articular as reflexões a respeito das biografias barroseanas às questões candentes sobre o tema, publicadas nos últimos anos. Nesse sentido, o estudo de Sabina Loriga é considerado capital para a investigação a ser empreendida. Loriga afirma que a fronteira que separa a biografia da história sempre foi bastante imprecisa, o que pode ser considerado um dos motivos para o descaso, observado nas últimas décadas, (particularmente desde a Segunda Guerra Mundial até, meados da década de 1970 e 1980), em relação a esse gênero de escrita. A autora explicita que tal indiferença levou a um interesse pelos destinos coletivos em oposição ao indivíduo. A referência ao aspecto literário da biografia é recorrente e, não raro, motivo para sua desqualificação, Loriga pondera que essa questão é pouco pertinente no tocante à importância

dos Pampas, é uma publicação de 1932, lançada pela editora Getúlio M. da Costa, onde o escritor não define abertamente o que entende por gênero biográfico, desse modo, a resposta a essa questão deverá ser encontrada no conjunto de sua obra. De maneira a viabilizar a análise e compreender a especificidade do gênero, recorreremos ao trabalho de outros historiadores que têm se dedicado, nos últimos anos, ao estudo dessa temática complexa. A esse respeito, citamos a tese de Márcia Gonçalves sobre biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza ²⁵⁰, em que a autora investiga como essas modalidades de escrita se coadunaram na década de 1930 no Brasil. Não obstante a particularidade da escrita barroseana, acreditamos que as análises empreendidas por Gonçalves podem elucidar muitos aspectos de nossas indagações.

A autora de *Em terreno movediço* explica que as primeiras décadas do século XX assinalam um período de efervescência do gênero biográfico, que tem início na Europa e, algum tempo depois, desponta na América como tema de reflexão e modalidade narrativa. Biografias, memórias e autobiografias figuravam juntas como representantes de uma mesma prática que, malgrado suas especificidades, mobilizou intelectuais polivalentes durante os anos de 1930 e 1940. Octávio Tarquínio de Souza, biógrafo estudado por Márcia Gonçalves, compôs sua obra em diálogo com o autor inglês Lytton Strachey, que propunha uma biografia moderna. Tal modalidade discursiva, segundo Gonçalves, primava pelo aspecto literário das biografias, dessa forma, determinadas características do romance deveriam ser introduzidas no gênero biográfico de maneira a dar-lhe intensidade.

Postulava-se uma biografia romanceada que, ao longo dos anos 1930, provocou uma verdadeira “epidemia biográfica”, termo empregado por Tristão de Athayde para se referir à ebulição dessa prática: “Em finais da década de 1920, com destaque para os anos 30 e 40, identificaram-se uma epidemia biográfica e uma renovação da biografia. Houve quem, em coro com os ventos europeus, teorizasse sobre a emergência de uma biografia moderna em terras brasileiras” ²⁵¹. Ainda sobre o aumento vertiginoso das publicações biográficas, a historiadora destaca que, em finais dos anos 30 e início dos anos 40, entre as seis maiores

do biográfico, pois, em sua perspectiva de análise, o caso particular não tem a mesma função na literatura e na história. Cf: LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.225-249.

²⁵⁰ O estudo privilegia a análise da obra de Octávio Tarquínio de Souza e apresenta uma investigação profícua a respeito do *status* da biografia entre os anos 1930 e 1940. As três biografias produzidas pelo intelectual – Bernardo de Vasconcelos, Evaristo da Veiga, Diogo Feijó -, fontes de investigação da autora, constituem um estudo sobre o Primeiro Império e as Regências, em que o escritor aponta os perigos do republicanismo para um país imenso, com falhas de comunicação. O trabalho de Octávio Tarquínio de Souza conjuga a análise da trajetória de determinados indivíduos com a emissão de juízos de valor. Cf: GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

²⁵¹ *Ibidem*, p. 97.

editoras nacionais, a história e as biografias figuraram muito próximas entre os cinco gêneros mais publicados.

Nesse contexto, a biografia e, por conseguinte, os outros textos que tinham como temática a narrativa sobre trajetórias individuais, passaram por reavaliações e críticas por parte dos intelectuais interessados em repensar questões relativas ao indivíduo e à individualidade. Gonçalves acrescenta que a revisão da biografia adquiriu um caráter de urgência entre aqueles pensadores preocupados em atualizar as análises sobre a realidade nacional e, nesse sentido, o diálogo com as lições dos mestres da biografia moderna, em especial Lytton Strachey, André Maurois e Stephan Zweig, foi emblemático para a mudança do fazer biográfico no Brasil:

A seu modo, os três críticos citados tematizaram a questão do moderno, na forma como esse adjetivo pudesse delimitar uma maneira nova de escrever biografias. A menção aos autores estrangeiros, por seu turno, era também o sinal de uma demanda de atualização do fazer biográfico em terras brasileiras, encarnada, em especial, na referência aos nomes de Maurois e Strachey, os arautos de uma biografia moderna ou romanceada²⁵².

Os novos caminhos a serem trilhados pelos biógrafos no Brasil indicavam a necessidade de se retirar do romance as estratégias e técnicas para a consecução de seus textos, que, por seu turno, deveriam ser capazes de fazer viver, por meio dessa modalidade narrativa, determinado protagonista. Assim a proposta barroseana de narrar a história nacional por meio da biografia de seus protagonistas - os militares - estava afinada às iniciativas da época. Comungando dos ideais em voga no período, Barroso pode ser compreendido, em um primeiro momento, como adepto dessa modalidade *romanceada* da biografia. O que não é, de todo, suficiente para explicarmos as particularidades de sua proposta biográfica, que encerra princípios mais complexos, que tentaremos delinear nas páginas seguintes, ainda seguindo as reflexões empreendidas por Márcia Gonçalves.

A década de 1930, conforme Gonçalves destacou, assistiu a uma efervescência do gênero biográfico, informação que situa a obra barroseana menos como exceção, que como prática corrente. Tal informação, embora nos conduza a relativizar o caráter de vanguarda da obra barroseana, não deve, no entanto, nos impedir de refletir sobre as especificidades dessa narrativa, em que a escolha dos biografados é um indício de sua inovação. As duas biografias selecionadas para esse estudo narram a vida de Osório e Tamandaré, respectivamente, duas figuras militares que, ao longo do século XIX, cumpriram funções importantes no Exército e

²⁵² *Ibidem*, p. 118.

Marinha brasileiros e foram, ao final de suas vidas, agraciados com medalhas e títulos honoríficos. Embora tenham alcançado distinção nas atividades que desenvolveram, eles são seres humanos comuns, no entanto, nas biografias, são descritos como entidades quase divinas. São essas nuances da prática biográfica barroseana que procuraremos investigar a seguir.

Osório: o Centauro dos Pampas, primeira biografia publicada por Barroso, narra a vida do General Osório e, afinada com os acontecimentos históricos do período, pode ser considerada também a descrição de uma época. Os fatos são apresentados em uma perspectiva cronológica, que tem início com o nascimento da personagem e culmina com a sua morte e, posterior consagração na história nacional. Nascimento biológico e nascimento espiritual estão relacionados, de tal forma, que o batismo²⁵³ adquire um sentido de rito de iniciação. Se, na história nacional, o militarismo e o catolicismo são elementos que se coadunam, na narrativa de vida, por sua vez, esse amálgama está novamente presente: “A criança que recebera o sacramento do batismo naquêle dia de maio, que o destino lhe reservava para a sagração definitiva da glória do campo de batalha, cresceu livremente, sadia e vivaz, na simplicidade da instância paterna”²⁵⁴. Observa-se uma perspectiva de predestinação na trajetória de Osório, em que a personagem está destinada, desde a infância, a seguir e carreira militar e, por conseguinte, designada a obter êxito nessa trajetória.

A ideia de predestinação conduz à questão do papel dos indivíduos na história e, por conseguinte, às problemáticas da liberdade e do determinismo²⁵⁵. Verificamos uma restrição do espaço para a ação do indivíduo em proveito de uma narrativa que apresenta a história de vida como algo dado, traçado anteriormente, onde a personagem cumpre um papel que lhe foi imposto. A tomada de decisões é considerada irrelevante perante uma história em que o sujeito é compreendido como uma partícula de um organismo superior aos seus desígnios (a

²⁵³ Os ritos batismais são considerados uma maneira essencial de determinar uma identidade, Bourdieu explica que, ao lado do nome próprio, eles instituem uma identidade constante e durável que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis. Cf: BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

²⁵⁴ BARROSO, Gustavo. *Osório...*, Op. Cit., p. 08.

²⁵⁵ Giovanni Levi concebe a biografia como uma modalidade narrativa crucial para compreensão da problemática da liberdade do indivíduo, ele afirma que, por meio dela, é possível compreender o espaço de liberdade que uma sociedade oferece ao sujeito. Levi é contrário à prerrogativa da ausência total de liberdade em determinadas sociedades, em sua concepção, por mais coercitiva que seja a repartição desigual do poder, ela deixa alguma margem de manobra para os dominados. Cf: LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

nação). A ênfase recai sobre o destino de um personagem e não sobre a situação social, dessa feita, evidencia-se, em certa medida, o determinismo na história concebida por Barroso ²⁵⁶.

A cronologia utilizada pode ser entendida como um artifício que permite demonstrar o inelutável de uma carreira traçada como um destino, em que os fatos se desenrolam de maneira coerente, o que assinala uma visão da história dotada de sentido e direção. A lógica que orienta essa produção é, portanto, contrária à individualidade moderna, onde o aspecto descontínuo e fragmentado do real ²⁵⁷ é relegado a um segundo plano. A proposta passa a ser, primordialmente, celebrar figuras exemplares para a história nacional, apresentadas desde a infância como crianças predestinadas à Pátria, modelos de virtudes reforçadas pelas provações: “O menino tudo suportava com uma alegria estóica e uma serenidade de veterano” ²⁵⁸. A citação permite entrever a ideia de que parecia possível ver no jovem o que seria o homem adulto, de sorte que a virtude não consistia em algo que pudesse ser adquirido, ela era inata nos grandes homens.

Osório, sob o olhar de seu biógrafo, era um indivíduo dotado de grandes qualidades, tanto físicas, quanto morais, emblemas que atestavam sua singularidade entre os homens e o transformavam em baluarte do Exército: “Sua mocidade aureolada de bravura, servida por sua bela forma viril, adornada de franqueza e de maneiras cavalheirescas conquistava amizades tanto entre os inferiores como entre os superiores. Aqueles o adoravam. Estes o estimavam” ²⁵⁹. Há, outrossim, uma proposta de reconstituição psicológica do biografado, em que são destacados aspectos de sua personalidade que, na visão do autor, foram decisivos para seu sucesso, entre eles, a coragem figura como elemento fundamental em sua trajetória: “Essa qualidade sugestiva, que o acompanhava toda a vida era a dum verdadeiro condutor de

²⁵⁶ Tal questão nos remete, novamente, à indagação suscitada por Giovanni Levi acerca da verdadeira liberdade de escolha do indivíduo. Segundo Levi, “a biografia é o campo para verificar o caráter da liberdade de que dispõem os agentes e para observar o caráter dos sistemas normativos”. Cf: LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002, p. 180.

²⁵⁷ Pierre Bourdieu, em “A Ilusão Biográfica”, publicado na década de 1980, postula a impossibilidade da biografia, tal como era compreendida. Nas palavras do autor, falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história, é o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como história e o relato dessa história. No entanto, em sua perspectiva, essa premissa nos conduz a um engano, pois propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado em uma sucessão cronológica, pretendem organizar-se em sequências ordenadas e inteligíveis. Dessa feita, o relato biográfico se baseia na preocupação de dar sentido, extrair uma lógica, uma consistência e uma constância que são, fundamentalmente, elementos impossíveis de serem alcançados. Bourdieu afirma que tratar a vida como uma história é conformar-se com uma ilusão retórica, pois o real é descontínuo. Em contrapartida, Sabina Loriga propõe que, embora as considerações de Bourdieu sejam pertinentes, elas atraem para uma armadilha, qual seja, o perigo de cair na história cronológica. Cf: BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002. Cf: LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.225-249.

²⁵⁸ BARROSO, Gustavo. *Osório...* Op. Cit., p. 17.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 45.

homens, tanto na guerra, como na política”²⁶⁰. A preocupação com estados de alma está presente ao longo da narrativa, o escritor intenta investigar o âmago do personagem, a espreita de qualquer informação que possa desvelar sua alma e justificar seu êxito.

A caracterização de Osório beira ao fantástico, o personagem é apresentado a semelhança de um semi-deus, cujos traços foram delineados a partir de uma associação entre heroísmo e santidade. Frequentemente, ele é identificado como um ser capaz de grandes sacrifícios em benefício da nação e, a bondade e a solidariedade o impedem de receber recompensas por suas ações, ele pensa e age em proveito da Pátria. O herói encarnado por Osório é, inclusive, a segurança dos combatentes, pois suas virtudes sobre-humanas o dotam da capacidade de decidir a batalha: “A figura assombrosa do centauro domina o panorama da batalha. Ele comanda tudo, ele está em toda parte. Ele salva tudo!”²⁶¹. A escrita barroseana atende à premissa de teatralizar a narrativa, com um discurso que privilegia o detalhe na caracterização do cenário e dos personagens, o autor pretende dar ritmo a história.

Para além do aspecto apologético do texto, *Osório: o Centauro dos Pampas* demonstra a intenção, não apenas de apresentar reflexões sobre os vultos nacionais, como também de proferir juízos de valor moral. Outro ponto a ser destacado é o caráter de instrução, próprio das biografias barroseanas, perceptível também em *Tamandaré: o Nelson Brasileiro*²⁶². O estudo dessa segunda biografia, publicada em 1933, complementa as reflexões suscitadas pela primeira, de maneira que, nas páginas seguintes, procuraremos investigar esse segundo texto do autor.

A biografia de Joaquim Marques Lisboa, o almirante Tamandaré, foi publicada pela editora Getúlio M. da Costa, em 1933, ano em que o autor aderiu à Ação Integralista Brasileira. A narrativa sobre a vida de Tamandaré contém elementos que se aproximam da biografia de Osório, por exemplo, o estilo discursivo adotado. Sob a ótica da predestinação, o almirante é identificado como um homem simples, que aprendeu o ofício na adolescência e frequentou, por poucos anos, a Academia de Marinha, de forma que seu conhecimento se deve à prática no mar.

A premissa de que o indivíduo obedece a um destino que lhe é traçado de antemão, onde suas ações pessoais pouco influenciam no decorrer de sua trajetória, é marcante também nessa publicação: “A este homem, que nascera predestinado às lidas guerreiras, o destino reservava miraculosas salvações de pessoas e de navios. Fizera-as já no Rio da Prata, nas

²⁶⁰ *Ibidem*, p.45.

²⁶¹ *Ibidem*, p. 159.

²⁶² BARROSO, Gustavo. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933.

águas plumbias e frias da Patagônia, fa-las-ia ainda nos mares da Europa e do Brasil”²⁶³. O autor anuncia as atividades futuras do biografado e pontua, em sua carreira nas Forças Armadas, o socorro às embarcações em perigo e naufragadas, feitos que denotam o reconhecimento alcançado: “Marques Lisboa era o marinheiro completo, no qual a coragem ombreia com a humanidade e a inteligência corre parelhas com a decisão”²⁶⁴. O discurso laudatório, marca da prática biográfica barrozeana, é evidente na descrição psicológica do biografo, definido como um sujeito solidário e disciplinado, pouco afeito às honrarias e às condecorações.

Tamandaré, na leitura de seu biógrafo, foi um indivíduo que se consagrou pelas ações em vida e, principalmente, pelos ideais que defendeu, ele arriscou, recorrentemente, sua vida em proveito da causa nacional. A manutenção da “integridade da Pátria” foi uma das causas que advogou. A biografia, tal como assinalamos anteriormente, foi compreendida como uma possibilidade de representação da história coletiva através da trajetória de um homem, dessa feita, cabe investigar como o autor discutiu as noções de pátria e nação, a partir do biográfico e a intenção que permeou essa produção. Tal prática desperta uma questão crucial, para além da escolha das personagens a serem biografadas, qual seja, a seleção da época em que os fatos se desenrolam, período definido pelo autor como aquele em que se processou “a estratificação de nossa nacionalidade”²⁶⁵. O autor propõe, assim, a identificação do Império, especialmente do Segundo Reinado, como a época em que a nacionalidade se constituiu e, seguindo essa linha de pensamento, podemos inferir que as guerras travadas nesse contexto foram determinantes para esse processo. A estratificação da nacionalidade está, inegavelmente, associada ao passado beligerante da nação, de forma tal, que a “solda nacional” se realiza nesse movimento, em que o povo adquire o sentimento de coesão nacional a partir dos ações guerreiras que empreende.

Os sacrifícios feitos em nome da nação despertam essa comunhão de sentimentos, de maneira que, o pretérito belicista passa a ser o que se deve recordar como fator determinante de nossa história. Outro ponto importante de seu pensamento é a questão do território nacional e, por conseguinte, a ideia de fronteira, onde, novamente, os militares assumem uma função primordial de defesa. A identidade nacional é contraposta ao estrangeiro, o que torna premente a proteção do território, entendido como o espaço onde a nação se desenvolve: “Osório bateu-se demoradamente pela integridade da pátria. A sua brasilidade não lhe

²⁶³ *Ibidem*, p.68.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 91.

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 81.

permitia comungar com os ideais da República do Piratinim”²⁶⁶. Os diversos movimentos separatistas, ocorridos ao longo do século XIX, foram considerados, na perspectiva do autor, como acontecimentos que “feriam” a pátria, de maneira que manter sua homogeneidade era uma prerrogativa essencial.

A brasilidade era entendida como o compromisso com a manutenção dessa unidade, o que envolvia, também, certa oposição às particularidades do regional: “Seu amor à ordem, seu culto à disciplina, sua obediência aos superiores, sua profunda, indefectível brasilidade, em contraposição ao amor à terra natal, ao rincão onde nascera, iam ser postos a prova nesse ano de 1838”²⁶⁷. O nacional, por seu turno, foi definido a partir de duas vias:

- por oposição ao internacional – onde a fronteira demarcava as particularidades da identidade nacional e, por conseguinte, o estrangeiro era percebido como diferente e, portanto perigoso;
- por oposição ao regional – em que as diversidades presentes no conjunto da nação eram desprezadas em proveito da manutenção da identidade do todo.

Um tom emotivo foi associado à ideia de pátria, concebida como uma entidade telúrica, e, por ela os indivíduos deveriam ser capazes de realizar sacrifícios, divulgava-se, assim, uma espécie de culto a pátria. Tal categoria foi utilizada recorrentemente ao longo do texto, entremeada com alusões à nação, de maneira que seu sentido torna-se impreciso à primeira vista. O que desponta de nossa análise é que o autor faz uso desse termo nas referências em que pretende mobilizar o sentimento, de maneira a alcançar mais adesão, haja vista que o caráter dessa acepção é mais amplo que o de nação. Em outras palavras, é como se estivesse presente no imaginário a seguinte premissa: a pátria exige sacrifícios, que seus compatriotas devem estar dispostos a aceitar. Nesse sentido, as biografias são, por excelência, uma modalidade de escrita capaz de promover essa comunhão de sentidos, tal como se observa na descrição das virtudes de Osório: “Fez com estas palavras o resumo de sua grande vida: coragem tranqüila, independência sem orgulho, a pátria acima de tudo e a constância no sacrifício”²⁶⁸. Seguindo essa linha de pensamento, em que os militares são apresentados como modelos emblemáticos de indivíduos, a pátria deve figurar como o bem máximo do sujeito.

²⁶⁶ BARROSO, Gustavo. *Osório...* Op. Cit., p. 76.

²⁶⁷ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré...* Op. Cit., p. 77.

²⁶⁸ BARROSO, Gustavo. *Osório...* Op. Cit., p. 198.

As biografias assinadas por Barroso promovem uma interseção entre a história coletiva e os indivíduos, de tal forma que, esses últimos são compreendidos como personagens históricos que sabem exprimir, em termos de conduta, as aspirações de um povo, de uma nação, e, dessa forma, se impõem como protagonistas da história: “O grande almirante foi, como Caxias e Porto Alegre, a encarnação palpitante do espírito de brasilidade”. A capacidade de *encarnar* o ideal de cidadão institui o militar, acima de qualquer outro extrato social, como exemplo paradigmático da nacionalidade e, principalmente, como padrão a ser seguido. Na medida em que narra a trajetória de Osório e Tamandaré, o autor descreve, na verdade, a epopeia de construção de nação, em suas palavras, Marques Lisboa era: “A história viva da Armada, a história viva da própria nacionalidade”²⁶⁹.

Observa-se, inclusive, uma aproximação com o ficcional para buscar um tom mais didático, muitas vezes, os feitos narrados denotam como ações humanamente impossíveis de serem realizadas, mas que se tornam válidas no relato, devido ao seu aspecto edificante. Dessa feita, a pedagogia de Barroso mescla dois estilos: o histórico, com o uso de uma bibliografia e referências teóricas, e, um plano narrativo, que inclui um pouco de ficção. O autor acrescenta emoções e paixões ao conteúdo de maneira a promover, por um lado, o interesse do leitor, por outro, a identificação com o personagem. A seleção dos fatos, outrossim, acentua o caráter exemplar da narrativa, privilegiando a dimensão pública em vez da privada e desconsiderando desvios dos modelos propostos. Dessa feita, ao longo do processo empreendido nos anos 1920 e 1930 que postulava a importância de redescobrir o Brasil e a nação por meio da reinvenção da história, as biografias históricas podem ser consideradas como modalidades narrativas renovadoras da história nacional.

O escritor pretende, por um lado, exaltar o militarismo como fator determinante da história nacional e, por outro, destacar as virtudes daqueles que, em sua visão, foram os responsáveis pela consecução desse projeto. Márcia Gonçalves assinala, entre as funções do biográfico, seu “uso consagrado entre as práticas e discursos de nomeação e de monumentalização dos gênios e heróis nacionais”²⁷⁰. O fazer biográfico, dessa forma, funcionou como um veículo para instruir leitores no catecismo dos saberes sobre a nação brasileira.

A dimensão pedagógica de suas biografias esteve associada ao equilíbrio entre verdade histórica e valor literário, elementos capazes de atrair o público leitor ao relacionar a fidelidade aos fatos às técnicas do romance. A chamada pelo romance funcionaria, nesse

²⁶⁹ BARROSO, Gustavo. *Tamandaré...* Op. Cit., p. 205.

²⁷⁰ GONÇALVES, Márcia. *Em Terreno Movediço...* Op. Cit., p. 24.

sentido, como uma estratégia de divulgação em diálogo com os gostos do público leitor. A narrativa biográfica foi compreendida, assim, como uma pedagogia de vida, onde a escolha de personagens militares descortina a intenção, por parte do biógrafo, de divulgar virtudes associadas a essa atividade. A divulgação desses postulados, por sua vez, insinua, novamente, o objetivo de realizar uma mobilização psicológica e descortina um projeto político subjacente à defesa desse ideário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim (...) a representação escriturária é “plena”; preenche ou oblitera as lacunas que constituem, ao contrário, o próprio princípio da pesquisa, sempre aguçada pela falta.

(Michel de Certeau)

Ao longo do texto procuramos analisar a importância que o passado possui na obra barroseana, onde identificamos uma marca de saudade, transbordando para o presente a melancolia e a nostalgia. Oprimidos por um passado que não deve passar, presente e futuro quase se anulam. Assim, elegemos a saudade como o fio condutor dessa investigação, evidente na forma de pensar sua trajetória, na experiência do tempo e, principalmente, em sua escrita da história. A notoriedade do passado foi discutida segundo as diversas facetas utilizadas pelo escritor para imprimir seu desejo de reabilitação do pretérito como um tempo superior em relação ao presente, evidente nas preocupações relativas à manutenção da tradição e à preservação do patrimônio nacional. O caráter nostálgico de sua produção foi inquirido a partir do exame do artigo publicado no *Jornal do Comércio*, em 1912, intitulado “O Culto da Saudade” que, compreendemos como o resumo da experiência do tempo para seu autor.

Ao abordarmos a obra de Gustavo Barroso, privilegamos as publicações sobre história militar, embora tenhamos, ainda que brevemente, procurado apresentar o conjunto de sua obra. Destacamos a relevância atribuída pelo autor ao folclore e à temática sertaneja, notadamente, na década de 1920, e destacamos sua atuação na política, onde identificamos uma ação expressiva em prol do patrimônio nacional. A investigação a respeito de sua militância integralista mostrou, sobretudo, uma relação sutil entre os postulados teóricos defendidos em seus textos, especialmente a importância do militarismo em nossa história, e, a atuação em um movimento fascista no Brasil que privilegiava, igualmente, o aspecto beligerante.

A trajetória intelectual do escritor foi apresentada a partir de sua trilogia de memórias publicada entre 1939 e 1941. Cumpre mencionar que a narrativa autobiográfica foi composta sob o signo da *nostalgia*, pois, ao retomar reminiscências de infância, o autor transpôs para a narrativa o desejo de retornar a infância, ou ainda, a compreensão desse momento como algo que não deveria passar. Ao examinarmos a produção de Barroso procuramos, outrossim, delinear o contexto intelectual no qual o escritor estava inserido e,

dessa forma, mapear as redes de sociabilidade estabelecidas, elemento crucial para o desvelamento de sua prática e, por conseguinte, das relações e trocas simbólicas entre intelectuais. Objetivamos também, investigar os lugares de produção, concebidos como espaços de fala e, portanto, de atuação intelectual que, em certa medida, influenciaram sua obra e o contexto de recepção de suas ideias.

Um dos primeiros objetivos enunciados era o de pensar as matrizes ideológicas que orientaram a produção barroseana, e, a esse respeito, destacamos a relevância do estudo sobre a concepção de história veiculada em seus textos. Identificamos uma visão pedagógica da história que a concebia, fundamentalmente, como um campo capaz de instruir, cujo sentido se aproximava, em alguma medida, da *historia magistra vitae*. Informação que, tão somente, não respondia as nossas questões, haja vista que, observamos também, elementos da moderna crítica histórica, o que estabeleceu um impasse inicialmente. A investigação das fontes sugeriu que a vigência de diferentes concepções de história na obra barroseana não poderia ser considerada um paradoxo, mas antes, demonstrava que houve, de fato, a abertura de um espaço comum a partir da negociação entre diferentes temporalidades. Dessa feita, o antagonismo entre tais concepções se dissolveria no encontro entre antigos e modernos. As análises desenvolvidas por Reinhart Koselleck e Hans Ulrich Gumbrecht conduziram nossa reflexão sobre as múltiplas temporalidades na obra do autor.

A análise de sua produção historiográfica demonstrou uma percepção da história que enfocava, prioritamente, o passado belicista da nação, de maneira que podemos afirmar que, na perspectiva de Barroso, a história militar é identificada a história do Brasil. Ressaltamos que tal concepção encerra, em última instância, uma posição política por parte do intelectual. Um segundo ponto suscitado nessa pesquisa, diz respeito à problemática da questão nacional, no contexto das primeiras décadas do século XX, marco temporal de nossa investigação. As concepções de pátria, nação e povo, vulgarizadas na obra barroseana, constituíram o tema de nossa pesquisa, cujos resultados foram apontados no terceiro capítulo. Evidenciamos uma compreensão do nacionalismo profundamente relacionada ao militarismo e ao catolicismo, que concebia a história do Brasil como resultado da ação do Exército e da Igreja. O estudo proposto por Lúcia Lippi Oliveira, intitulado *A Questão Nacional na Primeira República*, foi crucial para o encaminhamento das questões suscitadas.

Com este trabalho, procuramos contribuir para as reflexões já realizadas sobre Gustavo Barroso, buscando inspiração nos estudos realizados no campo da biografia, da história dos intelectuais, dos arquivos privados, das bibliotecas e das correspondências. Alguns trabalhos se tornaram paradigmáticos para nossa investigação, outros nos inquietaram

e suscitaram questões que nos conduziram a repensar certos pontos, tidos como verdade incontestada, e a propor novas interpretações. A expressiva produção do autor, com grande número de publicações e significativa atuação em instituições no âmbito das letras e da política, dificultou, inicialmente, a seleção das fontes e a definição do marco temporal. Privilegiamos a produção historiográfica e, posteriormente, incluímos as biografias cujas personagens eram os militares, considerados como “filhos ilustres” da nação.

Acreditamos que a produção biográfica brasileira merece melhores análises dos historiadores da historiografia, principalmente em um período em que houve certo *retorno* do gênero, tal como adverte Márcia Gonçalves em sua tese de doutorado, trabalho crucial para as investigações empreendidas em nosso estudo. Em conformidade com a proposta do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia que, em 2011, postula a importância da reflexão acerca do gênero biográfico, procuramos analisar algumas das biografias escritas por Gustavo Barroso em fins da década de 1920 e início dos anos 1930. As fontes biográficas e autobiográficas do escritor constituem um material rico que ainda carece de uma investigação mais profunda, o que infelizmente, não foi possível realizar, de todo, na dissertação. Esbarramos em alguns limites que impossibilitaram a concretização dessa pesquisa biográfica, de maneira que tal análise figurará como um tema para investigações futuras.

FONTES

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Discursos acadêmicos* (1920-1923). v. 5, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. *Discursos acadêmicos*. Tomo III, 1936-1950. Rio de Janeiro, 2007.

BARROSO, Gustavo. Culto da saudade. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 22/12/1912.

_____. *Terra de sol: natureza e costumes do norte*. Rio de Janeiro: B. de Aquila, 1912.

_____. *Praias e várzeas: a alma sertaneja*. Rio de Janeiro: Constallat, 1915.

_____. Os Dragões da Independência. *Revista da Semana - Natal*, 23/12/1916.

_____. *Heróis e bandidos: os cangaceiros do nordeste*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917.

_____. *Ao som da Viola (Folk-lore)*. Rio de Janeiro: Ribeiro Leite, 1921.

_____. *A Guerra do Lopez: contos e episódios da campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1928.

_____. *A Guerra do Rosas: contos e episódios relativos à campanha do Uruguai e da Argentina – (1851-1852) – 1ª ed.* São Paulo: Cia Editora Nacional. 1929.

_____. *As colunas do templo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

_____. *Osório, o centauro dos pampas*. Rio de Janeiro: G. M. Costa, 1932.

_____. *Luz e Pó*. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1932.

_____. *O Integralismo em marcha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

_____. *Tamandaré: O Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1933.

_____. *Brasil: colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1934.

_____. *A palavra e o pensamento integralista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1935.

_____. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1935.

_____. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1935.

_____. *Os protocolos dos sábios de Sião*. Editora; Agencia Minerva, 1936.

_____. *História Secreta do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1936-38.

_____. *Integralismo, corporativismo e cristianismo*. Rio de Janeiro: Editora ABC, 1938.

_____. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. *História Militar do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *Coração de menino*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1939.

- _____. A exposição história do Brasil em Portugal e seu catálogo. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.
- _____. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1940.
- _____. Mobiliário Luso Brasileiro. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.
- _____. Biografia do Marechal de Campo José Luiz Menna Barreto. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- _____. História e Tradição. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.
- _____. *O Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1941.
- _____. A defesa do nosso passado. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. Museu Militar. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1942.
- _____. Os museus e a guerra. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. Um valioso presente para o Museu Histórico. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. Esquematização da história militar do Brasil. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.
- _____. A casa de Marília. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- _____. A cidade sagrada. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. V, 1944.
- _____. As igrejas de Minas e a Sé Velha da Bahia. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- _____. O álbum das lágrimas de ouro. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 10. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- _____. *As sete vozes do espírito*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1950.
- _____. *História do Palácio do Itamarati*. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.
- _____. *Nos Bastidores da História do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1954.
- _____. *López do Paraguay*. Natal: Tipografia d'A República, 1927.

DUMANS, Adolpho. A idéia de criação do Museu Histórico Nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1947.

LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. v. 13. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABENSOUR, Miguel. O heroísmo e o enigma do revolucionário. In; NOVAIS, Adauto. (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Cia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALCIDES, Sérgio. “Sob o signo da iconologia: uma exploração do livro *Saturno e a Melancolia*, de R. Klibansky, E. Panofsky e F. Saxl”. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, Set. de 2001.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANKERSMIT, Frank. *Sublime Historical Experience*. Stanford: Stanford University Press, 2005.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Ronda Noturna: Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. N. 1. 1988.

ARAÚJO, Valdeci Lopes. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. v. 1. 180 p.

ARENDT, Hannah. A quebra entre o passado e o futuro. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. De Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 21, 1998.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997. 3. vol., p. 892.

BACKZO, Bronislaw. Imaginação social. Tradução de Manuel Villaverde Cabral. In: *Enciclopédia Einaudi*. Volume 5. Anthropos Homem. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

BALAKRISHNAN, Gopal. A imaginação nacional. BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BATINDER, Elisabeth. *As paixões intelectuais*. 3 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- BENJAMIN, Walter. *A origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.
- BÉRGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. In: _____ *Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. De Paulo Neves. Col. Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Vida Literária No Período Prudente de Moraes (1894-1898): Eduardo Prado, pensamento oligárquico e restauração monárquica. In: SILVA, Fernando Teixeira da *et al.* (org.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003.
- BOMENY, Helena. Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. In: *Constelação Capanema: Intelectuais e Política*. Helena Bomeny (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV; Bragança Paulista (SP): Ed. Universidade de São Francisco, 2001. 202 p.
- BONAFÉ, Luigi. *Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a República*. Niterói: PPGHIS/UFF, 2008. (Tese de doutorado)
- BOURDÉ, Guy; HERVÉ, Martin. *As Escolas Históricas*. 1983.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.
- BOSI, Alfredo. As Letras na Primeira República. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1971. t. 3, v. 2.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 19, 1997.
- _____. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 191 p.
- CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. Tradução Portuguesa de Álvaro Ribeiro. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2002.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Sob a máscara do nacionalismo: autoritarismo e anti-semitismo na Era Vargas (1930 – 1945). In: *Revista da Universidade de São Paulo*, 1990.
- CARVALHO, José. Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- _____. As Forças Armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol. 2. São Paulo, Difel, 1977.

_____. A utopia de Oliveira Vianna. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 82-99.

_____. Forças Armadas e Política: 1930-1950. In: *Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas*. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

CARVALHO, Nair de Moraes. As comemorações do setuagésimo aniversário do fundador do MHN. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. 10, 1949.

CASTRO, Celso. *A Invenção do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. Entre Caxias e Osório: A criação do culto ao patrono do Exército Brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.

CASTRO, Luiz Fernando de Valle. *As colunas do templo: História e folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFF, 2001. Dissertação de mestrado.

_____. As colunas do templo: o folclore no pensamento de Gustavo Barroso. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

CATROGA, Fernando. O magistério da História e exemplaridade do 'grande homem'. A biografia em Oliveira Martins. In: PÉRES JIMENÉS, A.; FERREIRA J. Ribeiro e FIALHO, Maria do Céu (ed.). *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Málaga, 2004.

CERTEAU, Michel de. *L'Écriture de l'histoire*, Gallimard, Paris, 1975

CELSONO, Afonso. *Porque me ufano de meu país*. Laemert & C. Livresiros - Editores, 1908.

CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia. Noções da escrita da História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, S. J. *Escrita, linguagens e objetos. Leituras de História Cultural*. Bauru: Edusc, 2004.

_____. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *Métis: história e cultura*, v.2, n 3, jan-jul. 2003.

CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

CHOR MAIO, Marcos. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

- _____. O pensamento anti-semita moderno no Brasil: o caso Gustavo Barroso. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.
- CHOUAY, Françoise. *Alegorias do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Unesp, 2006.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da Ideologia: Imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.
- _____. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. São Paulo: PPGHIS/USP, 1992. Dissertação (Mestrado em História Social).
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- _____. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. República Velha: temas, interpretações e abordagens. In: SILVA, Fernando Teixeira da et al. (org.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003.
- DÉLOYE, Yves. A nação entre identidade e alteridade: fragmentos da identidade nacional. In: BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M.; SEIXAS, J. *Razão e paixão na política*. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico – escrever uma vida*. SP: Edusp, 2009.
- EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- _____. A presença dos ausentes: A tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- ENDERS, Armelle. O Plutarco Brasileiro. A produção de vultos nacionais no segundo reinado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- FERNANDES, Cássio. Biografia, autobiografia e crônica na Florença do século XIV: as origens da historiografia moderna. *Revista História da Historiografia*, 2009.
- FERNANDES, Lia Sílvia Pires. Gustavo Barroso e o seu tempo. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reação Republicana e a Crise Política dos anos 20. In: *Estudos Históricos*, vol. 6, n. 11, 1993.
- _____. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 21, 1998.

- FRANZINI, Fábio. *À Sombra das Palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional – (1936-1959)*. São Paulo: PPGHIS/USP, 2006. (Tese de Doutorado).
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. 49ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- GADINER, Patrick. *Teorias da História*. 3ª ed. Lisboa: Fund. Cloust Gulbenkian. 1984.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. *História e Historiadores: a política cultural no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- _____. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. In: *Estudos Históricos*, 1998.
- GONÇALVES, Márcia. *Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- _____. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Souza e seu tempo. In: *Revista de História*, 2004.
- GONÇALVES, Cláudio do Carmo. *Ficções do patrimônio: raízes da memória em Gustavo Barroso e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ. 2001. Tese de doutorado.
- GONÇALVES, João Filipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- GONTIJO, Rebeca. Capistrano de Abreu, viajante. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 15 – 36, 2010.
- _____. História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu. In: *História*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 159 – 185, 2005.
- _____. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: BICALHO, Maria Fernanda B.; GOUVÊA, Maria de Fátima S.; SOIHET, Rachel. (orgs). *Culturas políticas ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- _____. Manoel Bomfim, ‘pensador da História’ na Primeira República. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, PP. 129 – 154, 2003.
- _____. O ‘Cruzado da inteligência’: Capistrano de Abreu, memória e biografia. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 41 – 76, dez. 2007.
- _____. O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. In: ABREU, Martha; GONTIJO, Rebeca; SOIHET, Rachel (orgs). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- _____. “Paulo amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (orgs.). *O Brasil Imperial (1870-1889)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914 e 1949). In: GUIMARÃES, M. L. S. (org.) *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. Entre as luzes e o romantismo: as tensões da escrita da história no Brasil oitocentista. In: _____. (org.) *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 19.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- _____. *Em 1926: Vivendo no Limite do Tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HAROCHE, Claudine. O que é o povo? Os sentimentos coletivos e o patriotismo do final do século XIX. In: BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M.; SEIXAS, J. *Razão e paixão na política*. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.
- HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- _____. O retorno de Ulisses. In: *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- _____. O tempo desorientado: tempo e história. ‘Como escrever a história da França?’ In: *Anos 90*, vol. 5, n. 7, 1997.
- _____. Tempo e patrimônio. In: *Varia História*, vol. 22, n. 36, jul/dez. 2006.
- _____. Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo. In: *Revista de História*, n. 148, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____ e RANGER, Terence. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KLIBANSKY, Raymond, PANOFSKY, Erwin, SAXL, Fritz. *Saturn and Melancholy*, New York, Basic Books, 1964.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. De W. P. Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: Contratempo, 2006.

_____. Uma História dos Conceitos: problemas teóricos e práticos. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, 1992.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1971. t. 3, v. 2.

LE GOFF, Jacques. História. In: *História e Memória*. Campinas/ São Paulo, Unicamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

_____. O guarda-memória. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 111-119. 1997.

_____. *Je est un autre*. Paris, Éd. du Seuil, 1980.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIMA, Nívea Trindade. Entre Europa e América; entre litoral e sertão. A representação geográfica da identidade nacional. In: LIMA, N. T. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Revan, 1999.

LOPES, Marcos Antônio. Saint Simon, Montesquieu, Voltaire: sobre a história dos homens ilustres. In: LOPES, Marcos Antônio. (org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História*, 1981.

LÖWY, Michel. Sentimento romântico e identidade republicana: a insurreição parisiense de junho de 1832 In: BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M.; SEIXAS, J. *Razão e paixão na política*. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.225-249.

MACHADO, Maria Helena P. T. Um mitógrafo no Império: a construção dos mitos da história nacionalista do século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.

- MADÉLENAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias... Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934 – 1937)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2004. Dissertação de mestrado.
- _____. *Troféus da guerra perdida: um estudo histórico sobre a escrita de si de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. (Tese de doutorado).
- _____. Olhares sobre Gustavo Barroso: apresentação. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2003.
- MAGNOLI, Demétrio. Produção geográfica do patriotismo. In: *O corpo da pátria Imagem geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997.
- MALERBA, Jurandir (org). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARTINS, Estevão. Historicismo: o útil e o desagradável. In: MOLLO, H. M. (Org.); VARELLA, Flávia Florentino (Org.); ARAUJO, V. L. (Org.); MATA, Sérgio da (Org.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. 1. ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2008, p. 17.
- MATOS, Olgária Chain Feres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. In: *Tempo Social*, 1995.
- MERG, Camila Ventura. O Despertar da Nação: nacionalismo e espiritualismo na doutrina integralista. *Cadernos de História*, Ano I, nº 2, set. 2006.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- _____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- _____. *Poder, Sexo e Letras na República Velha: estudo clínico dos anatólios*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *The Development of Greek Biography*. Cambridge University Press, 1971.
- MOREIRA, Afonsina Maria Augusto. *No norte da saudade. Esquecimento e memória em Gustavo Barroso*. São Paulo: PUCSP, Tese (Doutorado de História), 2006.
- MOTTA, Marly da Silva. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992. 129 p.

NICOLAZZI, Fernando F. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande e senzala e a representação do passado*. Porto Alegre: PPGHIS/UFRGS, 2008. Tese de doutorado.

_____. O Narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os Sertões*. In: *História da Historiografia*, n. 2, 2009.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert. *O Conservadorismo a serviço da memória: Tradição, Museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: PPGHIS/ PUCRIO, 2003. Dissertação de mestrado.

_____. Ouro Preto: a cidade sagrada. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 35. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia. Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. As festas que a República manda guardar. In: *Estudos Históricos*, v.2, n. 4, 1989.

_____. As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado. In: *Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas*. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, c1982. P. 505-526.

_____; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, Ed., 1982. 166 p.

OLIVEIRA, Maria da Glória. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2009. Tese de doutorado.

_____. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, George. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1086.

PADILHA, Leonardo Ayres. *Perscrutar o hinterland: o pensamento modernista de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: PPGHIS/PUC, 2005. Dissertação de mestrado.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. São Paulo: Ática, 1990.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Uma Miragem de República: sonhos e desilusões de um grupo literário. In: SILVA, Fernando Teixeira da *et al.* (org.) *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: UNIMEP, 2003.
- PEREIRA, Mateus H. de Faria. *A Máquina do tempo*: Almanaque Abril. O tempo presente entre a história e o jornalismo. Bauru: Edusc, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 3, 1989.
- _____. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, 1992.
- POMIAN, Krzysztof. Coleções. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, s/d.
- _____. Periodizações. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, s/d.
- PRIORE, Mary del. Biografia; quando o indivíduo encontra a história. In: *Tópoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009.
- PROCHASSON, Christophe. Atenção: Verdade! Arquivos Privados e Renovação das Práticas Historiográficas. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 21, 1998.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução Mario Quintana. 17 ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 48-51.
- RENAN, Ernest. *Qu'est-ce q'une nation?* Paris/London: Presses Pocket, 1992.
- RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou.... In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n. 21, 1998
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado? Questões relevantes de meta-história. In: *Revista História da Historiografia*, nº 02, 2009, p. 164.
- _____. Reconstrução do passado. *Teria da História II. Os princípios da pesquisa histórica*. Brasília, Ed. Da Universidade de Brasília, 2007.
- SALLES, Ricardo. *Joaquim Nabuco: um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- _____. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SANTOS, Evandro dos. *Temp(l)os da pesquisa, temp(l)os da escrita. A biografia em Francisco Adolfo de Varnhagen*. Porto Alegre: PPGHIST/UFRGS, 2009. Dissertação de mestrado.

- SANTOS, Mirian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*, São Leopoldo, n. 10, v. 8, jul./dez. 2004, p. 140.
- SCHREINER, Michelle. *Jules Michelet e a história que ressuscita e dá vida aos homens*. Campinas/SP: Unicamp, 2005. Tese de doutorado.
- SCHWARTZMAN, Simon. O intelectual e o poder: a carreira política de Gustavo Capanema. In: *Revolução de 30: seminário internacional realizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas*. Brasília, D.F.: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. Transformações da linguagem e o advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*, v. 6, n. 11, 1993.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. História em biografias nas Vidas de Plutarco. In: LOPES, Marcos. Antônio. (org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma História Política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472p.
- SMITH, Antony. O Nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- SOUZA, Adriana Barreto. Biografia e História na trajetória de Benjamin Constant. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2000.
- URBANO, Carlota Miranda. Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas. *Península: Revista de estudos ibéricos*. 2004.
- TOLENTINO, Thiago Lenine Tito. *Monumentos de Tinta e Papel: Cultura Política na Criação Biográfica da coleção Brasileira (1935-1950)*. Belo Horizonte: PPGHIS/UFMG, 2009. Dissertação de Mestrado.
- TRINDADE, Héliogio. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: Fausto, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1971. t. 3, v. 3.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: brasiliense, 1979.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na Trama do Arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2003. Tese de Doutorado.

_____. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. In: *Estudos Históricos*, N. 28, 2001.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.

_____. A Literatura como Espelho da Nação. In: *Estudos Históricos*, vol. 1, n. 2, 1988.

_____. A modernidade carioca na sua vertente humorística. In: *Estudos Históricos*, vol. 8, n. 16, 1995.

WILLIAMS, Darylle. *Culture wars in Brazil: The first Vargas Regime 1930-1945*

_____. Sobre patronos, heróis e visitantes: o Museu Histórico Nacional, 1930-1960. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. 29. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1997.